

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E  
TERRITORIALIDADES

DANIELLY DE SOUZA CAMPOS

**Ponte da Passagem: por  
significações**

VITÓRIA  
2016

DANIELLY DE SOUZA CAMPOS

# **Ponte da Passagem: por significações**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) como requisito parcial à obtenção do grau de mestre. Orientador: professora PhD. Moema Lúcia Martins Rebouças.

VITÓRIA

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

C198p Campos, Danielly de Souza, 1979-  
Ponte da Passagem : por significações / Danielly de Souza  
Campos. – 2016.  
160 f. : il.

Orientador: Moema Lúcia Martins Rebouças.  
Dissertação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades) –  
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes.

1. Comunicação de massa. 2. Espaço urbano. 3. Semiótica.  
4. Ponte da Passagem (Vitória, ES). I. Rebouças, Moema Lúcia  
Martins, 1957-. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro  
de Artes. III. Título.

CDU: 316.77

---

DANIELLY DE SOUZA CAMPOS

# Ponte da Passagem: por significações

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) como requisito parcial à obtenção do grau de mestre.

Vitória, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

---

Prof. PhD Moema Lúcia Martins Rebouças –  
PÓSCOM/UFES

---

Prof. PhD José Antônio Martinuzzo –  
PÓSCOM/UFES

---

Prof. PhD Milton Esteves – PPAU/UFES

## DEDICATÓRIA

A Deus e as minhas mães.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pela força e perseverança. Ao professor Fábio Gouveia, que me incentivou para voltar aos estudos. A amiga Lisa Santana pela ajuda para a realização das provas. Ao meu noivo Pablo Leon pelo apoio e companheirismo neste projeto. A equipe da Prefeitura de Vitória pela liberação e suporte, em especial à Mallena Pezzin. Agradeço também à professora Moema Rebouças pelo acompanhamento deste trabalho, conduzido com muita docilidade e paciência.

## RESUMO

A Ponte da Passagem se renova simbolicamente na cidade de Vitória. Seja pela experiência cotidiana, seja pela vivência mediada pelos Jornais A Gazeta e A Tribuna, ela ganhou novos significados, espacialidades e territorialidades. Por meio dos seus discursos, essa mídia impressa a destacou nos anos de 2009 e 2014. A interação entre ponte, mídia e usuários, em seu processo complexo de comunicação, resultou em uma nova apreensão e relação com o espaço. A semiótica discursiva possibilitou apreender os efeitos de sentidos das narrativas midiáticas, bem como identificar as estratégias de manipulação para “construir” a ponte como referência geográfica, lugar de destaque, cartão postal e/ou símbolo da cidade e lugar de violência. Nem todas as imposições da mídia foram aceitas pelos moradores, o que revela que eles participam ativamente desse processo de construção de significados.

**Palavras-chave:** Comunicação. Ponte. Semiótica. Mídia. Territorialidade.

## RESUMEN

El Puente del Passaje se renueva de forma simbólica en la ciudad de Victoria. Sé la experiencia cotidiana, si la experiencia mediada por los periódicos A Gazeta y A Tribuna, se adquirió nuevos significados, espacialidades y territorialidades. A través de sus discursos, estos medios de comunicación impresos a destacaran en 2009 y 2014. La interacción entre el puente, medios de comunicación y los usuarios, en el proceso de comunicación compleja, dio lugar a un nuevo entendimiento y relación con el espacio. La semiótica discursiva llevó a comprender mejor los efectos de los significados de las narrativas de medios e identificar estrategias de manipulación para "construir" el puente como una referencia geográfica , lugar destacado , postal y / o el símbolo de la ciudad y el lugar de la violencia. Ni todos las imposiciones de los medios fueron aceptados por la gente del lugar, lo que demuestra que ella participa activamente en este proceso de construcción de significados.

**Palavras-chave:** Comunicación. Puente. Semiótica. Medios. Territorialidade.

## LISTA DE IMAGENS

Fotografia 1 - Mapa de Vitória em 1896.....	16
Fotografia 2 – Primeira passagem: pinguela.....	18
Fotografia 3 - Segunda Ponte da Passagem em 1950.....	19
Fotografia 4 - Terceira Ponte da Passagem.....	20
Fotografia 5 - Nova Ponte da Passagem.....	21
Fotografia 6 – Protestos em 2013.....	23
Fotografia 7 – Pichação na Ponte.....	23
Fotografia 8 - Carimbo da Ponte.....	23
Fotografia 9 – Selo dos Correios.....	23
Esquema 1 – Regime de interação no espaço.....	40
Infográfico 1 – Modelo de presença verbal.....	62
Fotografia 10 - Capa de A Gazeta de 13/02/2009.....	64
Fotografia 11 - Exemplo de notícia que fala da Ponte.....	66
Fotografia 12 - Exemplo de inserção da Ponte fora de contexto.....	67
Fotografia 13 – Exemplo de inserção como referência de lugar.....	68
Fotografia 14 – Ponte como referência absoluta no território.....	69
Fotografia 15 – Ponte como referência mesmo longe do local do crime.....	70
Fotografia 16 – Lead que supervaloriza a Ponte .....	74
Fotografia 17 – Coluna Victor Hugo.....	76

Fotografia 18– Colunista Wesley Sathler pede sugestão para a ponte.....	77
Fotografia 19 – Colunista Wesley Sathler pede sugestões de nome da Ponte.....	77
Fotografia 20 – Colunista Wesley Sathler anuncia o nome oficial da Ponte.....	78
Fotografia 21 – Reportagem sobre pedestres na ponte.....	79
Fotografia 22 – Pouco espaço para o protesto de ciclistas no jornal.....	81
Fotografia 23 – Texto-legenda de crítica de ciclista ao projeto da ponte.....	82
Fotografia 24 – Leitor reconhece a Ponte como cartão postal.....	84
Fotografia 25 – Colunista Wesley Shatler apresenta a Ponte como cartão postal.....	85
Fotografia 26 - Sequência de fotos de monumentos da cidade.....	86
Fotografia 27 – Ponte como cartão postal.....	87
Fotografia 28 – Narrativa por imagens da construção da Ponte.....	88
Infográfico 29 – Representação gráfica da Ponte por seus pilones .....	89
Fotografia 30 – Construção discursiva do lugar “embaixo da ponte” .....	92
Fotografia 31 – Citação do lugar embaixo da ponte.....	93
Fotografia 32 – Distância entre Estação de Bombeamento e a ponte.....	94
Fotografia 33 – Protesto na Ponte da Passagem.....	97
Fotografia 34 – Desenho apresenta a ponte sem os pilones.....	98
Fotografia 35 – Passarela “confundida” com a Ponte.....	100
Fotografia 36 – Exemplo de “confusão” entre passarela e ponte.....	102
Fotografia 37 – Capa de A Gazeta sobre protesto na Ponte.....	103
Fotografia 38 – Manchete em detalhe da Capa de A Gazeta.....	104
Fotografia 39 – Foto em corte da manchete.....	105

Fotografia 40 – Publicação com 16 citações textuais.....	112
Fotografia 41 – Exemplo de uma isotopia de lugar.....	113
Fotografia 42 – Matéria de conteúdo diferente entre páginas.....	114
Fotografia 43 – Publicação sobre objeto grandioso.....	116
Fotografia 44 – Nota na Coluna Plenário.....	117
Fotografia 45 - Presença da Ponte em matéria de assunto diverso.....	119
Fotografia 46 – Matéria que fala diretamente sobre a Ponte.....	120
Fotografia 47 – Pouco destaque ao protesto de ciclistas .....	121
Fotografia 48 – Título e matéria desconexos para valorizar a inauguração.....	122
Fotografia 49 – Única foto do protesto de ciclistas na inauguração.....	122
Infográfico 3 – Ponte como destaque no centro da página .....	124
Fotografia 50 – Presença da ponte em matéria de reurbanização .....	128
Fotografia 51 – Ponte como monumento na Coluna Paulo Octávio.....	129
Fotografia 52 – Matéria sobre violência na ponte.....	131
Fotografia 53 – Foto e legenda sobre os protestos de 2014 .....	132
Fotografia 54 – Nota da Coluna do leitor sobre engarrafamento .....	136
Fotografia 55 – Matéria sobre o uso de armas pela Guarda de Vila Velha.....	137
Fotografia 56 – Foto do tenente-coronel Laécio Oliveira.....	138
Fotografia 57 – Marcações dos elementos de imagem.....	139
Fotografia 58 – Reinteração da foto do tenente-coronel em setembro.....	140
Fotografia 59 – Terceira reinteração da foto do tenente-coronel.....	141

Fotografia 60 - Traçado original da av. Fernando Ferrari.....	153
Fotografia 61 - Implantação da nova ponte no Canal.....	153
Fotografia 62 – Verticalidade vs horizontalidade.....	155
Fotografia 63 – Formas e elementos elementares.....	155
Fotografia 64 – Dimensão topológica .....	159

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tipo de publicações de A Gazeta em 2009.....	60
Tabela 2 – Localização das inserções em A Gazeta em 2009.....	71
Tabela 3 – Tipo de publicações de A Gazeta em 2014.....	92
Tabela 4 - Localização das inserções A Gazeta em 2014.....	93
Tabela 5 – Tipo de publicações de A Tribuna em 2009.....	109
Tabela 6 - Localização das inserções em A Tribuna em 2009.....	115
Tabela 7 – Tipo de publicações de A Tribuna em 2014.....	125
Tabela 8 - Localização das inserções em A Tribuna em 2014.....	129

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>1 PONTE: HETEROTOPIA NA PAISAGEM .....</b>	<b>31</b>
<b>1.1 PONTE DA PASSAGEM: UMA NOVA TERRITORIALIDADE? .....</b>	<b>42</b>
1.2 AS CONSTRUÇÕES DA MÍDIA .....	47
<b>2 DISCURSIVIDADES DA MÍDIA .....</b>	<b>55</b>
<b>2.1 JORNAL A GAZETA .....</b>	<b>56</b>
2.1.1 PERFIL DO ENUNCIADOR.....	56
2.1.2 ANÁLISE DE MÍDIA EM 2009 .....	60
a) Objeto grandioso .....	63
b) Lugar de destaque.....	65
c) Desconstrução do nome .....	75
d) Ausência.....	79
e) Atores no discurso .....	82
f) Cartão postal .....	83
g) Imagens.....	88
2.1.2 ANÁLISE DE MÍDIA EM 2014 .....	90
a) Imagens.....	94
b) Estudo de caso.....	102
<b>2.2 JORNAL A TRIBUNA .....</b>	<b>108</b>
2.2.1 PERFIL DO ENUNCIADOR.....	108
2.2.2 ANÁLISE DE MÍDIA EM 2009 .....	110
a) Imagens.....	123
b) Atores no discurso .....	125
2.2.3 ANÁLISE DE MÍDIA EM 2014 .....	126
a) Imagens.....	133

	b) Atores no discurso.....	136
<b>3</b>	<b>DISCURSIVIDADES DOS MORADORES .....</b>	<b>142</b>
	3.1.1 A Gazeta.....	146
	3.1.2 A Tribuna.....	147
	3.1.3 Dois jornais e não leitores.....	148
<b>4</b>	<b>PONTE DA PASSAGEM: POR UMA LEITURA .....</b>	<b>151</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>161</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>164</b>
	<b>APÊNDICE A.....</b>	<b>168</b>

## INTRODUÇÃO

Um elo, uma ligação entre território e sociedade, uma rede de significados. Pontes não são apenas objetos agregados do valor mobilidade, assumem outras funções e significações ao se fazerem presentes nas cidades e ao articularem com os passantes efeitos de sentido a partir das interações entre eles e a vida urbana.

São lugares de passagem, de trajetos e de deslocamentos que, materializados pelos projetos arquitetônicos, presentificam discursos visuais, criam efeitos de sentido de obra de arte urbana<sup>1</sup>. As pontes, a partir da impressão na utilização cotidiana dos valores de dinamismo e de mobilidade, se fixam como um lugar nas enunciações narrativas da cidade.

Quando, no cenário posto, se insere a Capital de um Estado, Vitória, cuja metade do território é composta por ilhas<sup>2</sup>, parece óbvia a necessidade de interligações com a parte continental da cidade e também com os municípios da Região Metropolitana. Ao todo, há nove pontes<sup>3</sup> na cidade, segundo a Gerência de Informações Urbanas da Prefeitura de Vitória.

Esta reflexão é sobre a primeira delas a ser construída na capital: a Ponte da Passagem, o objeto desta pesquisa. Devido à sua importância, de maneira breve, pontuaremos sobre sua história com o objetivo de contextualizar sua inserção no espaço urbano de Vitória.

Feita por índios no início do século XIX, durante o governo de Silva Pontes (1800-1804), para ligar a ilha de Vitória à parte continental da cidade, a primeira passagem,

---

<sup>1</sup> A arte urbana é uma prática social, cuja obra permite apreensão de relações e apropriação do espaço urbano, segundo Pallamin (2000, p.23) e ressignificam outras leituras ao espaço em que estão inseridas.

<sup>2</sup> Na base regional da Prefeitura da Capital do Espírito Santo, a área municipal é de 97.956 km<sup>2</sup>. Destes, 34.325 km<sup>2</sup> são ilhas, incluindo a maior de todas, a de Vitória (29.310 km<sup>2</sup>, após os aterros). A porção de continente compreende 39.667 km<sup>2</sup>. As Ilhas de Trindade e Martin Vaz, que possuem 11.780 km<sup>2</sup>, não estão inclusas na somatória.

<sup>3</sup> São elas: Governador Carlos Lindenberg (Goiabeiras-Andorinhas), Desembargador Carlos Xavier Paes Barreto (Ilha do Frade), Ayrton Senna da Silva (Jardim da Penha-Ponte Praia do Canto), Ministro Petrônio Porteira (Camburi, Praia do Canto - Jardim da Penha), Prefeito Ceciliano Abel de Almeida (Camburi, Jardim da Penha - Praia do Canto), Darcy Castello de Mendonça (3ª Ponte, Enseada do Suá- Vila Velha), Florentino Ávidos (Ilha do Príncipe - Vila Velha), Ponte do Príncipe (2ª Ponte, Mário Cypreste- Cariacica) e Ponte Seca (Vila Rubim).

na verdade, era uma “pinguela” com madeira de lei e sustentada por cavaletes. Servia apenas para pedestres, carroças e animais, ou seja, tudo que circulava até então. Apesar do uso limitado, sua importância foi significativa, pois permitiu o deslocamento por terra para o município da Serra até o início do século XX.

Esse caminho, rota dos desvatores tropeiros e os primeiros moradores de Vitória, se faz presente há 300 anos, muito antes da construção da pinguela . Desde a época no qual só existia o núcleo urbano colonial do Centro da Capital, o trajeto das tropas para o eixo norte ainda não habitado da cidade, passava pela localidade do Cruzamento, Fazenda Maruípe, e, entre morros, chegava ao Canal da Passagem. A travessia acontecia de barco.

Um dos primeiros mapas da ilha, feito em 1896 pelo sanitarista Francisco Saturnino Rodrigues Brito, já evidenciava esse caminho, que, ao contrário de hoje, desembocava antes do Morro da Passagem, onde hoje fica o bairro Andorinhas. O mapa, presente no livro *O novo Arrabalde* de Carlos Teixeira de Campos Júnior (1996), mostra a planejada expansão da cidade, concentrada no Centro Histórico, para o eixo norte, com foco na ocupação do bairro Praia do Canto.

Fotografia 1 – Mapa de Vitória em 1896



Fonte: Campos Júnior (1996)

Consta nesse livro, a citação de um percurso histórico que sai do Centro histórico da Capital, passando pelo Forte São João, por onde atualmente se encontra a Avenida Vitória, até o Cruzamento, por onde segue por Maruípe, até a região denominada Bomba, atual bairro Santa Luíza. Ali, ao lado do Morro da Passagem, as tropas cruzavam o Rio da Passagem passando pela ponte.

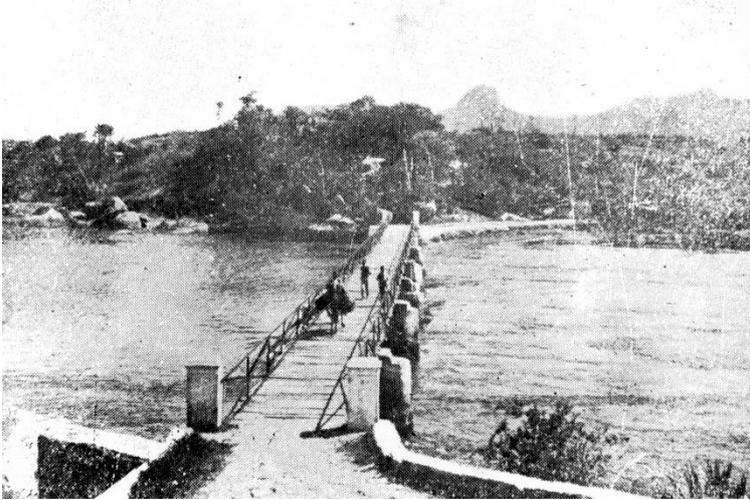
Se observarmos o mapa, percebemos que esse caminho foi preservado e resultou na configuração atual das principais vias existentes na região – as avenidas Maruípe, Leitão da Silva e Nossa Senhora da Penha, todas levam à Ponte da Passagem. Da mesma forma, outra linha, do lado do continente, que se transformaria na Avenida Fernando Ferrari, possibilitou o acesso à pinguela, que era amplamente utilizada nesse trajeto importante na cidade.

O naturalista Saint-Hilaire, em visita à Província do Espírito Santo, descreve essa paisagem do Canal da Passagem no início do século XIX. A separação entre a ilha e o continente, de acordo com ele, era feita por um braço de mar muito estreito e, “vista de certos pontos, confunde-se com a terra firme. Esta tem tido comunicação com a ilha, através de uma ponte de madeira sobre o braço de mar, no lugar chamado Passagem de Maroipe [sic]” (SAINT-HILAIRE, 1974, p.63).

Após a ponte, foi aberta na mata a estrada de rodagem de Vitória à Serra em terra batida, seguindo, o traçado similar ao da atual Avenida Fernando Ferrari.

A natureza naquele tempo era abundante, faltava a iniciativa do homem para torná-la apta a ser utilizada. Toda região leste da ilha de Vitória, possuidora das melhores praias, de que hoje fazem parte dos bairros Praia do Canto, Santa Lúcia, Santa Helena, Suá, Horto e Jucutuquara, e que formava o Novo Arrabalde, projetado no século XIX por Saturnino de Brito ainda estava desocupada. Algumas poucas vias tinham sido abertas, apenas uma pavimentada. Não havia infra-estrutura [sic] básica, e a sua ligação com o centro da cidade, realizada por uma linha de bondes, era precária (CAMPOS JÚNIOR, 1996, p.167).

Fotografia 2 – Primeira passagem:a pinguela



Fonte: Prefeitura de Vitória

Com a ocupação urbana na região, a natureza foi suprimida para dar lugar a residências. As margens deixaram de ser limites e passaram a ser suportes de um novo território.

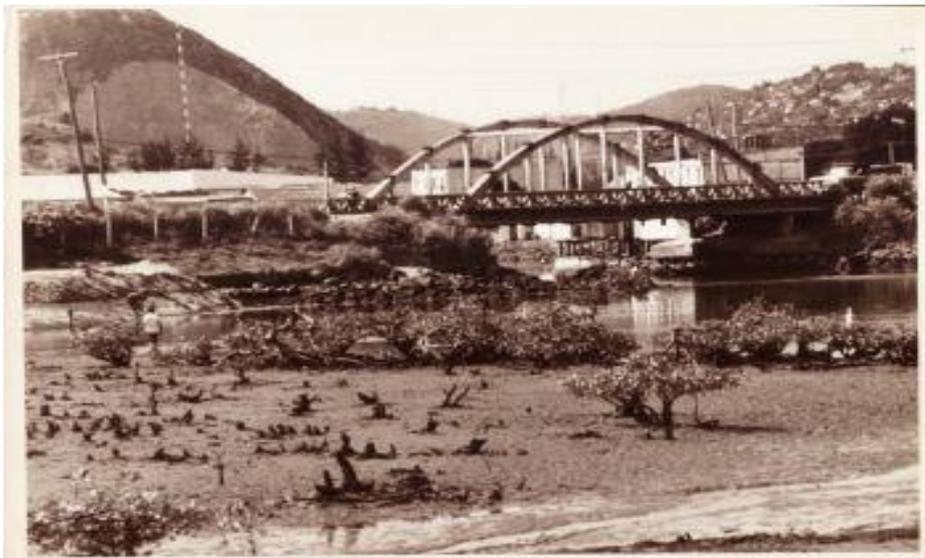
Em relação ao seu posicionamento no espaço, a Ponte da Passagem foi instalada, inicialmente em Santa Luíza, mas foi avançando até o bairro vizinho, Andorinhas, que nasceu de uma ocupação irregular e desordenada do manguezal no início dos anos 1960. Muitos migrantes do interior do Estado, em busca de trabalho e melhores condições de vida, se aglomeraram em palafitas e, sem critério, delimitavam seus terrenos e, posteriormente, efetuavam o aterro.

Do lado norte da ponte, estão os bairros Pontal de Camburi e Jardim da Penha, localidades que compreendiam a antiga fazenda Mata da Praia do capitão Justiniano Azambuja Meyrelles, com escritura datada de 1891. Até a década de 1950, a Praia de Camburi só era acessada por barco ou pela estrada de rodagem Vitória-Serra, após caminhada pelo mato. Em 1928, Ostilho Ximenes faz um loteamento e cria um jornal para divulgar o negócio, que não deu certo. O jornal foi vendido a Thiers Velloso, que o transformou no Jornal A Gazeta, em circulação até os dias de hoje. O bairro foi loteado de fato após 1950.

Invasões também aconteceram nas imediações do canal, também em Pontal de Camburi e Jardim da Penha, segundo consta na história do bairro no site<sup>4</sup> da Prefeitura de Vitória. O conflito da ocupação ordenada vs desordenada marca o entorno da ponte.

Em 1927, devido ao péssimo estado da pinguela, a prefeitura contratou a Construtora Christian & Nilsen para construir uma nova ponte em concreto armado. Ela foi inaugurada em 1930. Tinha uma faixa por sentido e espaço segregado dos veículos para a passagem de pedestres.

Fotografia 3 - Segunda Ponte da Passagem em 1950



Fonte: Prefeitura de Vitória

Devido ao seu péssimo estado pelo uso e ao risco de desabamento na década de 1970, uma área ao lado da ponte foi desapropriada para a construção da “terceira” Ponte da Passagem, que tinha 50 metros de comprimento, espaço para pedestre e duas faixas por sentido. Seu nome oficial era Ponte Armando Soares de Aguiar, mas sempre foi conhecida como Ponte da Passagem. Nessa época, o atual complexo

---

<sup>4</sup>Disponível em <http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/bairros/regiao6/jardimdapenha.asp>.

Avenida Nossa Senhora da Penha, ponte e Avenida Fernando Ferrari, eram estrada federal que levava à saída do município.

Fotografia 4 – Terceira versão da Ponte da Passagem em 1990



Fonte: Prefeitura de Vitória

Apesar da ampliação da capacidade de tráfego, com a inserção de uma faixa de rolamento em relação ao modelo anterior, e de ter perdido os arcos, ela não acompanhou o aumento de veículos desde o intenso período de crescimento da cidade. No final dos anos 1990, ela já era novamente um gargalo na cidade em relação à mobilidade. Isso motivou a sua renovação.

O Governo do Estado e a Prefeitura de Vitória, dentro do projeto de ampliação da Avenida Fernando Ferrari, identificaram a necessidade de construção de uma nova ponte. Na verdade, foram construídas duas pontes, compostas por tabuleiros distintos, sendo cada um deles para cada sentido de tráfego, segundo consta no livro *Uma nova Passagem* (2009). Ainda assim faremos a opção de manter a denominação de Ponte da Passagem, ao invés de Pontes, para sermos mais fiéis à forma como popularmente ela é conhecida.

Inaugurada em 2009, ela é a primeira ponte estaiada do Estado do Espírito Santo. A nova Ponte, também denominada Ponte Carlos Lindenberg, possui três faixas no

sentido Centro-Jardim da Penha e quatro faixas no sentido contrário, Jardim da Penha-Centro, para possibilitar, exclusivamente, o deslocamento de 75 mil veículos por dia.

Fotografia 5 - Nova Ponte da Passagem



Fonte: Prefeitura de Vitória

Ela possui 55 metros de altura, o que equivale a um prédio de oito pavimentos. Tem 270 metros de extensão, com 22,2 metros de largura. Os 32 cabos de aço sustentam dois tabuleiros suspensos a oito metros do espelho d'água para viabilizar no futuro, segundo promessas dos governos estadual e municipal, a passagem de embarcações pelo Canal da Passagem.

A Ponte da Passagem, ao longo da sua história, foi renovada, ampliada e alterada substancialmente de acordo com a arquitetura e o desenvolvimento técnico de cada época. Desde a construção da pinguela há mais de 200 anos, ela passou por quatro grandes mudanças substanciais, na maior parte ampliações significativas em relação à sua capacidade. É a única ponte na cidade que passou por tantas renovações urbanas que alteraram substancialmente suas características estéticas, ao contrário das pontes Florentino Avidos, Segunda Ponte e Terceira Ponte.

De fato, o atual modelo estaiado, em moda nas grandes cidades brasileiras e no mundo, destoa de todas outras ampliações, sobretudo no que tange à estética.

Atualmente, ela é um elemento espacial de expressividade na cidade, além de um equipamento de mobilidade e monumento arquitetônico.

A ponte foi apontada, no discurso do Governo do Estado, como a solução de mobilidade no eixo norte. De certo, uma mobilidade questionável e, de certa forma elitista, pois beneficiou diretamente apenas quem se desloca na cidade por meio de veículos, excluindo pedestres e ciclistas desse trajeto. Não se justifica o isolamento dos pedestres nessa travessia, contrariando as origens do equipamento.

Seguindo a tendência de crescimento da cidade, o carro foi ganhando cada vez mais espaço, e o equipamento foi se renovando, até chegar ao ponto de se fazer uma estrutura exclusiva para veículos. A passagem de pedestre e de ciclistas foi segregada a uma passarela, inaugurada em 2010, um ano e quatro meses depois da ponte. A passagem para a população, que há mais de 200 anos que caminhava sobre o canal, foi interrompida.

Percebe-se que o cenário em questão é uma paisagem em construção. A renovação urbana ainda não acabou com a conclusão da ponte e da passarela, que são objetos urbanos relativamente novos. Eles não tiveram os projetos concluídos nas cabeceiras e por isso necessitam de uma reurbanização. A Prefeitura anunciou<sup>5</sup> a intenção de fazer uma grande praça de lazer, que vai dar um novo uso a esse lugar. Em 2015, foi aberto um chamamento público<sup>6</sup> para a exploração econômica desses espaços em troca de benfeitorias urbanas. Segundo anunciado na mídia, essa ocupação está prevista para acontecer no ano de 2016.

Os antigos modelos da ponte não promoveram mudanças tão significativas em relação a como as pessoas interagem com a ponte e o espaço. Um dos indícios que sustenta tal afirmação é a apropriação do local. Hoje ela é um objeto plenamente midiático e palco de protestos, de eventos e até de pichação.

---

<sup>5</sup> Fonte: [http://gazetaonline.globo.com/\\_conteudo/2009/08/noticias/a\\_gazeta/dia\\_a\\_dia/526969-praca-e-calcadao-na-regiao-da-nova-ponte-da-passagem.html](http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2009/08/noticias/a_gazeta/dia_a_dia/526969-praca-e-calcadao-na-regiao-da-nova-ponte-da-passagem.html)

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.vitoria.es.gov.br/noticia/empresas-poderao-explorar-area-na-cabeceira-da-ponte-da-passagem-19025>

Foto 6 e 7 – Protestos em 2013 e Pichação na Ponte da Passagem



Fonte: Jornal A Gazeta (2013 e 2014)

A imponente nova Ponte da Passagem ilustra a cidade de Vitória em selos comemorativos, capas de revistas, jornais, cartões postais, sendo, inclusive, cenário no telejornal ESTV primeira e segunda edição, da TV Gazeta. Além dessa presença na mídia, de uma maneira geral, sua presença na cidade é mais expressiva: impossível que um objeto tão grande e diferente, inserido em um espaço urbano dividido entre terra e mar, mangue e cidade, não se torne um equipamento de contemplação.

Fotografias 8 e 9 – Carimbo da Ponte e Selo comemorativo dos Correios



Fonte: Correios

A nova ponte passou a ser um ponto turístico. No site<sup>7</sup> da Prefeitura de Vitória, ela também é classificada como patrimônio contemporâneo da cidade. Por esses novos papéis, a Ponte da Passagem pode ser considerada um novo sujeito na cidade, um objeto significativo por si só. Segundo Marzulo (1997, p.15), esse movimento revela uma identificação e a apropriação do lugar. Acontece uma nova construção no campo da significação.

Considerando que a mídia, de uma maneira geral, também contribui no processo de constituição de lugares a partir da reprodução de discursos que, conforme mencionado por Greimas (1973), produzem a significação do espaço, temos três atores - ponte, mídia e usuários - e um desafio: entender como é o processo de produção de sentidos que essa interação articula.

Desde antes de sua construção, a nova ponte se faz presente no discurso da mídia impressa capixaba, aqui representada pelos veículos de comunicação A Gazeta e A Tribuna. Durante suas coberturas relacionadas à ponte, ela apresenta abordagens diferentes do equipamento, sobretudo, após 2009.

Antes desse período, os jornais impressos - da época e os que surgiram depois - publicaram matérias que apresentam o enfoque do equipamento restrito como um objeto de mobilidade. Eles registraram e acompanharam os problemas de uso e desgaste ao longo do tempo que motivaram as renovações arquitetônicas, bem como as suas inaugurações.

A partir de 2009, com a implantação de um modelo estaiado, há uma quebra nesse modo de olhar da mídia sobre a ponte. Ela passa a apresentá-la aos leitores em seus discursos de maneira diferente: além de abordagens do equipamento de mobilidade da cidade, a ponte passa a ter sua imagem ilustrando notícias que fogem do contexto do trânsito, como Economia, Esportes, Polícia, entre outros.

A apropriação da mídia ampliou a presença desse equipamento nos jornais. O enunciador midiático realiza operações narrativas, de acordo com suas intencionalidades, que fazem também novas construções simbólicas. A Ponte passa a ter novos papéis no discurso, o que influencia o modo de ver dos cidadãos. Além da

---

<sup>7</sup> Disponível em [http://vitoria.es.gov.br/cidade/patrimonios-contemporaneos#a\\_pontedapassagem](http://vitoria.es.gov.br/cidade/patrimonios-contemporaneos#a_pontedapassagem)

experiência física com o equipamento no território ocupado, eles têm uma outra vivência da Ponte mediada pela mídia.

Para avaliar essa vivência, esta pesquisa se propõe a analisar esse processo, utilizando como chave de leitura a semiótica discursiva ou francesa, aplicada às publicações locais dos jornais A Gazeta e A Tribuna. Será feita a leitura de textos e de imagens desses jornais no ano de inauguração da ponte (2009), juntamente com os recortes dos mesmos periódicos sobre o equipamento no decorrer do ano de 2014. A proposta é identificar o que a mídia comunica, em seus discursos, sobre a Ponte da Passagem.

O objetivo geral desta pesquisa é identificar os efeitos de sentidos produtores de significações apreendidos sobre a Ponte da Passagem a partir da reflexão de como a mídia impressa a significa e se isso influencia a apreensão dos moradores do entorno e usuários da ponte.

Nas análises da mídia impressa, podemos listar, como objetivos específicos, mapear as matérias veiculadas sobre a Ponte da Passagem para detectar em quais editoriais e colunas foram publicadas e depreender os valores inscritos e postos em circulação pelos jornais; apontar como é articulada essa construção de sentidos da ponte pela mídia no ano de sua construção; relacionar os discursos midiáticos que contribuem no processo de constituição desse lugar; identificar como se consolida esse processo pela mídia cinco anos depois; na investigação com os moradores e usuários da ponte, compreender como se dá a apreensão do discurso da mídia; apontar os modos de presença da Ponte na mídia e para os moradores e usuários para compreender os valores inscritos e a ocorrência de práticas de vida e a relação afetiva com o equipamento e/ou o lugar.

Como metodologia de análise dessas relações entre a Ponte da Passagem, os usuários e a mídia, será feita uma leitura semiótica sincrética das publicações dos jornais A Gazeta e A Tribuna. Esse método permitiu a avaliação de textos e de imagens, união de diversas linguagens, desses periódicos no ano de inauguração da nova ponte, em 2009, juntamente com os recortes dos mesmos periódicos sobre o equipamento no decorrer do ano de 2014.

Também foi feita uma pesquisa qualitativa com 52 moradores e usuários do espaço no qual a ponte está inserida com o preenchimento de um questionário com perguntas direcionadas sobre o tema. A apuração aconteceu nas cabeceiras da ponte, nos bairros de Andorinhas e Jardim da Penha, em horário comercial em dias úteis.

A opção pela aplicação de questionário, como técnica de coleta de informações, se deu para captar os discursos dos sujeitos sobre a ponte sobre as práticas e crenças do objeto de pesquisa. As questões do questionário, que teve como metodologia a Escala Likert, foram organizadas e escolhidas tendo como fio norteador a hipótese de pesquisa de que a mídia impressa capixaba se apropriou da Ponte da Passagem e a inseriu esse equipamento em suas diversas modalidades de discurso e de narrativas.

É importante ressaltar que não se trata de uma pesquisa de recepção, mas de percepção da significação apreendida. Fiorin (2004) pontua que os estudos de recepção das mensagens, a partir das teorias de significação, como a semiótica, são uma das formas de se analisar a mídia e seus impactos. A comparação desse resultado com a análise dos recortes de jornal permitirá avaliar se há relação entre o que a mídia veicula sobre a Ponte e como as pessoas apreendem sobre ela.

Também será feita a leitura semiótica sobre a significação da Ponte da Passagem, com os conceitos da corrente da semiótica plástica, com a análise da figuratividade da Ponte da Passagem, ou seja, dos seus elementos plásticos, estéticos e estésicos. Ela terá como fundamento os estudos de Oliveira (2004) e Rebouças (2009).

Para as análises dos textos e imagens dos jornais, constituídos por vários sistemas de linguagem, a base da análise será semiótica sincrética tal como apontam os estudos de Floch (2009) e Oliveira (2009).

Com a análise semiótica das matérias jornalísticas e da pesquisa aplicada com os moradores será possível comparar as produções discursivas e os efeitos de sentidos produzidos tanto pela ponte, como pelas mudanças no entorno ocasionadas para recebê-la, sobre os sujeitos que ali habitam e/ou transitam. Interessa neste estudo compreender a formação discursiva de quem fala, no caso o que os jornais e moradores dizem da ponte, para que se apreendam os valores inscritos em seus discursos e as coerções sociais das quais eles emergem (Fiorin, 2011).

Parte-se para a análise de significação da ponte, sob o aspecto das discursividades da mídia e dos moradores. A comparação desses dois resultados vai detectar as formas de apreensão do sensível relacionada às significações que a Ponte da Passagem assume enquanto discursividade. Ou seja, a construção do espaço e de territorialidades pelas realidades significantes que emergem dos efeitos de sentido obtidos pela análise.

Poucos trabalhos trazem a Ponte da Passagem como temática. O livro *Por uma nova passagem*, em única edição, foi publicado em 2009, da jornalista Valéria Cristina Morgado Ribeiro, então assessora de comunicação do Departamento de Estradas e Rodagens do Espírito Santo (DER-ES), que executou a obra de construção da ponte, e da historiadora e professora do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Patrícia M.S. Merlo.

O livro é uma publicação do Governo do Espírito Santo e seu caráter é institucional. Ele possui, ao início, um resgate da história da ponte. Em seguida, traz todas as matérias publicadas no site es.gov.br sobre a construção do equipamento, desde a assinatura da ordem de serviço, em 2005, até a inauguração, em 2009. Na última parte, apresenta o detalhamento do projeto e da execução da obra em cada uma das suas fases. Com muitas imagens de cada etapa, *Por uma nova passagem* faz um registro fotográfico da construção da ponte, desde a chegada das imensas peças de aço ao canteiro até a visitas de políticos à obra.

O resgate histórico é concluído com a publicação de *facsimil* da época que anunciam a construção da “terceira” Ponte da Passagem, em 1973. Em seguida, o livro se concentra na construção da nova ponte, sem devido aprofundamento sobre os mais de 30 anos de utilização do equipamento até a inauguração da nova ponte. Em sua maioria, o conteúdo da publicação não tem valor para esta pesquisa, cujo foco é o campo da significação.

Em relação a trabalhos acadêmicos, no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), houve a defesa, em maio de 2014, da dissertação “Pontes da Passagem: por uma fenomenologia do lugar” da arquiteta e urbanista Ligia Betim Marchi. O objetivo foi investigar as relações existentes entre o sujeito e o lugar a partir dos conceitos da

Fenomenologia. A Ponte da Passagem é abordada como um conector do tecido urbano. A forma arquitetônica, como foi projetada, molda lugares e subjetividades dos usuários.

No campo da comunicação e da expressão, não há publicações específicas sobre pontes. O foco das pesquisas está na narrativa das cidades de uma maneira geral, sendo que as pontes se inserem nesse contexto como elementos que referenciam a urbe.

Quando o filtro passa a ser a semiótica, é importante pontuar a produção do Centro de Pesquisa Sociosemiótica (CPS) do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), polo de produção de conhecimento em semiótica discursiva. O seu trabalho tem se pautado em apresentar e/ou desenvolver aparatos teórico-metodológicos capazes de analisar conteúdos e explicar o funcionamento, os modos de produção e apreensão da significação nos diferentes discursos e práticas sociais, a partir das contribuições de Eric Landowski, discípulo de Greimas.

Em 20 anos de atuação, o CPS reúne pesquisadores que pensam a cidade vivida e mediatizada ou trabalham na análise da construção discursiva da urbanidade. Parte dessas reflexões está nos livros *São Paulo público & privado – Abordagem sociosemiótica* (2014), bem como em *Interações Sensíveis: ensaios sobre sociosemiótica a partir da obra de Eric Landowski* (2013), ambos organizados pela professora Ana Cláudia Mei de Oliveira.

Uma dissertação em específico do CPS nos interessou pela afinidade com esta pesquisa: *A ponte estaiada Octavio Frias de Oliveira na construção de sentidos para a cidade de São Paulo* de Luciana Rossi Cotrim (2013). Ela analisa a figuratividade da ponte, bem como narrativas do entorno, as redes interdiscursivas que promovem visibilidade local e global e as relações do objeto com os sujeitos em suas práticas de vida.

Esse trabalho, que é bem amplo, é o mais próximo desta pesquisa, por utilizar o mesmo aparato teórico-metodológico e pela similariedade dos objetos. O foco da dissertação de Cotrim é o estudo das linguagens que constroem a visibilidade da ponte, caracterizando-a com um modo de presença polissêmico que promove

processos comunicacionais e sociopolíticos que (re) significam São Paulo e seus habitantes. A partir da análise dos discursos sincréticos construídos por meio de diferentes linguagens - urbanística, arquitetônica, estética, midiática e social - que ultrapassam a função básica de circulação viária da Ponte Octávio Frias, produzem efeitos que a tornam singular.

De fato, as poucas pesquisas com o tema no campo da Comunicação, bem como da Linguagem, acabam sendo um incentivo para novos trabalhos. Considerando que os estudos que utilizam o instrumental da semiótica discursiva também são recentes, sendo desenvolvidos a partir do final da década de 1960, se faz importante que se produzam trabalhos acadêmicos com essa metodologia para ampliação e desenvolvimento dessa teoria.

Esta pesquisa é relevante no sentido de identificar não só como é construído midiaticamente o lugar Ponte da Passagem como e no espaço da cidade, como é a relação dos moradores com o lugar. Esses estudos que relacionam processo de comunicação entre as pessoas e o espaço devem ser estimulados para um auto conhecimento sobre como elas se relacionam e interagem na cidade, criando narrativas urbanas a partir da sua apropriação do lugar e das práticas de vida.

Além disso, tendo em vista que o Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades se propõe a pensar as práticas, os processos e os produtos comunicacionais que ocorrem nas territorialidades, esta pesquisa propõe uma análise do elo entre a Ponte da Passagem, seus usuários e a mídia pelo fio condutor da linguagem, para identificação das suas espacialidades a partir de seus modos de presença, tal como definidos por Landowski (2012). Desse modo, na pesquisa qualitativa com os moradores/usuários da ponte, os regimes de visibilidade e de interação de sentidos da sociosemiótica, proposta por Landowski (1992), constituirão a base para esse ponto de contato entre a Ponte e os usuários.

Por sua vez, neste caso, estudar a mídia - o complexo de meios de comunicação que envolve mensagem e recepção – é entender suas características centrais, como sua influência em relação ao público e a manipulação dos elementos simbólicos. Esta pesquisa se justifica, no Campo da Comunicação, em função de se propor a identificar

a “imagem” que a mídia criou da Ponte e a penetração social do seu discurso nos pedestres e as comunidades do entorno desse equipamento.

A escolha particular da mídia impressa para esse trabalho se deu, inicialmente, após a percepção, por meio da leitura diária dos periódicos, de que eles publicavam muitas fotografias da Ponte da Passagem em matérias que não tratavam sobre o equipamento, mas sobre a cidade de Vitória. Era uma tentativa de construir simbolicamente, por meio do seu discurso, um símbolo da cidade.

A mídia impressa produz uma narrativa que possui maior durabilidade, em função do tempo e do papel, que serve, em muitos casos como documento, e, conseqüentemente de credibilidade. Ela, particularmente, também tem uma grande capacidade em relação à influência do público e de pautar outros veículos de comunicação para que abordem o assunto. É devido a essas características que a pesquisa optou pela análise de jornais.

O trabalho foi dividido em quatro capítulos. Em “Ponte: heterotopia na paisagem”, é feita uma reflexão teórica sobre o papel das pontes, suas territorialidades e as construções da mídia. Os recortes de jornais que falam da ponte foram analisados em “Discursividades da mídia”, sendo inclusive separadas as narrativas de A Gazeta e A Tribuna para facilitar o entendimento.

Em “Discursividades dos moradores e usuários da ponte”, é feita a análise dos resultados da pesquisa de campo sobre o que pensam e como significam a ponte para avaliar a aceitação do discurso da mídia entre seus leitores. Por último, é feita uma leitura da pesquisadora sobre a significação da ponte, a partir dos seus elementos figurativos e de sua utilização pelos moradores.

## 1. PONTE: HETEROTOPIA NA PASSAGEM

Heidegger (2010), ao refletir sobre o papel de pontes como lugares, reconhece que se trata de um elemento de integração, “uma coisa dotada de propriedades sensíveis”. Certamente a ponte é um equipamento singular de ligação de dois espaços que possibilita uma reflexão do seu papel, sobretudo no campo da significação.

A ponte não se situa num lugar. É da própria ponte que surge um lugar. A ponte é uma coisa. A ponte reúne integrando a quadratura, mas reúne integrando no modo de propiciar à quadratura, estância e circunstância. A partir dessa circunstância determinam-se os lugares e os caminhos pelos quais se arruma, se dá espaço a um espaço. Coisas, que desse modo são lugares, são coisas que propiciam cada vez mais espaços (HEIDEGGER, 2010, p. 133 ).

Os contatos e a nova comunicação proporcionados pelas pontes, por si só, já influenciam diretamente na maneira como as pessoas, anteriormente em espaços separados, se relacionam entre si e com o próprio lugar. Após a união, as margens deixam de ser limites e passam a ser suportes de um novo território, que, referenciado pelo movimento, se consolida.

A ponte pende com leveza e força sobre o rio. A ponte não apenas liga margens previamente existentes. É somente na travessia da ponte que as margens surgem como margens. A ponte as deixa repousar de maneira própria uma frente à outra. Pela ponte, um lado se separa do outro. As margens também não se estendem ao longo do rio como traçados indiferentes da terra firme. Com as margens, a ponte traz para o rio as dimensões do terreno retraídas em cada margem. A ponte coloca numa vizinhança recíproca a margem e o terreno. A ponte reúne integrando a terra como paisagem em torno do rio. A ponte conduz desse modo o rio pelos campos. Repousando impassíveis no leito do rio, os pilares da ponte sustentam a arcada do vão que permite o escoar das águas. A ponte está preparada para a inclemência do céu e sua essência sempre cambiante, tanto para o fluir calmo e alegre das águas, como para as agitações do céu com suas tempestades rigorosas, para o derreter da neve em ondas torrenciais abatendo-se sobre o vão dos pilares. Mesmo lá onde a ponte recobre o rio, ela mantém a correnteza voltada para o céu pelo fato de recebê-lo na abertura do arco e assim novamente liberá-lo. A ponte permite ao rio o seu curso ao mesmo tempo em que preserva, para os mortais, um caminho para a sua trajetória e caminhada de terra em terra (HEIDEGGER, 2010, p. 131).

A partir dessa abordagem, percebe-se que, apesar de estática, a ponte preserva, além do passeio de pessoas e de veículos, o curso de água, de animais e de ventos. Em qualquer sentido, em cima ou embaixo, a ideia do movimento permanece ligada a esse equipamento, mesmo a fluidez não sendo necessariamente a natural, a pura, como a do espaço isento de intervenções humanas.

A ponte também (re) significa e (re) constrói o espaço entre duas fronteiras. Para Certeau (2007, p.112), ora ela solda ora contrasta insalubridades, ao mesmo tempo em que livra do pensamento e destrói a autonomia.

O equipamento, construído para permanecer, ou seja, com uma característica de certa atemporalidade, trabalha com uma temporalidade flexível. Ela é a do passeio, do atravessar, independente do meio que se usa para isso. Para quem usa, é um economizador de tempo e esforço, quando comparado ao trajeto que teria que ser feito se não houvesse a ponte.

No âmbito da paisagem, a ponte é a mudança que soma ao que existe no cenário, que pode ser, eventualmente, encoberto ou valorizado. Essa construção é edificar lugares, “produzir espaços”. Partindo dessa premissa, a ponte se constitui em um espaço. É um lugar praticado, como denomina Certeau (2007).

Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidades e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais (CERTEAU, 2007, p. 202).

Michel Foucault (2003) faz uma reflexão teórica sobre a evolução do espaço até a contemporaneidade. Ele se dedica à análise, sobretudo, do que denomina o “espaço de fora”, que particularmente interessa nesse pensamento.

A obra – imensa - de Bachelard, as descrições dos fenomenólogos nos ensinaram que não vivemos em um espaço homogêneo e vazio, mas, pelo contrário, em um espaço inteiramente carregado de qualidades, um espaço que talvez seja povoado de fantasmas; o espaço de nossa percepção primeira, o de nossos devaneios, o de nossas paixões possuem neles mesmos qualidades que são intrínsecas; é um

espaço leve, etéreo, transparente, ou então é um espaço obscuro, pedregoso, embaraçado: é um espaço do alto, um espaço dos cumes e, pelo contrário, um espaço de baixo, um espaço de limo, um espaço que pode ser corrente como água viva, um espaço que pode ser fixo, imóvel como a pedra e o cristal. Entretanto, essas análises, embora fundamentais para a reflexão contemporânea, se referem, sobretudo ao espaço de dentro. É do espaço de fora que gostaria de falar agora. O espaço no qual vivemos, pelo qual somos atraídos para fora de nós mesmos, no qual decorre precisamente a erosão da nossa vida, de nosso tempo, de nossa história, esse espaço que nos corrói e nos sulca é também em si mesmo um espaço heterogêneo. (FOUCAULT, 2003, p. 413).

Para ele, esse conjunto de relações define posicionamentos que se interligam. Os de passagem, por exemplo, ruas e trens, estão ligados aos de parada, como um cinema, bem como aos de repouso, como uma casa ou quarto, entre outros. Sob essa ótica, a ponte é um lugar de passagem.

Foucault não se preocupa em detalhar em minúcias as características e dinâmicas desses posicionamentos. Mas concentra seus esforços em dois tipos, que apresentamos aqui por sua pertinência: a utopia – espaços essencialmente irreais – e a heterotopia – lugares reais, delineados na própria sociedade, que, embora sejam localizáveis, são lugares que estão fora de todos os lugares.

O espelho, afinal, é uma utopia, pois é um lugar sem lugar. No espelho, eu me vejo lá onde não estou, em um espaço irreal que se abre virtualmente atrás da superfície, (...). Mas é igualmente uma heterotopia, na medida em que o espelho existe realmente, e que tem, no lugar que ocupo, uma espécie de efeito retroativo: é a partir do espelho que me descubro ausente no lugar em que estou porque eu me vejo lá longe. A partir desse olhar que de qualquer forma se dirige para mim, do fundo desse espaço virtual que está do outro lado do espelho, eu retorno a mim e começo a dirigir os meus olhos para mim mesmo e a me constituir ali onde estou: o espelho funciona como uma heterotopia no sentido em que ele torna esse lugar que ocupo, no momento em que olho no espelho, ao mesmo tempo absolutamente real, em relação com todo o espaço que o envolve, e absolutamente irreal, já que ela é obrigada, para ser percebida, a passar por aquele ponto virtual que está longe (FOUCAULT, 2003, p. 415).

Foucault (2003, p. 417) aponta princípios para a caracterização de uma heterotopia: funcionamento preciso e determinado no interior da sociedade; justaposição de um só lugar real em vários espaços; ligação com recortes/acumulação de tempo, sistema de abertura e fechamento que as isola ou torna acessível; e uma função social.

Bem, a partir dessa reflexão, é possível apreender que a ponte é uma heterotopia, não só pelos princípios apontados por Foucault, mas também pelo pensamento filosófico de Heidegger. Seus movimentos programados, a presença em um não lugar, uma fronteira, o antagonismo terra vs mar, sua função de ligação territorial e social-comunicativa são algumas das características que sustentam essa conclusão.

Quando a reflexão passa para o objeto desta pesquisa, a Ponte da Passagem, ela permite o contato entre pessoas e trechos do próprio território – ilha vs continente -, sendo meio e suporte. Há uma importância social neste caminho centenário que manteve o arruamento inicial da cidade. Segundo Certeau (2007, p. 176), os jogos de passos no caminhar moldam espaços e tecem lugares. São movimentos que formam um sistema real que faz efetivamente a cidade.

Os destaques de percurso perdem o que foi: o próprio ato de passar a operação de ir, vagas ou “olhar as vitrines”, noutras palavras, a atividade dos passantes é transposta em pontos que compõem sobre o plano uma linha totalizante e reversível. (...) O traço vem substituir a prática. Manifesta a propriedade voraz que o sistema geográfico tem de poder metamorfosear o agir em legibilidade, mas aí ela faz esquecer uma maneira de estar no mundo (CERTEAU, 2007, p. 176).

Para ele, o processo de apropriação do pedestre, além de ser uma realização espacial do lugar, implica em relações, contratos pragmáticos sob a forma de movimentos. A caminhada cria uma “organicidade móvel do ambiente”. Certeau acredita que o percurso do pedestre permite a criação de relações de valores cognitivos.

Nesse sentido, a Ponte da Passagem é como artifício de costura urbana cujo objetivo é vencer a barreira do Canal da Passagem, para aproximar a cidade, que se desenvolveu historicamente na ilha principal, com o mundo ao redor, para manter a comunicação interrompida pelo meio ambiente. Por um outro viés, uma tentativa cíclica de negar sua condição de espaço isolado pela natureza, mas de avançar no sentido de ser um sujeito conectado, interligado e interativo.

Por outro lado, é cruzamento linear. Se as cidades podem ser apreendidas por meio do movimento, dos deslocamentos, esse elemento de ligação contribui na vivência estética no âmbito da localidade e da urbe.

Estamos tratando de uma interação que não é estática. A experiência com o equipamento mudou à medida em que a ponte foi sendo alterada/renovada, bem como as alterações na paisagem com as mudanças estéticas. Ela proporciona uma nova forma de experimentação com e como o espaço. A ponte é vista e se faz sentida esteticamente por seus transeuntes, a partir de seus elementos figurativos e pelas relações sociais vividas nesse lugar.

Para analisar as presenças física e discursiva nos jornais sobre a ponte, a ferramenta é a semiótica plástica, uma linha dentro da semiótica discursiva. Greimas (1974, p.135) apresenta, em um âmbito de leitura da cidade, que retas, curvas e oposições dos objetos apresentam os primeiros elementos de significação. Em seguida, a formação de figuras geométricas simples, como quadrado, triângulo e círculos, também integram essa apreensão. Floch (1985) avançou nesses estudos, ampliando essas categorias de leitura dos objetos, como formantes eidéticos (formas), cromáticos (cores) e topológicos (inserção no espaço). Oliveira (2004) fez suas contribuições com a inserção dos formantes matéricos em articulação com os outros.

Ela avaliação do plano de expressão, formado pelos elementos plásticos, e do plano do conteúdo, que está intimamente ligado ao primeiro, resultam na significação. Hjelmslev (apud CONTRIM, 2012, p. 25) diz que a articulação desses dois planos homologam os sentidos simbólicos e semissimbólicos de toda linguagem.

A leitura desses formantes, como propõe Floch (1985), constituem a semiótica plástica. Ela permite alcançar a significação a partir da visualidade do objeto e identificar as intencionalidades postas no discurso visual. Quando se pensa em objetos mais complexos, com a união de várias linguagens, ou seja, de formantes de distintos sistemas, como um jornal (texto e imagem) ou um filme (som, texto e imagem), a totalidade do sentido é processada a partir de uma leitura sincrética desses arranjos.

Oliveira (2009) aponta que o ato de processamento do sentido sincrético pelos sentidos promove espécies de vivências significantes, experiências sensíveis, que marcam, no caso da mídia, a criação de objetos sincréticos como experiências de ressignificação do cotidiano repetitivo.

Com seu desenvolvimento estésico, sinestésico, multi e polisensorial, a plástica sincrética produz experiências sensibilizantes que são armadas pelo enunciador como uma instância na produção do sentido em ato, mesmo que, na experiência midiática, os parceiros estejam distanciados e não corpo a corpo, face a face. Os mecanismos discursivos são variados em seus processamentos sincréticos dos modos de pôr o enunciatário em um estado maior ou menor de abertura em termos de disponibilidade à construção do sentido, que atua assim como uma experiência, um vivido. Contextualizada na situação de envolvimento do destinatário, a experiência torna a enunciação passível de ser descrita em seus procedimentos de afrouxamento das distâncias entre o mundo das linguagens e o mundo vivido (OLIVEIRA, 2009, p. 98).

Essa leitura requer uma análise, no caso do jornal, do texto verbal, ordenado em colunas, e de seu projeto gráfico, que vivifica as notícias e apresenta ordens de valor entre elas com a diagramação para ocupação do seu espaço retangular.

Além dessa construção midiática de um objeto, registra-se a experiência vivida diretamente com ele. A partir de uma análise topológica, Greimas (1974) aponta que é possível chegar à inscrição da sociedade no espaço e se fazer a leitura da sociedade com o uso do espaço. Para ele, a cidade, como um enunciado, é entendida por meio de uma gramática textual que se manifesta pelo uso da linguagem espacial e de suas propriedades sensíveis, como as sensações sensoriais, visuais, olfativas, térmicas, entre outros.

Quando se aprofunda o pensamento sobre a utilização desse espaço, Landowski (apud CONTRIM, 2012, p. 23) propõe a distinção entre o uso e a prática da cidade. Um objeto tem seu uso definido a partir de seus valores operacionais. No caso da ponte, seria a mobilidade. No entanto, o conceito da prática extrapola esse uso. Nela, se pressupõe uma interação significativa entre sujeitos e objetos, que transcende o valor dos objetos, criando sentidos diferentes.

O conjunto das práticas é a construção discursiva da urbanidade da cidade que Oliveira (2014) apresenta em seu artigo *Público & Privado, problemáticas interdependentes*, sobre São Paulo. Para a autora, as práticas significantes da cidade podem ser estudadas como manifestações complexas de várias linguagens em um plano de expressão homologando um plano de conteúdo.

As presenças dos sujeitos configuradas pelas ações de programação sobre as coisas ou ações, de manipulação ou de ajustamento, estão na base das narrativas das dinâmicas práticas de vida na cidade.

Séculos após séculos, predominantemente essas vidas sediaram-se nas urbes, e os atos de apreensão e de construção de sentido nelas pautados por lógicas operatórias das práticas de vida que se enredam nas sequências de sua continuidade versus nas de sua descontinuidade. Mas o que faz advir o sentido está correlacionado à apreensão de que na totalidade encadeada é muito mais do que uma malha coesa, sobretudo, tem rompimentos, inversões que embaralham a ordem dada, produzem desordens, ordens outras que nos levam a sua percepção” (OLIVEIRA, 2014, p. 20).

Além da experiência visual pessoal, coletiva e midiática, essa construção do significado da ponte acontece também por meio da interação, entendido como um ato transitivo entre sujeitos que possibilita apreender, compreender e interpretar a relação que se estabelece na cidade. Para Oliveira (2014), a prática também é conceito importante no campo da significação do espaço. Ela a define como um fazer cotidiano que se caracteriza por ações que se repetem, mas não de modo redundante. É uma série de programas narrativos entre sujeitos e entre sujeitos e objetos de valor.

O movimento que a ponte permite, por exemplo, possibilita uma condição interativa que constrói sentidos pela experiência vivida. Oliveira (2014) denomina isso de inventário de experiências de vida, das práticas. A urbe guarda, de certa forma, uma transitividade com o sujeito que a habita.

Somos todos muito sensíveis e o que criamos nas interações com a cidade carrega essa sensibilidade inteligível resultante das apreensões que estamos disponíveis para sentir em sua densidade mostrativa e que vão ser vividas por nosso corpo diretamente ao tocar o corpo da cidade (OLIVEIRA, 2014, p. 187).

Nesse sentido, Landowski (2012) propõe uma semiótica da construção do espaço – ou do tempo – enquanto realidades significantes. Ela envolve o regime de identidade

dos sujeitos e da forma como apreendem o mundo, a partir do modo de presença dos lugares nas narrativas urbanas ou mesmo em discursos, como os da imprensa.

Essa leitura do espaço acontece após os sujeitos realizarem uma domesticação e aclimatação do lugar, que é o ponto de contato entre duas presenças, aquela para o mundo e aquela para si, “como se o sujeito, contemplando-se e conhecendo-se no espetáculo do mundo, tivesse acesso à plenitude eufórica de um sentido ao mesmo tempo inteligível e sensível” (LANDOWSKI, apud COTRIM, 2014, p.26).

Mesmo o mundo sendo ontologicamente um, ele pode ser apreendido de várias maneiras em função das culturas existentes ou de centros de interesse específicos. No plano da experiência vivida, Landowski (2015) propõe um método, em seu artigo *Regimes do Espaço*, para apreensão do espaço a partir de quatro regimes de relação com o mundo.

Para criar esse modelo geral, o autor resgata os regimes de interação entre sujeitos e sujeitos e objetos, elaborados em 2005 por ele mesmo, que dão suporte ao pensamento. São eles: o ajustamento, a manipulação, a programação e o acidente.

O regime de ajustamento é quando um actante influencia o sujeito pelo contato, ou seja, a interação se funda no fazer sentir por contágio. Ele provoca uma mútua transformação de estado por essa reciprocidade. Um exemplo para entender esse processo são dois dançarinos sem passos ensaiados. O contágio é, portanto, um processo de constituição de vínculos decorrentes de “um convívio por meio do qual os sujeitos se (re) constroem”<sup>8</sup>.

A manipulação é um regime ligado à intencionalidade de um sujeito que possui competências para um “querer fazer” e direcionar outro sujeito a “fazer fazer”. Por meio de procedimentos persuasivos, um sujeito age sobre outro.

Já a programação está diretamente associada à regularidade de comportamento de ordem social e/ou simbólica entre sujeitos. Os sujeitos, entre si, ou com objetos agem

---

<sup>8</sup>Disponível em [http://compos.com.puc-rio.br/media/gt4\\_yvana\\_fechine\\_joao\\_netto.pdf](http://compos.com.puc-rio.br/media/gt4_yvana_fechine_joao_netto.pdf)

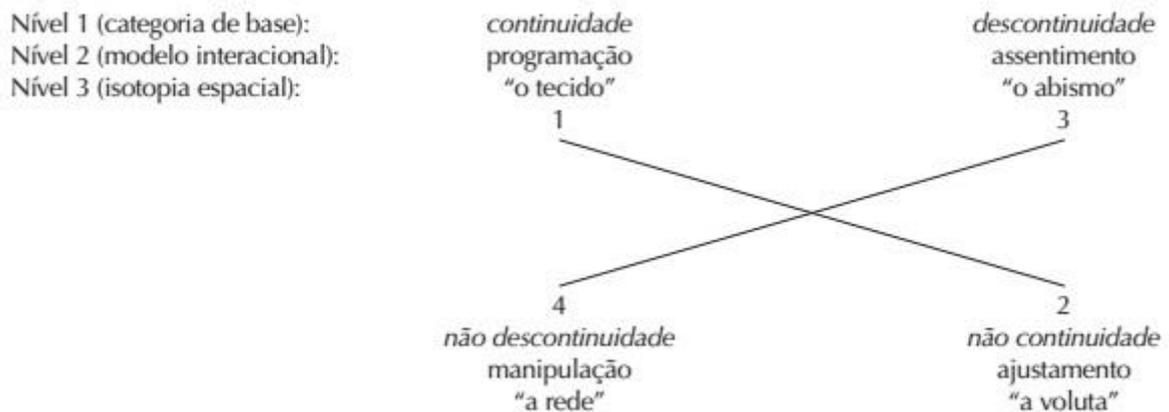
conforme um programa de comportamento padronizado, como, por exemplo, ter boas maneiras.

Por sua vez, o regime de acidente é o processo interativo baseado na imprevisibilidade e aleatoriedade. Ele está ligado a rupturas de regularidades de qualquer ordem. Os quatro regimes formam o quadrado semiótico, que se relacionam a partir da negação e oposição entre eles.

Landowski pensa a aplicação desses regimes de interação sobre o espaço e chega à conclusão de que o ajustamento e a manipulação evocam a relação dinâmica entre os elementos situados no espaço. Já a programação e o assentimento (ao acaso) estão diretamente ligados ao tempo. A partir dessa premissa de articulação espaço e tempo, ele cria a categoria que opõe o contínuo ao descontínuo.

Embora seja possível considerá-la como “indefinível” (Greimas a coloca no “inventário epistemológico”), ela dá lugar, no plano aspectual, a uma infinita variedade de ordenamentos “temporalizados”, e também – ou em primeiro lugar – a toda espécie de figuras “especializadas”. Não há, portanto, que se espantar pelo fato de que, assim alicerçado, esse modelo se aplique “como uma luva” a uma problemática dos espaços vividos: os variantes colocados em aspas no esquema precedente como naquele que segue apenas traduzem em superfície, sobre a isotopia espacial, os termos da categoria de base que forme a armadura do modelo interacional no seu conjunto ( LANDOWSKI, 2015, p. 13).

## Esquema 1 – Regimes de interação sobre o espaço



Fonte: Landowski (2015)

O autor cria as isotopias espaciais “o tecido”, “a rede”, “o abismo” e “a voluta” para representar as suas modalidades, definidas por ele, como espaço operacional do domínio sobre as coisas, espaço convencional, o espaço existencial e o espaço experimentado, respectivamente.

O Tecido é aquele espaço que está conectado às coisas, diretamente ligado à continuidade. Ele se configura mediante a experiência das coisas mesmas e das relações que elas entretêm. O espaço operacional de domínio sobre as coisas é o manejo de objetos em um ambiente material visto como um tecido de relações estáveis e inteligíveis.

Desse ponto de vista, o “tecido” constitui o elemento de toda a análise. Submeter ao que se chama uma análise de um objeto tal como um espaço urbano ou um céu estrelado, a “cena política” ou a “paisagem midiática” de um país, ou incluir um texto (eventualmente rebatizado pela ocasião “espaço textual”), é primeiramente formular a hipótese de que, embora tais objetos apresentem diversidades em superfície (e, nesse sentido, pareçam descontínuos), constituem um todo (e, nesse sentido, um continuum). Num segundo momento, é mudar a escala para prestar a atenção em elementos discretos (isto é, descontínuos) que compõem o objeto considerado, recortá-los e descrevê-los um a um. Enfim, mudando novamente de escala, é depreender relações que venham fazer aparecer entre esses constituintes uma lógica capaz de dar conta da coesão do conjunto. Isso pode consistir em explicar o que faz a unidade funcional do todo (em termos estáticos, sua necessidade, e em termos processuais, a previsibilidade de seu comportamento) ou em compreender o que faz sua unidade estrutural (isto é, o que determina seu sentido e, se for o caso, seu valor, por exemplo, estético). Tais são as formas que entendemos por “continuidade” no plano inteligível. Não há, portanto, nada de surpreendente no fato de que, sobre esse regime de construção do “espaço”, a

programação se imponha como forma de interação privilegiada (LANDOWSKI, 2015, p. 19)

Na modalidade Rede, o espaço não possui consistência palpável, ao contrário do Tecido. Ele é a distância entre duas posições para que qualquer coisa possa transitar pela outra, que Landowski exemplifica como “o estranho espaço da Internet”. Esse espaço convencional de circulação de valores é a negação de uma descontinuidade pressuposta ou afirmação de uma não-descontinuidade.

A Rede está intimamente ligada ao regime de interação da manipulação, no qual o sujeito manipulador age para que o sujeito manipulado, de bom ou de mal grado, atinja os objetivos do manipulador. Ele faz uma conjunção com valores modais adequados para o manipulado fazer saber, ou crer vs a fim de fazer querer ou dever fazer algo para satisfazer o manipulador. O espaço entre essa transferência de objetos entre os sujeitos é o convencional de circulação de valores.

Na Voluta, os sujeitos e o espaço estão juntos, em um regime de ajustamento, vivendo ativamente sua dinâmica. O seu processo interacional está ligado ao movimento. A Voluta rompe a continuidade, a disjunge e instaura um espaço não contínuo, segundo Landowski. Com isso, é criado localmente um micro-espaço mais notável que o ambiente que serve de fundo.

Esse espaço experimentado do movimento dos corpos pressupõe que os sujeitos estão incluídos no espaço e fazem parte dele.

De um “finalismo prático”, acrescenta Bachelard, se passa então a um “finalismo poético” – oposição que traduzimos semioticamente interdefinindo dois “usos do mundo” distintos: de um lado a *utilização*, objetivante; de outro a prática, participante. Passar da primeira para a segunda é cessar de enxergar o mundo como espaço de vocação funcional e operacional, estruturado a partir da vista e destinado a futuras explorações programadas. No oposto, é dar-se “corpo e alma” ao espaço enquanto imediatamente experimentado, um espaço que, “pela intimidade do real, pode levantar nosso ser íntimo” (idem) através de práticas esteticamente ajustadas à dinâmica do outro, qualquer que seja ele. O espaço voluta se torna, assim, o espaço do corpo próprio (LANDOWSKI, 2015, p. 23).

Já o abismo é o espaço percebido como “sem começo nem fim”. É o espaço existencial da nossa presença no mundo, de acordo com o autor. É aquele de nossa presença no universo sem limites que ninguém pode se representar. Um exemplo que o semioticista apresenta é o da vertigem. Esse regime é marcado pela descontinuidade que se impõe: “entre dois infinitos que se abrem o mesmo vazio, paira um mundo sem amarras, imagem suspensa, instante isolado” (Landowski, 2015, p.23).

Esses conceitos desses regimes vão ser retomados ao longo deste trabalho à medida em que se manifestarem nos discursos.

## **2.1. Ponte da Passagem: uma nova territorialidade?**

Greimas (1976, p. 120) define o espaço como um significante, que não serve somente para categorização do mundo, mas para erigir uma verdadeira linguagem espacial. Para ele, o espaço age sobre o homem. A cidade é um complexo de objetos vividos e percebidos pelos homens.

Di Felice (2009, p. 20 ) também compartilha a visão do reconhecimento do território à linguagem, ou seja, algo vivo, como uma entidade complexa, agente e comunicativa. Ele sugere que sua interpretação acontece para além do seu ser objeto, como sujeito comunicativo e interagente.

Para esse autor, a cidade é um conjunto de espaços representados pelo sujeito. Esse espaço metropolitano deixou de ser apenas lugar de proteção para ser lugar de comunicação e relação. Di Felice (2009, p.122) aponta que o processo de expansão tecnológica das produções e das relações comunicativas coincidem com a expansão do espaço urbano, o que resulta em uma forma nova de habitar, conceituado por Heidegger (2010), que remonta a um relacionar-se.

Nesse contexto, “viver” a cidade é receber as mensagens espaciais e reagir a essas mensagens, engajando-se dinamicamente. A leitura e uso da urbe podem ser considerados, segundo Greimas (1976, p. 126), por meio da apreensão do sentido da cidade, pelo modelo de vida de seus moradores.

Traçando um paralelo desses conceitos com a Ponte da Passagem, observa-se que, enquanto equipamento de mobilidade, ela possibilita ao usuário, no movimento cotidiano individual de ir e vir, uma estesia com a cidade vivida por suas fronteiras, com ela própria enquanto equipamento, e com os outros que a utilizam diariamente. Essas relações revelam multiplicidades, conforme propõe Doreen Massey.

Compreendemos o espaço como a esfera de possibilidade da existência da multiplicidade, no sentido da pluralidade contemporânea, como esfera na qual distintas trajetórias coexistem; como a esfera da coexistência da heterogeneidade. Sem espaço, não há multiplicidade; sem multiplicidade não há espaço (...). Terceiro, reconhecemos espaço como estando sempre em construção (MASSEY, 2008, p.32).

Para ela, os locais, em um sentido amplo, são processos, ou seja, espaços onde a pluralidade humana e a heterogeneidade estão presentes. A partir desse pensamento, as espacialidades deixam de ser meras representações e superfícies, planas ou pontuais. Elas permitem caminhar no sentido de compreender a esfera do espaço como a sensível, que segundo Ferrara (2008, p. 45), é apreendido por meio de um regime de signos que permitem ler o modo como os lugares são marcados na cultura.

Essa relação expandida, embora simultânea, das categorias representativas do espaço, nos possibilita perceber que, na realidade, aquela representação há muito não é apenas gráfica, como faz supor o espaço criado pela perspectiva, mas constrói, através das suas representações, dimensões que já não são apenas expositivas, mas perceptivas e comunicantes.

Ferrara, em *Comunicação Espaço Cultura* (2008, p. 54), entende a espacialidade como uma representação de um espaço, que se transformou um lugar social, onde se abrigam a comunicação e a cultura em suas dimensões históricas, sociais e cognitivas. Entre as características que a referenciam estão a visualidade e a comunicabilidade – relação diacrônica e sincrônica que se estabelece entre espacialidades e suas representações visuais.

Para Ferrara (2008), as espacialidades ensinam a ver além do espaço, pois se constroem cognitivamente na medida em que ele é percebido através de estímulos visuais que a caracterizam. A autora acredita que a espacialidade, a visualidade e a comunicabilidade se interprocessam e dialogam ao fazer ver e construir territórios do espaço comunicante.

Essa construtibilidade do espaço se faz signo e linguagem. Segundo Ferrara (2008, p. 60), as características visuais que constituem fisicamente o objeto, o imaginário, a comunicabilidade e a cultura formam os pilares dessa espacialidade.

Assim, para a autora, a construção simbólica de vários espaços constrói a cidade, esse sujeito universal e anônimo. A urbe se valida das “paisagens” e “apreensões” de seus elementos e de seus movimentos para sua constituição. Nesse contexto, as pontes, além de dinamizar essa ordem espacial, criam espacialidades singulares.

Ferrara, ao longo de *Comunicação Espaço Cultura (2008)*, trabalha o conceito de espaço e território como sinônimos. No entanto, antes de avançar, é preciso pontuar os conceitos de território e de territorialidades, imprescindíveis para esta pesquisa.

O professor Rogério Haesbaert durante o II Seminário de Comunicação e Territorialidades, realizado em 2015, na Ufes, apresentou definições que ampliam essa abordagem do pensamento sobre o espaço, que foi compartilhado aqui, por Massey e Ferrara. Para o professor, a leitura do espaço não pode ter um viés estritamente natural, unicamente político, econômico e cultural.

Em torno do espaço geográfico, giram várias dimensões do espaço-tempo, do lugar como espaço vivido no cotidiano, da paisagem como espaço-representação e do território, no qual é marcante a relação de poder (não apenas ao tradicional poder político. Pode ter caráter centralizador e hierárquico, difuso e rizomático, coercitivo ou consensual e com carga simbólica). Dessa forma, o território é múltiplo, funcional e complexo.

O território se define, antes de tudo, como fruto das relações sociais das quais é construído e ao contexto geo-histórico em que estão inseridos os sujeitos e as modalidades distintas de poder. Ele carrega, de forma integradora e indissociável, uma dimensão simbólica, ou cultural, em sentido estrito, e uma dimensão material, de

natureza econômico-política. Haesbaert acredita que, na contemporaneidade, coexistem múltiplos territórios e territorialidades. Assim, para o autor,

Fica evidente neste ponto a necessidade de uma visão de território a partir da concepção de espaço como um híbrido – híbrido entre sociedade e natureza, entre política, economia e cultura, e entre a materialidade e a “idealidade”, numa complexa interação tempo-espaço, como nos induzem a pensar os geógrafos como Jean Gottman e Milton Santos, na indissociação entre movimento e (relativa) estabilidade – recebam estes nomes de fixos ou fluxos, circulação e ‘iconografias’, ou o que melhor nos aprouver. Tendo como pano de fundo esta noção ‘híbrida’ (e, portanto, múltipla, nunca indiferenciada) de espaço geográfico, o território pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômico-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural (HAESBAERT, 2011, p. 79).

Essas dimensões simbólicas e culturais, através de identidades territoriais atribuídas pelos grupos sociais como forma de controle simbólico, promovem uma apropriação e ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinação dos indivíduos (Haesbaert, 1997).

O autor considera a conceituação de Raffestin (1988) sobre a territorialidade como um componente de poder, não é apenas um meio de criar e manter a ordem, mas é uma estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico através do qual se experimenta o mundo e o dotam de significado.

De acordo com Haesbaert (2015), todo o território tem uma territorialidade (vinculada a uma representação), mas nem toda territorialidade tem território.

Em seu artigo *Dos múltiplos territórios à multiterritorialidades* (2004), Haesbaert diz que a territorialidade é algo abstrato e também uma abstração, no sentido ontológico de que “enquanto ‘imagem’ ou símbolo de um território, existe e pode inserir-se eficazmente como uma estratégia político-cultural, mesmo que o território ao qual se refira não esteja concretamente manifestado – como no conhecido exemplo da ‘Terra Prometida’ dos Judeus.”

Para ele, o poder no seu sentido simbólico precisa ser devidamente considerado nas concepções de território.

Territorializar-se, desta forma, significa criar mediações espaciais que nos proporcionem efetivo 'poder' sobre nossa reprodução enquanto grupos sociais (para alguns enquanto indivíduos), poder este que é sempre multiescalar e multidimensional, material e imaterial, de 'dominação' e 'apropriação' ao mesmo tempo. O que seria fundamental 'controlar' em termos espaciais para construir territórios no mundo contemporâneo? Além de sua enorme variação histórica, precisamos considerar sua variação geográfica: obviamente territorializar-se para um grupo indígena da Amazônia não é o mesmo que territorializar-se para os grandes executivos de uma empresa transnacional. Cada um desdobra relações com ou por meio do espaço de formas as mais diversas (HAESBAERT, 2011, p. 97).

A partir desses conceitos, podemos aferir que o objeto Ponte da Passagem, enquanto equipamento de mobilidade, se configura em um lugar de encontros entre indivíduos e deles com a cidade, conforme propõe Massey (2008), sendo um produto dessas interrelações.

Enquanto espaço da cidade, a nova ponte é uma paisagem, uma espacialidade nos moldes apresentados por Ferrara. Por suas características físicas, como os pilones, sua base em desnível e sua altura, a ponte é um marco no cenário urbano pelos fortes elementos estéticos que a compõem. Sua visibilidade e comunicabilidade estão ligadas ao seu *layout* e pelas práticas de vida em que nela se desenvolvem.

A ponte também se configura como um território, pois é, em diferentes combinações, funcional e simbólico. Nela verifica-se a apropriação desse lugar - pelas pessoas, pelo poder público e mídia - e a dominação (Haesbaert, 2011). Quando se pensa a dinâmica das relações de poder que envolvem o equipamento é possível inferir que os destinadores da cidade, ou seja, os administradores públicos, operam na programação da ocupação desse espaço e de seus modos de uso, privilegiando grupos sociais, como quem se desloca de carro, em detrimento de quem anda a pé, no caso da ponte, em busca de valor político, com o reconhecimento por voto.

Quando exploram sua visualidade, por meio de propagandas institucionais ou pela mídia, criam verdadeiras vitrines turísticas, segundo Bueno (2014), visando compor o capital simbólico da cidade e atrair/movimentar o capital financeiro, nos diversos setores, entre eles, o próprio mercado imobiliário.

Ao mesmo tempo, a ponte é territorialidade, porque se configura em uma representação para criar e manter uma ordem, criada pelos já mencionados destinadores públicos. Observa-se, também, como componente de poder deles.

Ela também é símbolo de um território como uma estratégia político-cultural. Os destinadores públicos e até a mídia criam topo-hierarquias, que são valorizações de determinados espaços em detrimento a outros, conforme define Manar Hamad (2005). É interessante ressaltar essa transitividade que marca a ponte aparece ao longo deste trabalho.

### 1.1.2 As construções da mídia

Bueno (2014) diz que a mídia impressa constrói narrativas sobre a cidade nos jornais e revistas, destacando-a nas partes que constituem o jornal. Dessa forma, ela opera de forma fragmentada em editoriais um modo de presença e existência dos lugares ao apresentá-los em fatos, tendências, coisas para se ver ou se fazer na urbe.

Apesar dessa segmentação temática, o jornal impresso apresenta um todo de sentido ao leitor, que o acompanha, mesmo que parcialmente. Com um *menu* variado de temas, a mídia propõe em sua agenda diária de assuntos a serem veiculados os temas que serão discutidos pelas pessoas. De acordo com Mcquail (2013), a ideia central dessa teoria, denominada *agenda setting*, é de que a mídia indica quais são as principais questões do dia e isso reflete no que o público percebe como questões principais.

Como apontaram Trenanam e Mcquail (1961, p. 178), as evidências sugerem fortemente que as pessoas pensam sobre o que lhe dizem, mas, em nenhum nível, pensam o que lhes dizem. As evidências coletadas na época, e desde então, consistem em dados que mostram uma correspondência entre a ordem de importância dada na mídia a 'temas' e a ordem de importância atribuída às mesmas questões por políticos e público (MCQUAIL, 2013, p. 482).

A mídia sugere determinados temas ou assuntos ao grande público e, segundo essa teoria, tem o “poder” de dizer ao público sobre o que pensar. Isso se reflete na forma como o público percebe essas questões.

Ao se apropriar da Ponte da Passagem, seja por meio de menções em texto, seja por publicação de imagem, a mídia apresenta esse objeto com constância em seu cardápio diário de notícias. Certamente essa é uma das pontes de Vitória mais expostas e presentes nos noticiários.

Essa presença constante nos seus discursos amplia a visibilidade do equipamento para a sociedade. É o espaço de Vitória que se faz visível, em detrimento a tantos outros que “não são mostrados”.

A imprensa, por sua natureza, opera e persuade as funções de “fazer ver” e “fazer ser visto” (Landowski, 1992). O verbo “ver” implica em uma relação de, ao menos, de dois protagonistas unidos – um que vê e outro que é visto – em torno de um objeto de comunicação, como a imagem, que um dos sujeitos proporciona àquele que se encontra em condição de recebê-la. Dois actantes distintos: a mídia e o leitor, que se configuram em emissor e receptor, respectivamente, em uma relação de comunicação transitiva.

Sobre essa influência da cultura da mídia, Kellner (2001, p. 153) enfatiza que ela também articula discursos, experiências, eventos e práticas sociais. A leitura dos produtos de comunicação é a ferramenta para interpretar politicamente as ideologias postas nas formas de imagens, figuras, códigos genéricos, entre outros meios.

Dessa perspectiva, os textos da cultura da mídia propiciam uma boa compreensão da constituição psicológica, sociopolítica e ideológica de determinada sociedade em dado momento da história. Sua leitura diagnóstica também permite detectar as soluções ideológicas que estão sendo oferecidas aos vários problemas, sendo então possível prever certas tendências, entender problemas e conflitos sociais e aquilatar as ideologias dominantes e as forças contestadoras emergentes. Por conseguinte, a crítica política diagnóstica possibilita perceber as limitações das ideologias políticas conservadora e liberal predominantes, além de ajudar a decifrar a atração constante que exercem. Possibilita apreender os anseios utópicos de cada sociedade, desafiando os progressistas a desenvolverem representações culturais, alternativas políticas e práticas e movimentos que lidem com essas predisposições (KELLNER, 2001, p.153).

Considerando a teoria da *agenda setting* e a cultura da mídia, de Mcquail e de Kellner, é possível apreender que, nesses produtos de comunicação, há ideologias e impressões que são associadas às imagens dos objetos. No caso em questão das pontes, de certa forma, os veículos de comunicação passam a referenciá-las, o que influencia na imagem desses equipamentos criada no imaginário do público.

De certa forma, a mídia, enquanto agente de comunicação, participação e mobilização, como aponta Silverstone (2011), tem, de certa forma, a autoridade, a legitimidade e a credibilidade para apresentar assuntos. Ao abordar certos temas ou objetos, em detrimento de outros, faz uma valoração, de acordo com os critérios editoriais das empresas de mídia, ao dar visibilidade ao público.

Talvez se tenham pontes mais bonitas, funcionais e que envolvam situações e contextos relevantes. Mas, por algum motivo, elas não apresentam presença tão constante em matérias de televisão, jornais e outras publicações. Dessa maneira, não possuem a mesma visibilidade social.

Essa reprodutibilidade da imagem da Ponte da Passagem em vários produtos de comunicação para o “consumo” faz parte da pós-modernidade. Featherstone (1995), que se dedicou a analisar a cultura do consumo, acredita que a superprodução de signos e reproduções de imagens e simulações resulta em uma perda do significado estável e de numa “estetização” da realidade.

Essa “cultura sem profundidade” pós-moderna de que fala Jameson (1984a, 1984b). A concepção de uma cultura pós-moderna de Jameson sofre influência marcante da obra de Baudrillard (ver Jameson, 1979). Jameson também considera a cultura pós-moderna como a cultura da sociedade de consumo, a etapa do capitalismo tardio posterior à Segunda Guerra Mundial. Nessa sociedade, a cultura ganha uma nova importância mediante à saturação de signos e mensagens, a ponto de que “é possível dizer que tudo na vida social se tornou cultural” (Jameson, 1984a:87). O autor considera ainda que essa “liquefação de signos e imagens” determina um apagamento da distinção entre a alta-cultura de massa (Jameson, 1984b: 112): o reconhecimento de que o valor da cultura dos painéis luminosos de Las Vegas é equivalente ao da alta cultura “séria”. Nesse contexto, deveríamos destacar a suposição de que a lógica imanente da sociedade capitalista de consumo caminha em direção ao pós-modernismo (FEATHERSTONE, 1995, p. 34).

O autor aponta para uma existência de uma lógica de consumo, que seriam modos socialmente estruturados de usar bens para demarcar relações sociais. Pensando por esse lado, o turismo também apresenta uma lógica de consumo de lugares. A cidade também se apropria economicamente de seus espaços.

Se voltarmos ao exemplo da Ponte da Passagem, observaremos como ela, pelo seu diferencial estético, compõe a paisagem do lado Norte da cidade. Ela é explorada não só pelo poder público, enquanto agente político, como também pela iniciativa privada, no caso, pela imprensa, como será demonstrado no decorrer deste trabalho. A imagem da ponte, associada a outras amplamente veiculadas pelos jornais impressos, passam a simbolizar a própria capital no plano discursivo.

Canclini (2003) fala dessa tendência atual dos monumentos da cidade terem a finalidade de criar uma nova cultura social. Eles se atualizam por meio da ação da sociedade, com o grafite, por exemplo, ou até mesmo manifestações políticas. Sobre a cultura urbana, os fatos relevantes na cidade acontecem a partir de como a mídia o diz. Ela se transformou, ao mesmo tempo, em mediadora e em mediatizadora.

O “ter” um equipamento dessa natureza, sugere um “ser”, uma “projeção” de uma cidade, referenciando seu status no contexto das outras cidades. O espaço passa a ser um bem simbólico, segundo Ferrara.

Construir para significar, verticalizar para fazer ver, fazer ver para simbolizar. Esses são os elementos que permitem estudar a cidade como meio e como mídia. Ou seja, os índices materiais e formais constroem as cidades e permitem que sua imagem constitua a mídia mais eloqüente e eficaz. Aprender essa mídia, considerando seus suportes construtivos, nos leva a constatar que, às características urbanísticas e funcionais de uma cidade, alia-se a dimensão comunicativa que faz com que a cidade surja sempre e, sobretudo nos dias atuais, de um lado, como eficiente mídia a sustentar as ambições e planos globais e, de outro, nos surpreenda pelas imponderáveis e inesperadas manifestações de vida que vão muito além da simples intenção midiática. (FERRARA, 2008, p. 25).

Por esse viés, percebe-se que as pontes são fragmentos, imagens que compõem a paisagem. Elas se fazem presentes nas cidades e produzem efeitos de sentido que significam as interações dos indivíduos com a vida urbana. A partir da impressão na

utilização cotidiana de dinamismo e de movimento, se fixam como um novo lugar nas enunciações narrativas da urbe.

A ponte integra, somada a outras imagens, o complexo sistema comunicativo de uma cidade. Segundo Ferrara (2012), essa paisagem corresponde a uma forma visual da materialidade urbana, mas construída pelo imaginário que se amplia em múltiplos contornos. Ela desempenha a “função-valor social” da cidade.

A paisagem como função-valor social da cidade vive de suas dimensões concretas e metafóricas que se traduzem em eficiente construção identitária: desse modo, todas as cidades do mundo, desde as minúsculas cidades medievais, transformadas em atração turística, até as celebradas megalópoles se colocam, atualmente, à procura de paisagem que pode equivaler ao valor econômico que as projetam no cenário econômico mundial. Desse modo, a paisagem urbana depende do valor subjetivo e sentimental que a contamina: porém, quando é apropriada pelos veículos de comunicação, seus fragmentos assumem uma espécie de função econômica e o valor da imagem pode ser análogo àquele do solo urbano, obedecendo a similares estratégias comerciais e persuasivas (FERRARA, 2012, p. 47).

Harvey (1992) se aprofunda na análise das mudanças nos usos e significados do espaço e do tempo no contexto da sociedade pós-moderna. Ele pontua que imagens se tornam, em certo sentido, mercadorias. Da mesma forma, a imagem dos lugares e espaços se torna aberta a essa produção capitalista.

Mas a queda de barreiras espaciais não implica um decréscimo da significação do espaço. Vemos hoje, e não é pela primeira vez na história do capitalismo, evidências que apontam para a tese oposta. O aumento da competição em condições de crise coagiu os capitalistas a darem muito mais atenção às vantagens localizacionais relativas, precisamente porque a diminuição de barreiras espaciais dá aos capitalistas o poder de explorar, com bom proveito, minúsculas diferenciações espaciais. Pequenas diferenças naquilo que o espaço contém em termos de oferta de trabalho, recursos, infra-estruturas etc. assumem crescente importância. O domínio superior do espaço é uma arma ainda mais poderosa na luta de classes; ele se torna um dos meios de aplicação da aceleração e redefinição de habilidades a forças de trabalho recalcitrantes. A mobilidade geográfica e descentralização são usadas contra um poder sindical que se concentrava tradicionalmente nas fábricas de produção em massa. (HARVEY, 1992, p. 265).

Isso implica, segundo esse autor, na redução das barreiras espaciais e no aumento da sensibilidade ao que os espaços do mundo contêm. Embora o controle do trabalho seja central, há muitos aspectos de organização geográfica são proeminentes. Isso levanta outra dimensão do papel da espacialidade na sociedade contemporânea.

Para Harvey, a produção ativa dos lugares dotados de qualidades especiais se torna um importante trunfo na competição espacial entre localidades, cidades, regiões e nações. Ele aponta, então, para a criação de uma espacialidade disruptiva, formada por uma colagem de imagens. A identidade do lugar se torna uma questão importante nessa colagem, porque cada um ocupa um espaço de individualização, ou seja, a contribuição se faz de maneira coletiva.

Canclini (2010, p.23) entende que a identidade, que está sempre relacionada à apropriação de um território, também é uma “construção que se narra”, ou seja, com importância para o campo da significação. Ela se constrói a partir de processos de vários sistemas simbólicos.

A identidade, dinamizada por esse processo, não será apenas uma narrativa ritualizada, a repetição monótona pretendida pelos fundamentalismos. Ao se tornar um relato que construímos incessantemente, que reconstruímos com os outros, a identidade torna-se também uma co-produção (CANCLINI, 2010, p. 129).

Ferrara (2012) esclarece melhor esse ponto da contribuição coletiva quando ressalta que a paisagem corresponde a uma materialidade urbana construída pelo imaginário que se amplia em múltiplos contornos. Nessa expansão, atinge a complexidade do espaço referenciado como ambiente, onde toda a informação se organiza através de produções, trocas, sentimentos e vida que se misturam. Ela aponta que a imagem que temos da paisagem refere-se a uma seleção perceptivo-estética que produz manifestações autoidentitárias da cidade.

Canclini aponta ainda que as identidades locais só podem existir em um sistema de comunicação multicontextual. Nesses inúmeros relatos que Canclini menciona, se inserem, sobretudo, os midiáticos. Cinema, rádio, jornais e veículos variados

contribuem para o reconhecimento político dessas identidades, bem como possibilitam sua sobrevivência nesse cenário de trabalho e de consumo.

Parece necessário, pois, precisar nossa afirmação inicial: a identidade é uma construção, mas o relato artístico, folclórico e comunicacional que o constitui se realiza e se transforma em relação a condições sócio-históricas não redutíveis à encenação; A identidade é teatro e é política, é representação e ação (CANCLINI, 2010, p. 129).

Essa vivência subjetiva e essa experiência coletiva do espaço possibilitam a criação de imagens e identidades e promove uma consciência na articulação entre imaginário e cultura que associa a visualidade à afetividade, segundo Ferrara (2012). Ela afirma que esses territórios do espaço são consequências culturais que o fazem perceptível.

Desse modo, o próprio espaço não se deixa reconhecer na sua nova espacialidade; torna-se um hábito perceptivo e, enquanto simulacro, parece natural. Comunicar é levar a consumir espacialidades, imagens, espetáculos. Tudo se mistura e morre ao ser consumido (FERRARA, 2008, p. 68).

Para ela, a imagem do mundo reduzida a seu simulacro inaugura uma nova espacialidade. Pela mídia, em sua esfera comunicativa, muitos espaços são criados e consolidados, a partir desse consumo que a autora e Featherstone (1995) tratam.

De fato, na pós-modernidade, a mídia oferta uma nova possibilidade em relação à experiência urbana. Sobre isso, Di Felice ressalta

Se a escrita cria as representações de um espaço e de um território imateriais, reduzidos a palavras e textos, a eletricidade e as mídias audiovisuais, além de desenvolverem ao ambiente o movimento e as cores, contribuem para a formação de uma territorialidade externa, mecanicamente móvel, que se apresenta como autônoma em relação ao sujeito. A digitalização do território, a partir do advento da comunicação digital reduzindo o ambiente a um código informativo, produz, pela primeira vez, uma superação da distância entre o sujeito e o território, permitindo a alteração da natureza do mesmo e a interpretação e a interdependência entre ambiente e indivíduo (DI FELICE, 2009, p. 21).

A mídia usa de estratégias persuasivas na “criação” discursiva dos lugares, experiências urbanas, com finalidades comercial e política. Essa nova territorialidade, que Di Felice aponta, está intimamente ligada à essa produção midiática, fruto da interpretação e do relacionamento como o “lugar vivido”.

## 2 DISCURSIVIDADES DA MÍDIA

Para analisar a discursividade da mídia sobre a Ponte da Passagem, foi feita uma pesquisa sobre as publicações jornalísticas que citam e/ou abordam esse objeto nos jornais A Gazeta e A Tribuna nos anos de 2009 e 2014.

Além de avaliar essa presença de maneira quantitativa, foi feita uma avaliação da significação da ponte na mídia, a partir da contextualização do objeto no discurso jornalístico. O objetivo aqui é apontar como a mídia se apropria da Ponte da Passagem e a insere em seus discursos nesses jornais, no ano de inauguração da ponte (2009). Ao final, o mesmo procedimento será feito com os recortes dos mesmos periódicos sobre o equipamento no decorrer do ano de 2014 para identificar como se consolidou esse processo cinco anos depois. Assim, será possível alcançar os efeitos de sentidos, ou seja, as significações, e apreender os valores inscritos em seus discursos.

A construção discursiva da Ponte da Passagem pelos jornais A Gazeta e A Tribuna acontece após um mapeamento das matérias veiculadas sobre a ponte, que inclui o total de citações, publicação de imagens, identificação de fontes/atores que falam da ponte, avaliação de diagramação para avaliar posicionamento das matérias e destaques na forma de expor o objeto.

A proposta é relacionar os discursos midiáticos que contribuem no processo de constituição desse lugar, a partir da avaliação de como a mídia comunica sobre ela e o que comunica. A semiótica discursiva permitirá a avaliação de textos verbais e visuais e da união dessas linguagens na diagramação desses periódicos.

A análise começará com o Jornal A Gazeta, que apresentou o maior volume de materiais jornalísticos, considerando textos e imagens. Nos dois anos pesquisados, foram 172 publicações, sendo 139 no ano da inauguração do equipamento e 32 nos cinco anos seguintes. Também foi o veículo que apresentou o *corpus* mais rico de análise, o que justifica a avaliação mais detalhada e minuciosa dos recortes e maior destaque dentro desta pesquisa.

Em seguida, são apresentadas as discursividades de A Tribuna, que fez 93 publicações sobre a Ponte.

## **2.1 JORNAL A GAZETA**

### **2.1.1 PERFIL DO ENUNCIADOR**

Antes de começar, é importante fazer algumas pontuações sobre o jornal de propriedade do maior grupo de comunicação do Espírito Santo: a Rede Gazeta. A empresa A Gazeta foi fundada em 1928 com esse produto de comunicação, que está no mercado capixaba há 87 anos. Ela pertencia ao dono da imobiliária Cambury, Hostílio Ximenes, e ao jornalista Adolpho Luis Thiers Vellozo. O objetivo inicial da publicação era a comercialização de terrenos em Jardim da Penha. Apesar da boa aceitação do produto pelo público, a venda de lotes não atingiu a expectativa dos empreendedores.

O posicionamento político dessa mídia passou por partidos de extrema direita. Em 1929, manifestou apoio à Aliança Liberal. Após um protesto político que culminou no fechamento do jornal, em 1930, se declarou independente. Seis anos depois, o jornal se assumiu “órgão do Partido Social Democrático”, segundo Salles (2012).

Na década de 40, a empresa foi vendida para o fazendeiro de São Mateus, Eleosipo Rodrigues da Cunha, que usou a mídia para fazer campanha para o brigadeiro Eduardo Gomes, membro da União Democrática Nacional (UDN). Com a derrota nas eleições, decidiu vender o veículo de comunicação para qualquer interessado que não fosse da oposição, no caso, o Partido Social Democrata (PSD).

Para burlar isso, o político Carlos Lindenberg (PSD) pediu a um amigo para efetuar a compra e, em seguida, transferiu as ações para ele. Desde 1949, a família Lindenberg assumiu o controle acionário do jornal, o que oportunizou a esse grupo a abertura de outros 20 negócios<sup>9</sup> na área da comunicação.

---

<sup>9</sup> Disponível em <http://gazetaonline.globo.com/index.php?id=/redegazeta/midias/index.php>

Atualmente, a família possui, além do jornal, o periódico Notícia Agora, o portal de notícias Gazeta On Line, o portal de anúncios Classificados, a agência de fotos Agência AG, quatro emissoras de TV Aberta afiliadas à Rede Globo, o portal de notícias G1-ES, as rádios Litoral, Antena 1, CBN e a empresa de marketing promocional Premium.

O Jornal A Gazeta é um veículo de linha editorial conservadora, voltado para o público das classes A, B e C. (MARTINUZZO, 2008). Ele passou por várias mudanças gráficas, editoriais e até de tamanho ao longo da sua vigência. Em 1992, passou a usar fotos coloridas. Em 1994, a redação foi completamente informatizada. Em 1999, houve uma reforma gráfica, que ampliou o espaço para fotografias e outros recursos gráficos, reduzindo o tamanho das matérias, segundo Salles (2012). As editorias de Política e Economia deixam de ser os carros-chefes de assuntos principais para a cobertura de assuntos locais, como Dia a dia e Polícia.

A mais recente reforma gráfica, talvez a mais expressiva, aconteceu em 2011, quando o jornal muda seu formato com a redução expressiva de tamanho. Ele saiu de um modelo standart (56cm x 32cm) para tablóide (38,1cm x 24,8cm), o mesmo padrão do jornal concorrente A Tribuna, sob a alegação de “modernização” da publicação, seguindo a tendência de jornais internacionais, como o Le Monde, na França, e o The Guardian (Reino Unido).

No entanto, em função da crise mundial, em 2009, que promoveu o aumento do dólar impactou diretamente os negócios dos empresários de comunicação mundo a fora em função do expressivo aumento do valor do papel, que é importado do Canadá. Associado a isso, a redução do número de vendas dos jornais ao longo do ano também influenciou adequações nos produtos para redução de custo, bem como demissões na cadeia produtiva.

Com a redução de tamanho e melhorias gráficas de A Gazeta, feita pela consultoria internacional Cases i Associats de Barcelona, na Espanha, o objetivo foi, segundo a empresa, apresentar uma leitura mais fácil e dinâmica, além de adequá-lo a plataformas virtuais, como possibilidade de novos negócios. O investimento nesse

---

novo produto e na adequação de maquinário para sua fabricação foi de U\$S 1,4 milhão.

Na primeira edição após a reforma, o jornal publica, em um Guia ao leitor para explicar as mudanças. Nele, há o texto “Muda o formato, muda o desenho, muda o espírito. Nas páginas da nova A Gazeta, o leitor vai encontrar um jornalismo mais dinâmico, com informações mais rápidas, além de textos mais analíticos”. De acordo com Salles,

No Guia do Leitor, A Gazeta apresenta-se como um sujeito competente e dinâmico. Ao figurativizar seu fazer, ou seja, o jornalismo como sendo ‘dinâmico’, ‘rápido’ e ‘analítico’, o jornal instala-se na contemporaneidade e convoca o leitor a fazer parte desse tempo dinâmico, mas que é analítico; e rápido, porque a forma de manifestação do conteúdo apresenta-se em pequenos blocos textuais (sejam verbais ou visuais) (...) Ao relatar a mudança, o jornal convoca o leitor a entrar em conjunção com aquele produto, afinal, as mudanças foram feitas para atender ao leitor. A ilusão discursiva de autorreconhecimento, de autoinclusão, de fazer parte de um determinado corpo é o que move o contrato de adesão (SALLES, 2012, pg.60).

O Guia do leitor constituiu-se, então como uma estratégia enunciativa do jornal para fazer crer ao leitor seu destinador, e este, em seu fazer interpretativo, crê ser verdade o discurso apresentado. Ao fazer crer que o seu discurso é verdadeiro, o enunciador A Gazeta, estabelece junto ao enunciatário, o leitor, um contrato fiduciário, ou seja, uma relação de confiança entre o jornal e o leitor.

Fiorin (2001) diz que o acordo fiduciário apresenta a maneira como o texto deve ser considerado do ponto de vista da verdade e as condições para que os enunciados sejam compreendidos.

O contrato fiduciário, conforme Greimas e Courtes (1993), é estabelecido a partir de uma base que tem como princípio a relação intersubjetiva estabelecida com o propósito de mudar o estatuto (o ser e/ou o parecer) dos sujeitos em presença. Para que o estabelecimento dele, tem de haver confiança e crença, por este motivo foi denominado de fiduciário. Trata-se de uma estratégia amplamente utilizada na vida social, e nas diversas mídias, pois é por meio dele que os valores dos objetos comunicados são decididos (Rebouças, 2001, .p. 136).

Rebouças (2001) aponta que não se trata de um discurso “verdadeiro”, mas que produz um efeito de verdade. Ele é construído para fazer-parecer-verdade. Dessa forma, o discurso constrói a sua verdade, e o enunciador recorre a estratégias persuasivas para que o enunciatário, em seu fazer interpretativo, encontre e reconheça suas marcas de veridicção.

O objetivo final dessa iniciativa é tornar o discurso persuasivo ao destinatário. Segundo Barros (2005), o sujeito da enunciação faz uma série de escolhas – de pessoa, de tempo, de lugar – e transforma a narrativa em discurso. No caso citado acima do Guia do Leitor de A Gazeta, pode-se concluir que é criado um efeito de realidade para manipulação.

Outra estratégia é a criação do efeito de proximidade com o leitor. Um exemplo disso está na nova forma de organização temática do jornal. Com o novo formato, a editoria Cidades passa a se chamar Dia-a-Dia, que remete “a diariamente com você”. Ela ganha mais espaço, ou seja mais páginas para abordar temas variados, como educação, trânsito, religião, entre outros assuntos que não se enquadram nas segmentadas editorias de Política, Economia, Cultura (Caderno 2), Imóveis, Veículos e Classificados.

A antiga editoria de Polícia, por exemplo, é renomeada para Segurança, justamente para reforçar os valores de mudança proposto pelo jornal no seu guia de ser mais “analítico”, ampliando a abordagem das notícias sobre crimes para além do fato. Essa editoria sai do meio do jornal e se posiciona após a de Cidades, que ocupa a primeira posição ao se folhear o periódico. Essas duas editorias são as primeiras leituras do leitor e, por isso, ganham destaque e importância. Eram editadas, inclusive, pelos mesmos jornalistas.

Para sustentar o “dinamismo”, é criada a página “Últimas notícias” com as matérias sobre os fatos locais e até nacionais das últimas horas antes do fechamento do jornal. Ela não se prendia aos temas das editorias, ofertando um cardápio de notícias variados. Também era uma página em que se aproveitava muitos conteúdos de notícias de sites locais, no sentido de apresentar um conteúdo menos “velho” aos leitores, que já recebem a informação, pelas características do jornal impresso, um dia após os fatos ocorridos.

### 2.1.2 ANÁLISE DE MÍDIA EM 2009

Nesta pesquisa, é importante pontuar que a análise dos recortes sobre a Ponte da Passagem serão feitos em duas fases distintas desse jornal. Na referente ao ano de 2009, A Gazeta ainda apresentava o formato standard. Já a de 2014 será com o novo jornal tablóide.

Em 2009, foram feitas 469 publicações com menção da Ponte da Passagem. Nesse periódico, há um espaço diário de meia página para a previsão do tempo, dentro da editoria de Dia-a-dia, e balneabilidade em uma sessão, denominada de “Previsão do Tempo”. Nela, a Ponte da Passagem se faz presente como na avaliação como ponto impróprio para o banho. Ou seja, houve em 365 dias pelo menos uma citação sobre a ponte no jornal.

No entanto, como esta pesquisa está focada no conteúdo jornalístico, é preciso delinear melhor o universo de publicações para fim dessa análise. Ao todo, foram 139 publicações – entre textos e imagens - que mencionam a Ponte da Passagem. Foi, em média, duas por dia, o que reflete uma grande exposição do leitor ao assunto, abordado de maneira constante nesse período, na maior parte das vezes, em espaço privilegiado nas primeiras páginas do jornal.

TABELA 1 – DETALHAMENTO DAS PUBLICAÇÕES DE A GAZETA EM 2009

<b>Tipo de publicação</b>	<b>Total</b>	<b>Percentual</b>
<b>Reportagens</b>	45	32,3%
<b>Notas</b>	31	22,3%
<b>Tabelas e ou Ponto a Ponto</b>	11	7,9%
<b>Artigo</b>	4	2,8%
<b>Texto-legenda (TL) – Foto com legenda</b>	10	-
<b>Infográfico</b>	6	-
<b>Fotografia</b>	32	-

Os formatos jornalísticos das publicações sobre a Ponte da Passagem são reportagens (45), notas (31), tabelas/ ponto a ponto (11) e artigo (4). Foram publicadas 32 fotos do objeto, sendo todas coloridas, dez texto-legenda (TL) e seis infográficos.

Para entender melhor o peso desses tipos de publicações, é preciso esclarecer o que elas significam. Elas são expressões textuais para divulgar a notícia, que é uma forma de ver, perceber e conceber a realidade, segundo Fontcuberta (1993, p. 12). Para este autor, ela é um autêntico sintoma social e análise de sua produção lança pistas sobre o mundo que nos cerca.

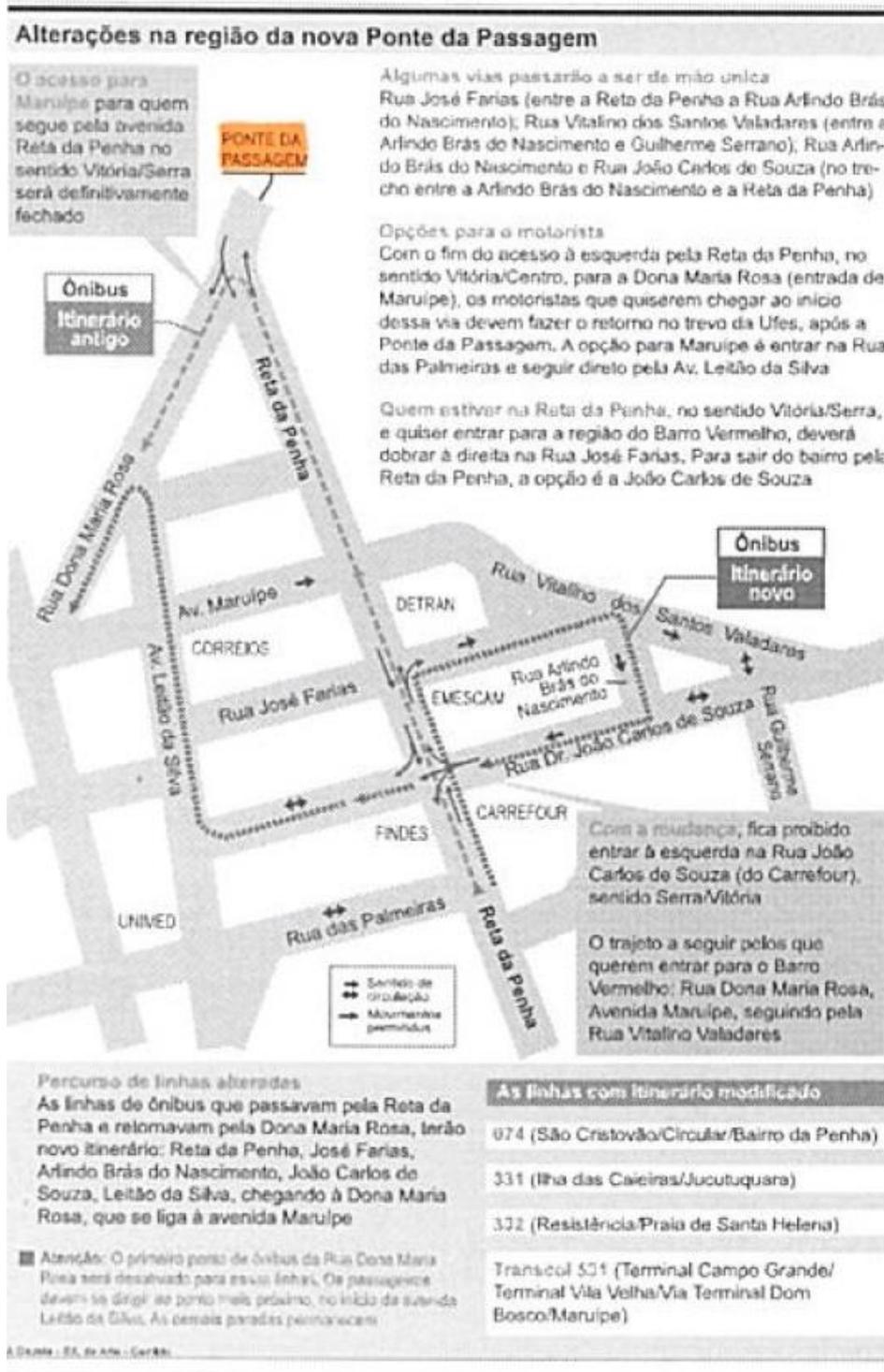
A reportagem, no jornal impresso, compreende a uma expansão da notícia, que situa o fato em suas relações mais óbvias com outros fatos antecedentes, consequentes ou correlatos (Lage, 1982, p. 83). Do ponto de vista da produção, ela ganhar caráter de investigação quando parte de um fato para revelar outros fatos ocultos.

As notas jornalísticas são notícias marcadas pela brevidade do texto, o que a torna pequena em destinação de espaço e permite uma informação rápida ao leitor (Andrade e Medeiros, 2001, p.110).

Já o artigo é um texto opinativo que expressa o pensamento de seus autores, ao contrário da reportagem e da nota, por exemplo, que devem ser isentas de opiniões. As tabelas ou ponto a ponto são espaços delimitados para exposição de números, fatos históricos, curiosidades, elencados de maneira didática para ampliação da notícia.

Os recursos de expressão de imagem no jornalismo impresso são o Texto-legenda (fotografia com uma legenda noticiosa), fotografia e infográfico – ilustração que mescla elementos gráficos visuais a pequenos textos jornalísticos.

Infográfico 1 – Modelo de presença verbal (25/06/2009)



Fonte: A Gazeta

Em relação ao conteúdo dos textos dessas 139 publicações, percebeu-se que elas poderiam ser enquadradas em duas categorias de análise pela forma como se referiam ou como tratavam a ponte no discurso. São elas: objeto grandioso, que aparece sobretudo no período de construção do equipamento de janeiro a agosto, e a de lugar de destaque na cidade.

### **a) Objeto grandioso**

Em 43 dessas publicações, o que representa 30,9% do total, o foco das notícias é o próprio objeto. Elas falam diretamente sobre a nova Ponte e o seu modo de construção.

Nesse período, as matérias que se ocupam de relatar com esse enfoque, em sua maioria, são reportagens, que possuem maior peso jornalístico, portanto, ganham maior espaço.

Sobre a localização desses textos, que em sua maioria são acompanhados de fotos de peças gigantes ou da ponte de maneira a valorizar o seu tamanho, eles aparecem sobretudo no topo das páginas, ou seja, de maneira privilegiada, considerando o espaço do jornal standard.

Os temas das publicações que falam diretamente sobre a construção da Ponte da Passagem. Nelas, a todo momento, se encontram superlativos espetacularizam o objeto.

A capa do dia 13 de fevereiro de 2009 (Fotografia 10) exemplifica essa exposição. Com a manchete “Nova Ponte pede Passagem”, o jornal publica três fotos de uma grande operação para instalação de peças de 84 toneladas no topo dos pilones que foi acompanhada por 100 profissionais, durou meia hora e precisou de grandes equipamentos, como um guindaste de 150 toneladas.

Fotografia 10 – Capa de A Gazeta de 13/02/2009



Fonte: A Gazeta

O título dessa chamada de capa cria uma nova relação semântica em relação ao nome do equipamento. De fato, a expressão “Ponte da Passagem” já apresenta uma reiteração, no nível semântico, uma vez que toda ponte é local de passagem. Ao publicar “Nova ponte pede Passagem”, brincando com o sentido de suas palavras, valoriza o novo equipamento e a sua construção, que “pede passagem”, ou seja, que, de maneira educada e sutil, se apresenta no jornal e na cidade.

Inicialmente essa ideia construída parece um contrassenso, afinal, o texto continua a descrever uma operação grandiosa para instalação de peças gigantes. Nada com essa escala passa despercebido ou chega sem chamar a atenção.

Outras estratégias que mostram que a intenção do jornal é explorar a notícia e espetacularizá-la estão nas imagens. A opção de escolha de três fotos para mostrar a construção do que seria o início, meio e fim da instalação de peças. A primeira traz pessoas em primeiro plano que olham o içamento com os pilones ao fundo. A segunda retrata a iminência do encaixe da peça em sua base. Já a terceira apresenta o trabalho finalizado. No canto esquerdo dessa última imagem sequencial, ao lado do guindaste, aparece um avião, que por sua posição e angulação da foto, “parece tocar” os fios do guindaste, como se estivesse passando bem próximo ao topo da ponte. Isso reforça ainda mais o destaque dado à altura da ponte e a criação discursiva de um grande equipamento que toca o céu da cidade.

A ponte é enfocada com destaque em primeiro plano em duas últimas imagens. Na primeira, apesar de estar em segundo plano, é o objeto a ser contemplado pela admiração dos trabalhadores na imagem, e para o leitor, que, pelo seu posicionamento de leitura, é convidado também a assumir esse papel de olhar o que todos admiram.

Nesse período temporal de análise, a maioria das fotos apresenta a ponte em primeiro plano. Pelo discurso, a ponte é exposta como grandiosa como estratégia narrativa do jornal para valorização desse novo equipamento, que, nesse mesmo ano, ganhou o nome de um dos fundadores do jornal A Gazeta, o governador Carlos Lindenberg.

## **b) Lugar de destaque**

Em alguns momentos do ano de 2009, mas, sobretudo entre agosto, após sua inauguração, e dezembro, a ponte aparece no conteúdo do jornal como um lugar na cidade, como espaço de mobilidade, de prática de esportes, de contemplação e até de espaço de poder, por ocasião de protestos e manifestações. Em relação a essas temáticas variadas, se concentra a maioria das publicações sobre a ponte: 61 publicações, o que equivale a 59%.

É importante pontuar que houve publicações que falavam exclusivamente do objeto, como mostra a Fotografia 11. Nas outras ela aparece em contextos diversos, como mostra o exemplo da Fotografia 12.

Fotografia 11 – Exemplo de notícia que fala diretamente sobre a Ponte



Fonte: A Gazeta ( 7/07/2009)

Fotografia 12 – Exemplo de inserção da Ponte fora de contexto



Fonte: A Gazeta

Na Fotografia 12, a matéria fala sobre o Projeto Pro-Pas do Governo do Estado de criar um corredor de segurança, assunto em que não há nenhuma ligação temática com a Ponte da Passagem. No entanto, este objeto é citado porque a estrutura que abrigará as radiopatrulhas da Polícia Militar tem um design inspirado na Ponte.

Essa presença no discurso de A Gazeta é algumas vezes sutil. O jornal publicou, no dia 18 de setembro de 2009, uma reportagem de página inteira sobre o Projeto Vida Urgente, que visa ao apoio a pais e parentes de vítimas de trânsito. Titulada como “Unidos na dor por trânsito seguro”, a matéria (Fotografia 13) apresenta em uma tabela o subtítulo “Ponto de Referência” e apresenta o texto “Para quem segue em direção à Ponte da Passagem, pela Reta da Penha, fica na primeira rua à direita”.

Nesse caso, a ponte se apresenta no discurso com objeto de referência na cidade de Vitória, no sentido de ajudar o leitor a encontrar a sede do projeto. Enquanto objeto na urbe, ela se apresenta como importante elemento de localização espacial.



Fotografia 14 – Ponte como referência absoluta no território

## Outros dois sobreviventes também moram em Vitória

**Os demais tripulantes voltaram para casa no Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro e em Santa Catarina**

Dois dos dez pescadores que conseguiram chegar ao bote salva-vidas e serem resgatados 30 horas após o naufrágio, em Mucuri, na Bahia, moram em Vitória. Os outros oito sobreviventes voltaram para seus Estados de origem, no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Rio de Janeiro, entre manhã e tarde de ontem.

Entre eles, cinco são gaú-

chos; um, carioca; dois, catarinenses e os outros dois, que moram na Capital, são naturais de Pernambuco.

### INFORMAÇÕES

As primeiras informações passadas pela Capitania dos Portos, na última segunda-feira, eram de que todos estariam hospedados em um hotel de Vila Velha, o que foi desconsiderado no mesmo dia.

Ontem, tanto a Capitania quanto os pescadores da Praia do Suá, na Capital, confirmaram que os oito sobreviventes estariam em um hotel de Vitória, na região próxima à Ponte

da Passagem.

Horas depois, a informação passada por pescadores e até por um dos sobreviventes do naufrágio era de que eles teriam voltado para suas casas, em outros Estados. A Marinha do Brasil teria liberado todos depois de eles prestarem depoimentos, ontem.

ASSISTA NA WEB  
 Vídeo desta reportagem  
 no [www.gazetaonline.com.br/agazeta](http://www.gazetaonline.com.br/agazeta)

Fonte: A Gazeta (26/08/2009)

Na Fotografia 14, podemos destacar um fato curioso de exposição da ponte que foge à regra jornalística. Em uma matéria sobre um naufrágio na costa do Espírito Santo, o jornal diz que os sobreviventes “estariam em um hotel de Vitória, na região próxima à Ponte da Passagem”. A regra é sempre mencionar o bairro e a cidade para referenciar lugares aos leitores. Neste caso, o hotel não tem bairro. Ele é inserido em uma região. Trata-se do Bristol Easy Hotel, que está na avenida Nossa Senhora da Penha, que apesar de ter outros pontos de referência que poderiam referenciá-lo, como o posto Shell, a Chefatura de Polícia, a própria avenida que é tradicional no bairro, é inserido na “região da Ponte da Passagem”, que aqui se consagra como um novo ponto de destaque no território.

Durante a análise do discurso de A Gazeta é claro perceber a forma como o periódico mantém de maneira constante a ponte como referência de lugar de destaque na cidade. Segundo BARROS (2005), a reiteração desse tema ao longo do discurso

denomina-se isotopia. Ela assegura, graças à ideia de recorrência, a linha sintagmática do discurso e sua coerência semântica.

As palavras mais utilizadas que foram os conectores dessa isotopia, ao longo do discurso sobre a ponte nesse ano, foram “próximo”, “sentido Ponte da Passagem”, “em direção à Ponte da Passagem” e “em frente”. Elas criaram relações intertextuais sobre o espaço e a localização, na cidade.

Fotografia 15 – Ponte é a referência mesmo longe do local do crime



Fonte: A Gazeta (10/07/2009)

É importante ressaltar que, nesse caso de isotopia da ponte como lugar, invariavelmente o enunciador foi o próprio repórter ou editor (Fotografia 15). Percebe-se com clareza que para os jornalistas que construíram esses discursos, apropriados pelo jornal, têm a ponte como importante objeto de localização em Vitória.

Ao mesmo tempo, ao fazer, no plano narrativo, essa abordagem com a inserção, de certa forma, influenciam o modo de ver dos cidadãos e reforçam referência pelos efeitos de sentido criados.

Essa abordagem da ponte como referência de lugar na cidade acontece, sobretudo, antes da inauguração, ou seja, de janeiro a agosto de 2009, período em que a ponte estava em construção. Esta foi uma estratégia de manipulação do jornal no sentido de marcar essa nova ponte como um novo espaço na cidade.

Uma reflexão mais aprofundada sobre essa construção de “um novo lugar na cidade”, de um local retratado de forma a se destacar como referência de localização em detrimento de tantos outros na região, permite afirmar que o Jornal A Gazeta, em seu discurso sobre a Ponte da Passagem, usou de artifícios textuais e visuais para projetar esse objeto.

Essa “valorização” da Ponte mostra a clara intenção do periódico em produzir significados desse espaço, como resultado de um processo de uma apropriação simbólica. Assim, exerce seu poder de persuasão como forma de dominação pelo discurso.

Os regimes utilizados pelo jornal, nas construções de objeto grandioso e de valorização do espaço “Ponte da Passagem”, a partir de novas construções discursivas, são o tecido (programação) e a rede (manipulação).

A Gazeta é o mediador de uma nova relação entre o leitor e o espaço, relação esta que é baseada nas suas discursividades. Ela tenta conectar o leitor ao lugar, que é a Ponte da Passagem. No âmbito do discurso, ela cria o espaço operacional de domínio sobre as coisas, que Landowski (2015) define como o tecido, para o manejo da ponte, que vira uma “paisagem midiaticizada”, interferindo nas relações nessa dimensão mediada.

Também observa-se no discurso a rede, um espaço convencional de circulação de valores modais para a manipulação. O jornal, como sujeito manipulador, faz uma conjunção para fazer saber ou fazer crer ao leitor que a nova ponte requalificou o lugar, que é um objeto a ser admirado e assimilado pela cidade, a partir de seus

interesses comerciais (exploração e venda das notícias) e político (ser uma vitrine com propagandas governamentais em forma de texto).

Em relação aos temas, o Jornal A Gazeta dispõe o seu conteúdo a partir de sessões, denominadas tecnicamente como editorias para facilitar a busca das notícias por assunto. Sobre o local da presença, a ponte aparece em espaços variados, como as editorias Dia a Dia, Política, Esportes, Economia, Cadernos Especiais, Últimas Notícias, Plantão, Segurança, Opinião, Prazer e Cia, Revista AG e Guia Imobiliário.

TABELA 2 – LOCALIZAÇÃO DAS INSERÇÕES EM A GAZETA EM 2009

<b>Editorias</b>	<b>Total</b>	<b>Percentual</b>
Dia a dia	47	45,1%
Segurança/Polícia	4	3,9%
Economia	4	3,9%
Caderno de Cultura Prazer e Cia	4	3,9%
Revista AG	1	0,9%
Coluna Praça Oito (Política)	2	1,9%
Plantão	1	0,9%
Capa	5	4,8%
Últimas notícias	1	0,9%
Política	1	0,9%
Esportes	6	5,8%
Opinião	11	10,7%
Coluna Social Zig Zag	10	9,8%
Coluna Vitor Hugo (Variedades)	6	5,8%
Cadernos especiais	1	0,9%
Guia Imobiliário	1	0,9%

A editoria com o maior número de publicações – 47 – é Dia a Dia, que tradicionalmente aborda factuais diversos, como Trânsito, Educação, Infraestrutura Urbana e Saúde. O acompanhamento dessa obra de construção da Ponte da Passagem é esperado para

essa editoria do jornal. Se considerarmos as outras, Opinião, que é construída a partir de textos e fotos enviados pelos leitores, Esportes e Economia são, respectivamente, as editorias com mais publicações relacionadas à ponte.

No entanto, observa-se que, de maneira sutil ou não, a ponte aparece nos discursos em editorias que abordam assuntos que diferem dos temas ligados à ponte, como obra, mobilidade, trânsito ou urbanismo, fora do seu contexto esperado.

O Caderno Prazer&Cia, por exemplo, no dia 13 de novembro, publicou uma matéria (Fotografia 16) sobre culinária portuguesa e as opções de restaurantes nesse segmento. Com o título “Porto do bacalhau”, o repórter inicia o *lead*, primeiro parágrafo do texto jornalístico que reúne as informações mais importantes da matéria em atendimento às perguntas “o que”, “quem”, “quando”, “onde”, “como” e “porque”, dizendo que, depois de funcionar por anos ao lado da Ponte da Passagem, o Porto Bacalhau abriu as portas em outro endereço.

Se observamos a construção narrativa da frase, sob a ótica da pirâmide invertida, que determina que as informações relevantes sejam escritas primeiro, o repórter valorizou mais, no texto, a antiga localização do restaurante ao lado da Ponte da Passagem, do que a nova localização em si. Se pensarmos melhor sobre a proposta da matéria, de mostrar aos leitores o restaurante e seus pratos portugueses, na construção narrativa do jornalista não privilegiou esses dados, mas valorizou a antiga localização do estabelecimento.

Obviamente que o escritor ao optar por essa forma de expressão tinha suas intencionalidades. Mas o fato da mudança do restaurante ter acontecido em 2007, dois anos antes da publicação dessa matéria, conforme publicado no *lead*, e de isso ser importante referência na construção do seu texto evidencia, novamente, a importância da referência geográfica da Ponte como objeto de localização.

## Fotografia 16 –Lead que supervaloriza a Ponte

...dos primeiros restaurantes dedicados à culinária portuguesa na Capital, o kitchen long Nogueira orgulha-se da casa de três andares, com pratos feitos exclusivamente

**Confira**  
**Bacalhauzinho:** Avenida Desembargador Demerval Lyrio, 600, lojas 3, 4 e 5, Mata da Praia, Vitória. (27) 3325-7165. Terça a sexta, das 16h às 19h sábado, das 12h às 14h domingo, das 12h às 17h. Cartões Visa, Mastercard, Dinners Club, American Express e Banescard. Ar-condicionado. Área para fumantes e acesso para deficientes físicos. Capacidade: 100 lugares. Adega climatizada e vinho em taça. Aberto em 2000. [www.bacalhauzinho.com.br](http://www.bacalhauzinho.com.br)

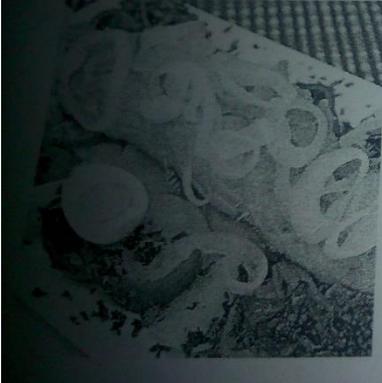
**Porto do Bacalhau**

Depois de funcionar por anos ao lado da Ponte da Passagem, o Porto do Bacalhau abriu as portas em 2007 na Rua Anísio Fernandes Coelho, em Jardim da Penha, com a mesma qualidade que fez a história do restaurante. Comandada por Telmo Merlo, a casa é tão reconhecida que recebeu, neste ano, sua terceira indicação ao Prêmio Prazer&Cia.

As receitas mais cobiçadas, claro, são aquelas que têm o bacalhau como matéria-prima. O carro-chefe fica por conta do preparado à Lisboa, assado, servido com batatas, cenoura e brócolis (R\$ 129,20, duas pessoas). Também fazem sucesso o Bacalhau Ligeirinho, reforçado por legumes e decorado com pimentões coloridos (R\$ 38,50, individual). Todos feitos a partir de um corte especial de postas do dorso, o "filé mignon" de

A culinária da terrinha também tem seus contemporâneos na casa, vidu torresmo de bacalhau, feito com 14,90 a porção) e o carpaccio, à base que leva limão siciliano e amê cardápio ainda traz o suculento assado no molho de vinho de legumes (R\$ 58,60), que pode um excelente – e raro – Barco vinhos portugueses.

**Confira**  
**Porto do Bacalhau:** Avenida Anísio Fernandes Coelho, 66, loja 3, Jardim da Penha, Vitória. (27) 3227-8849. Cheque e cartões Visa, Mastercard e Dinners Club. Ar-condicionado, área para fumantes e acesso para deficientes físicos. Vinho em taça. Aberto em 1994. [www.portodobacalhau.com.br](http://www.portodobacalhau.com.br) \$\$\$



Fonte: A Gazeta (13/11/2009)

Além disso, a ponte também aparece bastante nas Colunas Sociais: Victor Hugo, Praça Oito, Sociedade e Zig Zag. Foram 18 inserções de notas que falam desse objeto. Esse número é considerável se pensarmos que é maior do que as inserções dos que as editorias de Economia ou Política.

A impressão que se tem é de que a Ponte da Passagem “transita” nos mais variados assuntos e espaços do periódico. Alguns até de maneira surpreendente pelo modo como a ponte aparece no discurso.

Na nota de Sociedade, assinada pelo então colunista Wesley Sathler, do dia 27 de maio de 2009, no Caderno 2, foi publicada uma sugestão de leitor sobre implantação de mão única na avenida Reta da Penha. O texto diz “(...) poderíamos adotar mão única na Reta da Penha, no sentido Ponte da Passagem, e mão única na avenida Leitão da Silva, no sentido Ponte da Passagem/Avenida César Hilal.”

Pode-se concluir que no texto, a ponte, enquanto objeto, perde sua significação original, passando para ser um elemento de direcionamento de sentido de trânsito e de fluxo.

### **c) Desconstrução do nome**

Em relação à denominação do objeto, encontramos uma variedade de termos: “Ponte da Passagem”, “nova Ponte da Passagem”, “Ponte Governador Lindenberg”, “ex-Ponte da Passagem” e “ponte metálica”. A maioria das menções – 51 – é “nova Ponte da Passagem”, seguida por “Ponte da Passagem”, que apareceu no discurso 46 vezes.

O fato de referenciar o objeto como nova ponte já traz uma oposição com a “velha” ponte, ainda em utilização nesse período. É uma estratégia narrativa de manipulação para uma “desvalorização” da ponte antiga e, de certa forma, destaque para o novo equipamento.

É importante ressaltar que houve diversas tentativas do Jornal A Gazeta, por meio de seus discursos, de manipular o leitor para desconstruir a denominação da “Ponte da Passagem” para impor o “nome oficial”, aprovado por lei, mas pouco utilizado e conhecido, de Ponte Governador Lindenberg. Isso pode ser constatado não só em matérias como em colunas.

Um exemplo está na edição do dia 27 de agosto de 2009, em Victor Hugo, (Fotografia 17) com o título “Ai, ai, ai...”. O texto fala sobre a gafe da inauguração do equipamento sem passarela e ciclovia. Ele diz “Entregar a Ponte Governador Lindenberg (ex-Ponte da Passagem) sem ciclovia ou via para pedestre?”.

Nessa nota, a colunista Lúcia Garcia, ao usar o termo “ex-ponte” cria um efeito de sentido de que a nova denominação da ponte quase que extinguiu a antiga forma de denominação do objeto, amplamente utilizada pela população da cidade desde o período colonial.

## Fotografia 17 - Coluna Victor Hugo

**Ai, ai, ai...**

Que vacilo do governo do Estado e da Prefeitura de Vitória. Entregar a ponte Governador Carlos Lindenberg (ex-Ponte da Passagem) sem ciclovia e via para pedestre!? Enquanto isto, em outros lugares do país, e do mundo, governos incentivam o uso de bicicleta, para reduzir a poluição e facilitar a mobilidade urbana.

**Resposta**

Sobre a nota publicada ontem, do vacilo de entregarem a nova Ponte da Passagem sem ciclovia e via de pedestre, o governador Paulo Hartung disse à coluna que os capixabas não precisam se preocupar. As peças para montar a passarela independente para pedestres e ciclistas já estão compradas. Só não foram montadas agora, por uma questão de engenharia.

Fonte: A Gazeta (26/08/2009 e 27/08/2009)

A impressão que se tem é que a jornalista Lúcia Garcia, que produzia a coluna na ocasião, leu, no dia 26, a matéria publicada pelo periódico sobre a exclusão e fez uma leve crítica na coluna no dia seguinte. No dia 27, o então governador Paulo Hartung aparece nesse espaço do jornal informando que a passarela seria ainda montada.

## Fotografia 18 - Sugestão de nome para a Ponte da Passagem



**WESLEY SATHLER**  
sathler.wesley@terra.com.br  
FAX: 3321-8769

### Jornalismo

Nirley Machado, estudante de Jornalismo de uma faculdade local, escolheu para seu TCC (trabalho de conclusão de curso) um tema bastante pertinente: "O papel do jornalismo profissional na Justiça capixaba". Com certeza, assunto não vai faltar, afinal, o jornalismo investigativo, denunciador e apurador de fatos nunca foi tão importante para um Estado e um país, que, como diz Boris Casoy, tem que ser passado a limpo...

### A caminho do altar

Ficaram noivos Patrick Canal e a belíssima Fátima Coelho. Eles ainda fazem segredo da data do grande dia, mas logo logo vamos divulgar aqui.

### E a homenagem?

E o projeto de se criar a rua "Marinho Bellia", como ficou? Até agora, nada de nada. Segundo alguns vereadores, mudar nomes de ruas na Praia do Canto seria inadequado, pois causaria ofensas desnecessárias aos descendentes do ho-

» » **SAMPA.**  
No Restaurante Figa, comanda com o karaokê: Bruno dos Anjos Gustavo e Flávio Mendonça.

menageado que perdesse o nome em via pública. Há quem sugira o nome de Marinho para a nova Ponte da Passagem. Seja como for, o saudososo chef merece, sim, uma homenagem.

### Família

O jovem empresário Floriano Mendonça descobriu as alegrias de ser pai. Segundo ele, se depender do orgulho que

Fonte: A Gazeta (22/03/2009)

## Fotografia 19 – Colunista Wesley Sathler pede sugestões de nome para a Ponte

Vitória. É a única coisa boa que há por ali.  
É o fim.  
Espirrar dentro de um veículo com as janelas fechadas. Se não der para segurar, abra as janelas!

**WESLEY SATHLER**  
sathler.wesley@terra.com.br  
FAX: 3321-8769



## Abrir ou não o acesso da Terceira Ponte à Reta da Penha?

Há quem odeie a ideia de se mexer na Praça do Cauê, mas também há quem acredite que, para desafogar o trânsito da Terceira Ponte, seja inevitável a ligação direta com a Reta da Penha. Os mais ousados defendem uma passagem por baixo da pracinha.

### Aceitamos sugestões...

Falando em pontes, está mesmo ficando bonito de se ver a obra, já em fase de conclusão, da nova Ponte da Passagem. Mas e o nome da nova ponte, alguém já sabe? Sugestões são bem-vindas.

### Mundo médico

Antonio Alves Benjamim Neto comemora: o Hospital Meridional recebeu, na semana passada, a primeira visita do Instituto Qualisa de Gestão (IQG), referente ao Programa de Acreditação Internacional, concedido pelo Canadá. A instituição de saúde será a pri-

Fonte: A Gazeta (17/05/2009)

Fotografia 20 – Colunista Wesley Sathler anuncia o nome oficial da Ponte

Elielson Ferrari.  
É o fim.  
Estilo jovem  
pode até certo  
ponto, viu? Jeans  
em casamento  
não vale.

**WESLEY SATHLER**  
sathler.wesley@terra.com.br  
FAX: 3321-8769



## Saudades do “Café del Mar”?

Quem curtiu nossa festa de verão, nas Três Praias, vai ter algo bem parecido aqui mesmo em nossa Ilha. No próximo dia 6 de junho, a Coluna Sociedade, em parceria com Scandar Nemer, traz de Ibiza a festa “Bora, Bora!”, para a área verde do Clube Ítalo-Brasileiro, na Ilha do Boi. Tudo como manda o figurino, ou seja, open-bar, DJs badalados e muita alegria!

### Seda italiana

A sexta-feira foi, sem dúvida, das famílias Bragatto e Ferrí, que casaram seus filhos Laura e Elielson. Flávia Saade produziu o look da noiva, que vestiu uma obra da costureira Quinha Campos, que, por sua vez, fez um belíssimo trabalho com pura seda italiana. Já a mãe da noiva, Bernadeth, trouxe de Paris o modelito que usou.

### A nova Ponte da Passagem vai se chamar...

A resposta que faltava: a nova **Ponte da Passagem** vai se chamar Ponte Governador Carlos Lindenberg, em homenagem a Carlos Fernando Monteiro Lindenberg, governador do Estado por duas ocasiões.

Fonte: A Gazeta (19/05/2009)

Na sequência acima de publicações da Coluna Sociedade (Fotografias 18,19 e 20), o jornalista Wesley Sathler propõe que a Ponte da Passagem ganhe o nome do chef carioca Marinho Bellia. Dois meses depois, pede aos leitores que enviem sugestões de nomes para a ponte. Em seguida, dois dias após a convocatória, revela que a Ponte irá se chamar Governador Carlos Lindenberg.

Sathler comprovadamente tenta influenciar o leitor do jornal inicialmente ao sugerir o nome do chef para ponte. Como a estratégia não funcionou e, certamente ao descobrir que a ponte já tinha o nome definido, tenta, com esse jogo narrativo, criar uma “falsa” enquete para uma escolha, que de nada teve de democrática, muito pelo contrário. Apenas cria a expectativa para anunciar o verdadeiro nome. E quando anuncia, na última publicação, o nome real, reintera várias vezes, pela repetição de palavras e cargos, o nome do ex-governador. Isso cria o efeito de sentido de reafirmação da escolha.

Em tempo, é preciso enfatizar que essa intencionalidade do Jornal A Gazeta em consolidar o nome de Ponte Governador Lindenberg é uma estratégia política da

empresa para valorização da figura do então governador, que é um dos fundadores do próprio jornal e patriarca da família, que ainda detém a direção da instituição.

#### d) Ausência

Além das presenças, faz-se importante refletir o que se fez ausente no discurso de A Gazeta sobre a ponte. Em 2009, até a inauguração em agosto, houve publicação de qualquer material jornalístico sobre o trânsito de pedestres e ciclistas no Canal da Passagem. Esse “silêncio” foi quebrado, dias antes da inauguração, com cinco publicações, sendo uma foto, duas notas, um texto-legenda e uma reportagem.

No dia 26 de agosto, é publicada a matéria “Pedestres na nova ponte só em 2010” (Fotografia 21). No lead, há a frase “Pedestres e ciclistas vão ter que esperar até o ano que vem para desfrutar dos benefícios da Ponte Carlos Lindenberg – antiga Ponte da Passagem -, que será aberta para veículos no próximo domingo”.

Fotografia 21 – Reportagem sobre pedestres na ponte

Fale com a editora: calves@redgazeta.com.br

A GAZETA Vitória (ES), quarta-feira, 26 de agosto de 2009

DIA A DIA | 07

FABIO VICENTINI

**Trânsito.** No domingo, inicialmente, só o sentido Serra-Centro será liberado para o tráfego de carros

# Pedestres na nova ponte só em 2010

**Obra será inaugurada neste domingo; mas passarela só começa a ser construída no próximo mês**

**ELAINE VIEIRA**  
elaine@redgazeta.com.br

■ Pedestres e ciclistas vão ter que esperar até o ano que vem para desfrutar dos benefícios da Ponte Governador Carlos Lindenberg - antiga Ponte da Passagem -, que será aberta para veículos no próximo domingo. A passarela exclusiva para quem não anda de carro ou ônibus só vai começar a ser construída no próximo mês, e

a estimativa é de que a obra dure cerca de 10 meses. As obras da passarela, que terá seis metros de largura e a mesma altura da nova ponte - que ganhou o nome do ex-governador - serão feitas acima da atual, isoladas dos veículos. Após a construção, a ponte antiga será demolida, para viabilizar a navegação embaixo das novas estruturas.

**INAUGURAÇÃO**  
Os preparativos para a inauguração da ponte vão durar toda a semana. Segundo o secretário de Transportes de Vitória, Fábio Damasceno, a sinalização horizontal e os

semáforos do entorno também passarão por ajustes. Inicialmente, no domingo, apenas o sentido da ponte Serra-Centro será liberado, mas até a próxima segunda-feira, o trânsito deve ser completamente aberto. Além de faixas, serão afixadas tachas no asfalto para auxiliar os motoristas à noite. No sentido Serra-Vitória, logo após a saída da ponte, haverá um semáforo para garantir a travessia segura na faixa de pedestre pintada na Rua Dona Maria Rosa, próximo ao posto de gasolina. A sinalização da estrutura também conta com placas re-

gulamentares de velocidade máxima. Em cerca de 50 dias, radares serão instalados nas descidas em ambos os sentidos, com limite de 60 km/h. A Ponte Governador Carlos Lindenberg tem 55 metros de altura, o que equivale a um prédio de oito andares, e 270 metros de extensão, com 22,2 metros de largura. Trinta e dois cabos de aço sustentam dois tabuleiros para viabilizar a passagem de embarcações pelo canal. As novas dimensões da ponte permitirão o tráfego de até 533 carros por hora, na Avenida Fernando Ferrari, o que representa um aumento de cerca de 45% da capacidade atual.



VELOCIDADE MÁXIMA O limite de 60 km/h está sinalizado

Fonte: A Gazeta (25/08/2009)

Da forma como é colocado o título da reportagem, o jornal faz parecer que pedestres e ciclistas serão beneficiados, após um grande tempo de espera, com o uso da ponte. Na verdade, isso é uma mentira, uma vez que a ponte foi construída apenas para veículos. O enfoque dá a entender ao leitor que esse público um dia poderia se deslocar na ponte.

Ao se aprofundar na reportagem, o jornal esclarece que a espera é pela passarela, que ainda seria construída. Para não prejudicar “a passagem”, a antiga ponte seria usada por quem caminha a pé ou de bicicleta, até a construção do novo equipamento.

A utilização do termo “antiga ponte” cria o efeito de sentido, a partir da oposição nova vs antiga, de que a Carlos Lindenberg é o novo espaço que sobrepõe ao outro, que ocupa lugar. É um espaço exclusivo, sobretudo para quem, de alguma maneira, pode se deslocar por veículo automotor.

Obviamente insatisfeitos, os ciclistas, que se organizaram para protestar na inauguração da ponte. Na cobertura, entre as imagens do evento que reuniu centenas de pessoas no local, é publicada uma foto de um homem em primeiro plano com o cartaz com a mensagem “Cadê a ciclovia? Mangue de concreto”. O jornal registra em poucas linhas esse protesto (Fotografia 22), dando pouco destaque à crítica.



Fotografia 23 – Texto-legenda de crítica de ciclista ao projeto da ponte



Fonte: A Gazeta (31/08/2009)

É importante ressaltar que nenhum pedestre foi ouvido nessas reportagens. Esse grupo de pessoas não aparece em nenhuma dessas publicações. O lema básico do jornalismo – de dar voz a todos os envolvidos - foi “esquecido”, ou melhor, omitido. Os transeuntes não tiveram voz, nem espaço para se manifestar.

A Gazeta, segundo os seus valores institucionais, deveria publicar matérias que abordassem assuntos de interesse da coletividade, neste caso, toda a população da capital e de outras cidades da Grande Vitória, que perderam o uso dessa passagem centenária por ponte sem qualquer segregação. Ao contrário, na prática, o jornal se mostrou com um discurso oficioso, ou seja, como um reprodutor de notícias e de enfoques de governo.

**e) Atores no discurso**

Ao analisar as fontes oficiais presentes nas matérias relacionadas sobre a ponte, é observado que há agentes variados de diversas instituições, como Prefeitura de Vitória, Governo do Estado, Capitania dos Portos, consultores imobiliários,

moradores/leitores, representantes da Rede Gazeta e do Sindicato das Empresas de Transportes de Cargas e Logística do Espírito Santo (Transcares).

O então prefeito de Vitória João Coser é a autoridade que mais mencionou a Ponte da Passagem em seus discursos publicados no jornal. Em seguida, aparecem o secretário de Transportes, Trânsito e Infraestrutura Urbana, Fábio Damasceno, e o secretário de Desenvolvimento da Cidade, Kleber Frizzera. Ao todo, foram 32 entrevistas com agentes políticos da Prefeitura de Vitória.

Na esfera estadual, o governador Paulo Hartung e o vice-governador Ricardo Ferraço juntos falaram dez vezes ao jornal sobre a Ponte da Passagem. Outro importante ator foi o então diretor do Departamento de Estradas e Rodagens do Espírito Santo (DER-ES), Eduardo Manatto, com nove entrevistas. Somam, ao todo, dez matérias com as presenças desses agentes.

Essa presença mais forte de fontes da Prefeitura de Vitória nos discursos sobre a Ponte da Passagem induz o leitor a uma associação do equipamento ao órgão municipal, que capitalizou politicamente essa “conquista”, apesar de ser uma obra conjunta com o Estado.

#### **f) Cartão postal**

É importante ressaltar que, após a inauguração da Ponte da Passagem, houve cinco publicações que mencionam que ela é um cartão postal da cidade. Essas notas foram publicadas nas editorias de “Opinião do Leitor” – duas, sendo uma na modalidade de Texto-Legenda (foto) e outra em texto -, Revista AG, Coluna Social Sociedade e em Economia.

## Fotografia 24 – Leitor reconhece a Ponte como cartão postal

Hoje é dia

**27 de agosto de 2009**  
**Dia do Corretor**  
**de Imóveis**



**Símbolo.** Em 1999, morreu aos 80 anos Dom Hélder Câmara (foto), arcebispo de Olinda e Recife, religioso que simbolizou a luta contra a ditadura militar.

**Guinness.** Em 1955, ocorreu o lançamento do primeiro "Livro Guinness dos Recordes", inicialmente como brinde aos clientes da cerveja Guinness.

**Ética blindou Sarney, e o último recurso é o Poder Judiciário**  
**RENATO CASAGRANDE.** Senador (PSB-ES), que também assinou petição levada ao STF

**não investiga nada, e a Casa também não consegue votar nada**  
**OSMAR DIAS.** Líder do PDT no Senado, sobre o acúmulo da pauta por causa da crise

## Opinião do leitor

**ENDEREÇO:** Rua A. Gomes, 846  
CEP: 55050-900, Vitória (ES), Brasil  
Fone: 31.31.0076

**EMAIL:** carta@opinião.com.br  
**FAX:** 31.31.8634

As cartas devem ser enviadas e escritas em português brasileiro, para serem de 250 linhas de caracteres. Não serão aceitas cartas com mais de 250 caracteres. Não serão aceitas cartas com mais de 250 caracteres. Não serão aceitas cartas com mais de 250 caracteres.



### Memória

Em matéria publicada no domingo (23/8) com título "A Memória Não Pode Parar", dados obscuros invalidam a história do tombamento do "Palácio das Águas" no município de Iguimirim. Em 1981, foi dado o primeiro passo rumo ao tombamento por minha mulher, a artista plástica Suzana Villaga, que já ocupou a Câmara de Artes Plásticas do Conselho Estadual de Cultura final da década de 80. Até então, mantive a conservação do imóvel e tomei a decisão de apoiar o tombamento com a finalidade do prédio histórico se tornar um centro cultural que mantivesse o nome da família Soares, e para isto na época procurei o prefeito do município e oficializei este projeto. Parte dos herdeiros se recusou a concordar com o processo, levando-me a negociar a maior cota para levar adiante o projeto de resguardar o patrimônio em benefício da memória da região. Entrepre ao cuidados das autoridades desde 1998, quando oficializei-se o tombamento, iniciaram a primeira fase da recuperação, que foi interrompida, destruindo o que antes estavam obras. Infelizmente o descaso foi se repetindo e quero deixar aqui a minha declaração, pois quando começa-

ções equivocadas culpando a família pelo abandono, pois as informações estão no processo do Conselho Estadual de Cultura de 1988. É importante frisar que, na Secretaria Estadual de Cultura durante a gestão da srta. Neuzi Mendes, reiniciaram-se as obras de restauração, sendo interrompidas mais uma vez sem explicação convincente, o que é lamentável.

— GUILHERME B. SOARES, VITÓRIA

### Jabor

Quero parabenizá-los pela matéria do ilustre jornalista Arnaldo Jabor, publicada terça-feira. A narrativa e a descrição dos fatos vão de encontro à indignação da maioria do povo brasileiro. Nós, que não temos meios e condições de expressar aquilo que está retido no peito, nos sentimos com a alma "lavada".

— GASTÃO SOARES ALVES, SÃO ROBERTO, VITÓRIA

### Jabor (2)

Lendo a crônica de Arnaldo Jabor, publicado nesta terça-feira em A GAZETA, concluí que o Brasil necessita rever conceitos arraigados em nossa política e que tem sido a razão de tanta desmotivação por parte do eleitor. Porém, quero salientar que qualquer atividade envolvida seres humanos está si-

se não houvesse exceções, porque que ali está a razão da proclamação da má conduta dos aventureiros que usam a política para se projetarem, com a certeza de que aqueles que poderiam impedir o seu êxito, se escondem atrás da famosa frase "religião, futebol e política, não se discute".

— CARLOS QUARTZANI, CONCEIÇÃO DA FORMOSA

### Nova ponte

Enfim a população terá maior facilidade ao transitar pela Avenida Fernando Ferrari, uma vez que no próximo domingo estará liberado o tráfego da nova Ponte "Carlos Lindenberg", que permitirá uma maior fluidez no trânsito, acesso mais rápido ao Centro de Vitória e, acredito, diminuição no número de acidentes. A construção desta ponte é também um marco para o Estado. A população espera que seja a primeira obra de muitas que virão tornar mais fácil a vida dos capixabas.

— ELEDSON ROBERTO MARGOTTO, JARDIM TROPICAL, SERRA

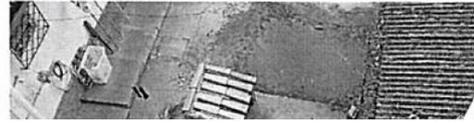
### Velha ponte

A segunda ponte, que liga Vitória a Vila Velha e Cariacica, pede socorro. O patrimônio está sofrendo com a ação do tempo sem iluminação, virou depósito de lixo e agora também a comi-

### Foto do Leitor



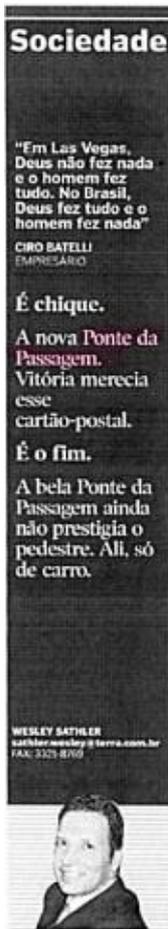
**Valou a pena esperar.** "Ficou simplesmente linda esta imagem da nova Ponte Governador Carlos Lindenberg" que substituiu a antiga Ponte da Passagem e será inaugurada sábado. É o novo cartão-postal de Vitória", registrou o leitor Ruy Franklin.



Fonte: A Gazeta (27/08/2009)

Dessas cinco publicações, três menções aparecem no discurso de dois leitores e um morador da cidade. Eles são publicados ao lado de duas fotos noturnas da ponte iluminada, o que destaca ainda mais os seus cabos e elementos impressionantes estéticos.

Fotografia 25 – Colunista Wesley Shatler apresenta a Ponte como cartão postal



Fonte: A Gazeta (02/10/2009)

Em duas notas, escritas por jornalistas do periódico, os textos são “É chique. A nova Ponte da Passagem. Vitória merecia esse cartão-postal” (Fotografia 25) e “Reparo na iluminação de ‘cartões postais”.

Há outras duas publicações que enfocam a ponte como símbolo e cenário da cidade. A do dia 11 de dezembro de 2009, que é “Cores do Estado”, traz uma foto da Ponte da passagem ao amanhecer, com o céu de fundo nas cores azul e rosa, que são as da bandeira do Espírito Santo. O leitor Cláudio Vereza Lodi, descreve “a ponte da passagem como novo símbolo contemporâneo”. Já a do dia 14 de agosto de 2009, possui o título “Casanova e o rei” fala que o equipamento virou cenário para capa do CD da Banda capixaba Casaca.

Outra forma de referenciar a ponte como marco na paisagem da cidade acontece no Caderno Prazer&Cia. Em sua primeira edição de setembro, mês de aniversário de Vitória, ele apresenta uma imagem da Ponte da Passagem ao lado de prédios históricos de Vitória, como o Palácio Anchieta, Convento São Francisco, Teatro Carlos Gomes, Igreja do Carmo e Parque Moscoso com sua concha acústica (Fotografia 26).

Fotografia 26 – Sequência de fotos de monumentos da cidade com a imagem da Ponte

The image shows a newspaper page from 'A Gazeta' dated 04/10/2009. At the top, there is a header with the newspaper's name and date. Below the header is a row of six small images: the Ponte da Passagem, Palácio Anchieta, Convento São Francisco, Teatro Carlos Gomes, Igreja do Carmo, and Parque Moscoso. Below these images are three main articles. The first article is titled 'SUSHIMAR Reverência à Cidade Sol e à Praia do Canto para comer de hashi' and features a photo of a woman and a man. The second article is 'ALEXO Festa com risoto de moqueca capixaba' and includes a photo of a dish. The third article is 'DON CAMALEONE E ESCRITÓRIO BAR Guanaani e Vitória Perfeita: coquetéis para o brinde nos 458 anos da Ilha do Mel' and features a photo of a man holding a drink. The page also contains various small text boxes and advertisements.

Fonte: A Gazeta (04/10/2009)

É interessante notar que a primeira imagem da página é a da ponte. Ela está colocada em espaço valorizado, no alto do canto esquerdo, e por sua posição, é o primeiro elemento a ser apreendido pelo leitor. Além dessa valorização, ao dispor a ponte ao lado de monumentos históricos da cidade, o jornal cria uma narrativa quase que autônoma em relação ao restante das matérias, que se referem a conteúdo gastronômico.

Ao colocar a foto da Ponte ao lado de tradicionais símbolos da cidade, percebe-se uma ação clara de manipulação por associação.

### Fotografia 27 – Ponte como cartão postal de Vitória



Fonte: A Gazeta (06/10/2009)

Na Fotografia 27, temos mais um exemplo dessa associação, que está ligada ao layout da ponte e que valoriza sua verticalidade. Essa construção discursiva para a criação de um monumento que simbolize a cidade de Vitória não foi tão incisiva pelo jornal quanto a criação narrativa da Ponte da Passagem como lugar de destaque. No entanto, todas essas “manipulações” se complementam no sentido de valoração desse espaço junto ao leitor.

Para Landowski (1992), o modo de aparecer dos objetos de sentido estão inscritos na dimensão da temporalização e da espacialização, que é um processo de presentificação que ultrapassa o que foi apresentado na superfície do texto do discurso impresso. A espacialização envolve o próprio regime de identidade dos sujeitos que, através dela, veem o mundo.

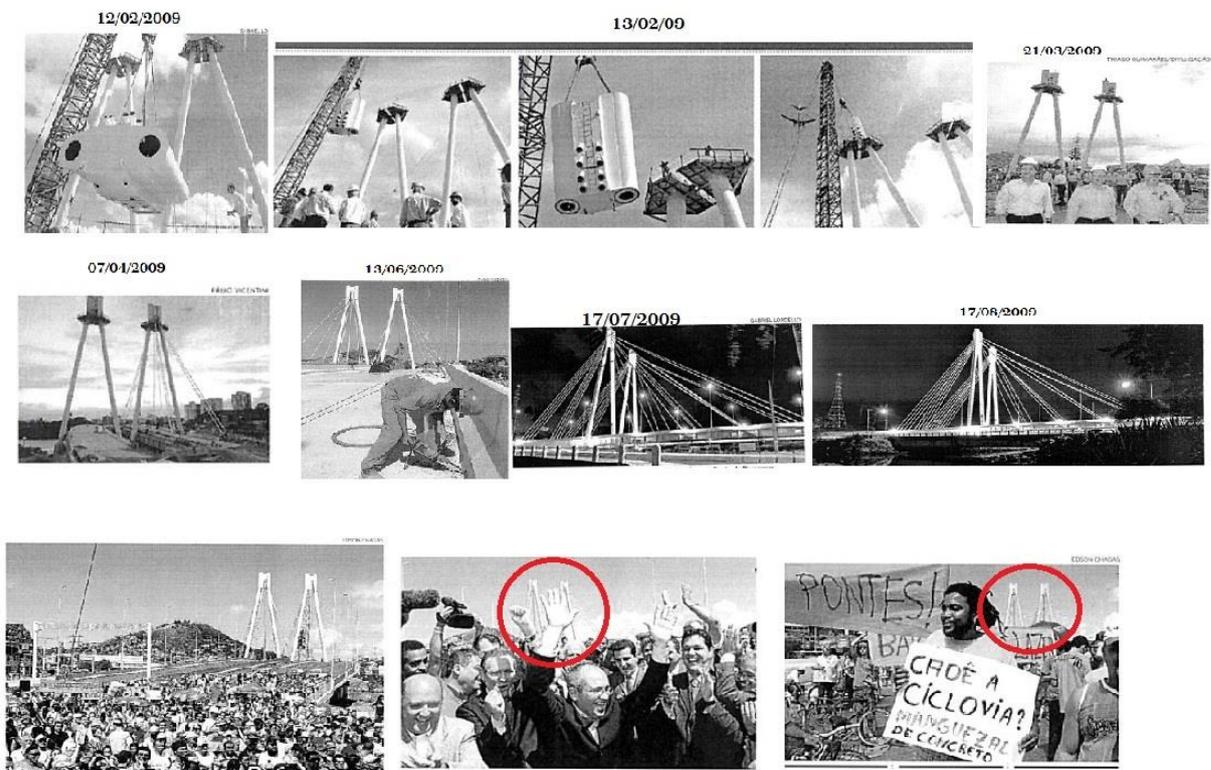
Nesse sentido, A Gazeta, em conjunção com o leitor-sujeito e a ponte-espaço criou um ato de presença de um para o outro. O jornal, instrumento de interação midiática, promove uma nova relação “mecânica” do sujeito com o território. Nesse processo contemporâneo de criação de significados, o leitor de A Gazeta passa a ter uma nova experiência midiática com a Ponte e com o espaço no qual está inserido. Ela é construída a partir de persuasões do jornal que faz- parecer, articula e instala uma discursividade que extrapola a função primária para outros sentidos.

## g) Imagens

A maior publicação de imagens em 2009 aconteceu pelo Jornal A Gazeta. No total, foram 48 imagens, considerando fotografias, infográficos e textos-legenda. Se consideramos o período anterior à inauguração, de janeiro a julho de 2009, a análise das 17 imagens da ponte, observamos uma narrativa específica de construção da ponte a partir da instalação dos pilones e cabos de aço em Cidades.

Foram publicadas nessa editoria dez imagens, que se analisadas em seqüência por data de publicação, mostram a intencionalidade do veículo de ressaltar e enfatizar esse elemento estético que marca o visual da ponte e, na narrativa, se sobressai da instalação das peças até sua conclusão.

### Fotografia 28 – Narrativa por imagens da construção da Ponte em Cidades



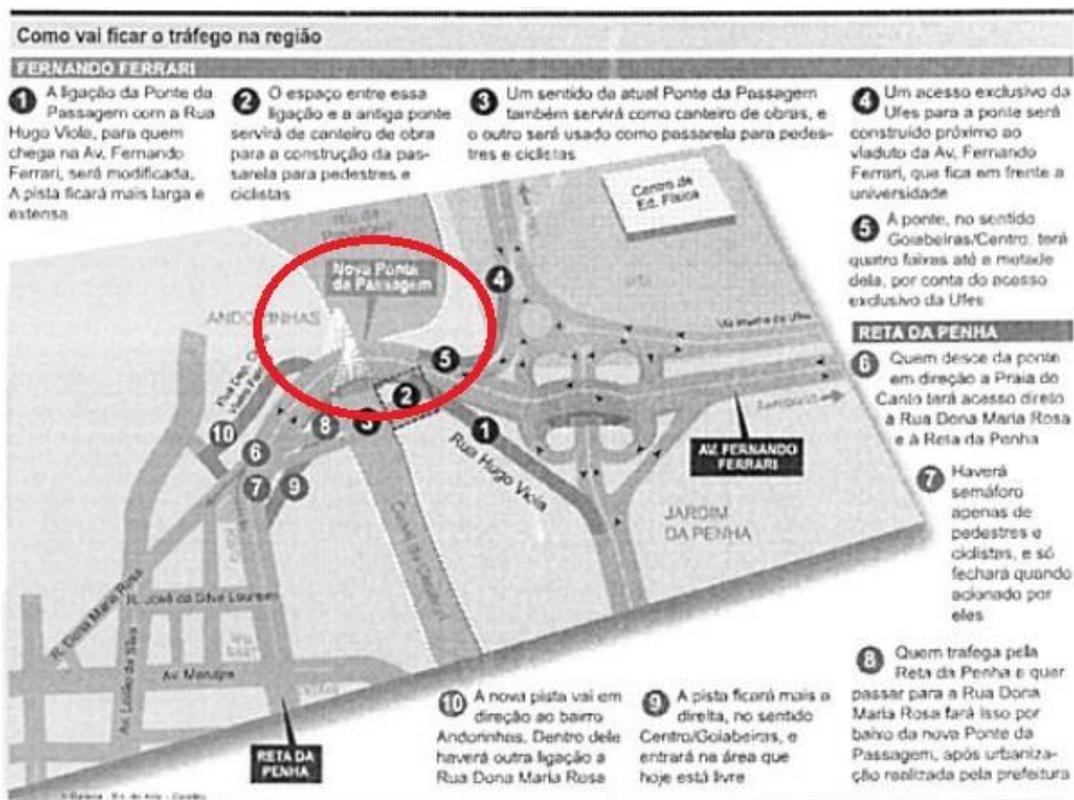
Fonte: A Gazeta

Na Fotografia 28, as imagens nas duas primeiras colunas valorizam a verticalidade da ponte e a sua estrutura, que marca sua identidade visual. Na última linha, as pessoas estão em primeiro plano, mas a ponte parece na cena com destaque nas fotografias, compondo a cena de fundo de cidade.

Nessa sequência, há, uma valorização da ponte como grande equipamento – exaltando a grandiosidade do objeto. Nessa narrativa por imagens aparece, de maneira sutil em apenas uma foto, o registro de um protesto expressivo de ciclistas.

Em agosto, mês da inauguração da ponte, tivemos nove fotos e dois infográficos que, a partir de agora, já trazem, além do texto, elementos gráficos e artes que referenciam a ponte “representando” seus pilones e cabos. Até então, a Ponte da Passagem era marcada apenas por texto nos outros infográficos.

## Infográfico 2 – Representação gráfica da Ponte por seus pilones



Fonte: A Gazeta (13/06/2009)

Considerando os infográficos, percebe-se, na maioria das publicações, a tentativa de marcar a Ponte da Passagem com traços que simulam os elementos impressionantes marcantes da sua identidade (Infográfico 2).

É interessante ressaltar que, diferentemente de 2009, quando a maioria das imagens eram da ponte em primeiro plano, pessoas começam a aparecer nas fotos com a ponte, que assume o papel de “cenário” ou “pano de fundo” no discurso imagético.

Na edição referente à sua inauguração, a do dia 30 de agosto, a ponte se faz presente em todas as fotos, pela referência de seus pilones e cabos, mas percebe-se que as pessoas assumem o primeiro plano. São eles moradores, políticos e até manifestantes que protestam contra a exclusão dos pedestres e ciclistas na utilização desse novo equipamento urbano.

Todas as fotos publicadas eram coloridas, bem como as páginas das publicações, o que de certa forma, valoriza e destaca a ponte no espaço do periódico.

### **2.1.2 ANÁLISE DE MÍDIA EM 2014**

O número de publicações sobre a Ponte da Passagem cinco anos após a inauguração teve uma redução considerável, passando de 139 inserções em 2009 para 33 em 2014, uma redução quantitativa na ordem 76%.

Considerando que, em 2014, não houve nenhum fato ou grande assunto envolvendo a Ponte, pode-se imaginar que as 29 menções textuais e 10 por imagem refletem uma exposição considerável do objeto. Neste ano, não há conflito no discurso sobre a denominação da ponte, que é citada como “Ponte da Passagem”, sem a presença da referência nova vs velha.

O que se pode concluir é que em cinco anos a ponte se presentificou no discurso, mas A Gazeta falou muito pouco sobre o objeto exclusivamente. Respeitadas as proporções quantitativas, a ponte se apresentou, em 2014, em publicações de

contextos diversos, como identificado após a sua inauguração. Foram 32 publicações sobre assuntos variados sem aparente ligação ao objeto.

A exceção foi a reportagem “Roubos e uso de drogas na Ponte da Passagem”, publicada no dia 3 de setembro. Na verdade, a matéria relata delitos, como uso de drogas e assaltos no entorno da ponte e passarela, associando essas práticas criminosas aos moradores de rua que ocupavam o espaço embaixo da ponte.

A foto utilizada na matéria ocupa quase metade da página (Fotografia 29) e está disposta em cinco das seis colunas. A foto é a única em todas as analisadas na pesquisa que não explora os elementos estéticos dos pilones que marcam a visualidade da ponte. Ela mostra o que nunca se vê, que é a parte de baixo da ponte, com um dos seus pilares pichados, parte do tabuleiro, aonde se percebe duas pichações. São elas “Che k-05” e “Vem pra sarjeta!”.

## Fotografia 29 – Construção discursiva do lugar “embaixo da ponte”

10 CIDADES  
QUARTA-FEIRA, 3 DE SETEMBRO DE 2014 A GAZETA

VITÓRIA

FERNANDO MADEIRA



Na parte inferior da estrutura da ponte, é possível observar a movimentação de população de rua e de pessoas usando drogas

## Roubos e uso de drogas na Ponte da Passagem

**Situação da ligação entre a ilha e Jardim da Penha é alvo de reclamação de moradores**

de KATLAINE CHAGAS  
kchagas@redesociedade.com.br

A área do entorno da Ponte da Passagem – que liga a ilha de Vitória a Jardim da Penha – é a passarela de pedestres localizada nela voltaram a ser alvo de reclama-

ções de moradores da região. Eles reclamam que os locais são utilizados para uso de drogas e são cenários de constantes roubos.

“Os ‘noias’ vão todos para debaixo da ponte para usar drogas. Vai um monte deles para lá. Eles roubam em Jardim da Penha que guardam tudo ali embaixo da ponte”, afirma o empresário Antônio

César Batista de Oliveira, de 52 anos, morador do bairro desde que nasceu. “Assalto em cima dessa ponte é o que mais há. De madrugada é uma ‘banguça danada’, acrescentou o empresário.

A aposentada Marly Rodrigues, de 70 anos, confirma as reclamações. “Sempre tem história assim, de roubo. Outro dia

roubaram o celular de uma moça. Vim morar aqui em 2000 e de lá para cá, piorou muito”, lamentou a aposentada.

Uma empregada doméstica, de 45 anos, conta que passa pelo local diariamente para ir para o trabalho. “Nunca fui assaltada, mas sempre tem comentários aqui assim. Já aconteceu com uma colega minha, que foi assaltada”, relatou.

**OCUPAÇÃO**

No local embaixo da ponte, é possível ver construção improvisada de madeira, usada como abrigo por moradores de rua. Enquanto esteve no local, a reportagem avistou uma pessoa usando drogas no local, uma das reclamações mais constantes dos moradores.

Fonte: A Gazeta (03/10/2014)

Na parte de baixo à esquerda da foto, há uma pilha de lixo e uma pessoa a mexer em sacolas plásticas. A legenda tem o texto “Na parte inferior da estrutura da ponte, é possível observar a movimentação de população de rua e de pessoas usando drogas”.

Apesar da imagem exposta na foto não ser impactante, ou seja, de não apresentar elementos sensacionalistas, ela causa certa estranheza pelo fato de estarmos acostumados a ter, no cardápio midiático, sempre o mesmo enfoque do que está em cima, dos pilones, parte mais expressiva do layout da ponte.

Essa foto foge ao padrão de todas as outras que mostram a parte superior da ponte por retratar o que está abaixo dela, o que não se vê. Dentro dos regimes de interação proposto por Landowski (2006), podemos considerar que essa publicação é um acidente, ou seja, diante do princípio de uma ordem narrativa posta pelo jornal em relação à imagem da ponte, um inesperado acontece – uma imagem que não possui angulação ou quebra os enfoques anteriores -, marcando uma descontinuidade, em relação ao objeto.

O lugar “embaixo da ponte” aparece também em outras publicações. No dia X de , em uma das sugestões do Caderno Dois de baladas era do evento #3 Reviravolta Coletiva, que aconteceu sob a ponte.

Fotografia 30 – Exemplo de citação do lugar “embaixo da ponte”

Divirta-se				
<p><b>BALADA</b></p> <p><b>Adega Sertaneja</b> Rua Neves Armond, 210, Praia do Sul, Vitória (27) 3315-1364. <b>Sexta:</b> Richard Viana, Rickson Maioli e Dinho Rocha. 23h. <b>Ingressos:</b> gratuito (mulher/até 0h), R\$ 10 (mulher), R\$ 30 (homem).</p> <p><b>Armazém Music Bar</b> Rua Judith Lúcio, Castelo Ribeiro, 360 Jardim Camburi, Vitória (27) 99279-8114. <b>Sexta:</b> Cláudio Pontes e DJ Thiago Policarpo. 22h. <b>Couvert:</b> R\$ 10. <b>Sábado:</b> Evandro &amp; Rainey e DJ Thiago Policarpo. 23h. <b>Ingressos:</b> gratuito (mulher/ist/até 0h), R\$ 20 (mulher/ist/até 0h), R\$ 30 (homem/ist/até 0h).</p>	<p>99997-3485. <b>Sábado:</b> MC Maiquinho, DJ Manager e Ricardinho. 23h. <b>Ingressos:</b> gratuito (mulher/até 0h), R\$ 20 (mulher/após 0h), R\$ 15 (homem/até 0h), R\$ 30 (homem/após 0h).</p> <p><b>Cenarium Lounge Bar</b> Rua Joaquim Lyrio, 841, Praia do Canto, Vitória (27) 3022-0052. <b>Sexta:</b> Pop Rock no Cenarium. Com Banda 027 e DJ David Collins. 18h. <b>Couvert:</b> R\$ 10 (mulher), R\$ 15 (homem). <b>Sábado:</b> Pagode Retô, Pedro &amp; Lucas e DJ convidada. 18h. <b>Couvert:</b> R\$ 15 (mulher/até 18h), R\$ 20 (homem/até 18h), R\$ 30 (homem/após 18h). <b>Domingo:</b> Grupo Sambaes, Bruno &amp; Maycon e DJ Cláudio Leão. 18h. <b>Couvert:</b> R\$ 10 (mulher), R\$ 20 (homem).</p>	<p><b>La Villa Chopperia</b> Rua José Penna Medina, 380, Praia da Costa, Vila Velha (27) 3340-6835. <b>Sexta:</b> Projeto La Villa Top Sound. Com Banda Faixa Bônus. 23h. <b>Couvert:</b> R\$ 10 (sócio), R\$ 6 (cliente). <b>Sábado:</b> Projeto La Villa Top Sound. Com Banda Bico 48. 23h. <b>Couvert:</b> R\$ 10 (homem), R\$ 6 (mulher).</p> <p><b>Lê Point Acústico</b> Rua Itapemirim, 2, Itaparica, Vila Velha (27) 3299-0090. <b>Sexta:</b> Vai Tomar na Camaça. Com Evandro &amp; Rainey e DJ Touro. 23h. <b>Ingressos:</b> gratuito (mulher/ist/até 0h30), R\$ 10 (mulher), R\$ 30 (homem/R\$ 20 de consumação/ist/até 0h30), R\$ 20 (homem). <b>Sábado:</b> Pagofunk da Mur-</p>	<p><b>O Groove Bar</b> Rua Darcy Grifó, 20, loja 2, Jardim da Penha, Vitória (27) 3324-9591. <b>Sexta:</b> Cover Raimundos. Com Rôcktop. 23h. <b>Couvert:</b> R\$ 5. <b>Sábado:</b> Monster. Com General Steppas Sound ft. Ficore &amp; Claudson Salles e DJ Renatinho. 23h. <b>Ingressos:</b> R\$ 20.</p> <p><b>Pink Elephant</b> Av. Dante Michelino, 301, Jardim da Penha, Vitória (27) 3315-7366. <b>Sexta:</b> MC Nebilino e H. Fly. 0h. <b>Ingressos:</b> R\$ 40 (mulher), R\$ 60 (homem). <b>Sábado:</b> A casa cauíl Festa da Engenharia Civil da Faculdade Multivix. Com Grupo Pedala Samba. 23h. <b>Ingressos:</b> R\$ 40 (mulher), R\$ 60 (homem).</p> <p><b>São Firmino Botequim</b></p>	<p>575/585, Laranjeiras, Serra (27) 3064-1401. <b>Sexta:</b> Rômulo Arentes e DJ George Santos. 23h. <b>Ingressos:</b> R\$ 20 (mulher), R\$ 30 (homem). <b>Sábado:</b> Alan Venturini e DJ George Santos. 23h. <b>Ingressos:</b> R\$ 20 (mulher), R\$ 30 (homem).</p> <p><b>Villa Bohemia Club</b> Avenida Jair de Andrade, 39, Itapóá, Vila Velha (27) 3075-0404. <b>Sexta:</b> Nando &amp; Michel, Rodrigo Fernandes, Djs Anderson Boduhn e Márcio Santos. 22h. <b>Ingressos:</b> R\$ 25 (mulher), R\$ 50 (homem). <b>Sábado:</b> Rodrigo Balla, Claudio Bocca, Djs Anderson Boduhn e Márcio Santos. 22h. <b>Ingressos:</b> R\$ 25 (mulher), R\$ 50 (homem). <b>Domingo:</b> SambAdm, Estêlo do Samba, Rôcktop, Bêta &amp; Mônica.</p> <p>Olimpio Cunha, 7, Campo Grande, Cariacica. <b>Sábado:</b> Ação Ciclistas Urbanos Capobas (OJC), Pequeno Marul, Desconferência e Tá-bua de Carne. Das 0h às 18h na Praça do Ciclista e Ponte da Passagem, Vitória. <b>Rádola SoundSystem.</b> As 18h. <b>Embaixo da Ponte da Passagem.</b> Praia do Canto, Vitória. <b>Domingo:</b> bandas Congo Mirim do Lixa, Passe Livre, Vila Vão Vão e Homem Lunar; Teatro da Trupe Maritimba, esquetes: "Cortex" e "Ponto de Mutação"; Exposição de Fotos com Bruno Zanchetta - Raizis e Mafroses; Vani de Poesias com Derek Graul. A partir das 13h, no Festival Gratidão, Avenida Diamante, Setiba, Guarapari. <b>Entrada gratuita.</b></p>

Fonte: A Gazeta (07/01/2014)

Outro exemplo é a publicação de 7 de janeiro de 2014 (Fotografia 30) sobre a inauguração de um reservatório de água pluvial utilizado para evitar alagamentos na cidade. O jornal diz que há uma estação de bombeamento embaixo da Ponte da Passagem. Na verdade, há a Estação Doutor Antônio Ferreira da Silva Pinto, na rua Cândido Portinari, no bairro Santa Luíza, na altura da Chefatura da Polícia Civil, bem distante da Ponte da Passagem.

Fotografia 31 – Distancia entre a Estação de Bombeamento e a Ponte



Fonte: Prefeitura de Vitória

TABELA 3 – DETALHAMENTO DAS PUBLICAÇÕES DE A GAZETA EM 2014

<b>Tipo de publicação</b>	<b>Total</b>	<b>Percentual</b>
Reportagens	13	45,4%
Notas	8	36,3%
Tabelas e/ou Ponto a Ponto	2	9%
Artigo	1	4,5%
Infográfico	1	4,5%
Texto-legenda (TL) – Foto com legenda	1	4,5%
Fotografia	6	9%
Elemento gráfico – desenho	1	4,5%

Se analisarmos os percentuais de tipos de publicações de 2009 e 2014, presentes nas Tabelas 1 e 3, observa-se que se manteve, proporcionalmente, o mesmo índice de matérias que citam a ponte. Apesar disso, análise dos recortes permite afirmar

que essas matérias publicadas em 2014 tiveram menos destaque que as de 2009, pelo posicionamento na página e tamanho.

Houve um aumento de 7% no número de notas publicadas, se compararmos os dois anos em questão. Isso quer dizer que, apesar de não “encabeçar” os topos das páginas com amplas reportagens como em 2009, ela se mantém no discurso do jornal, mesmo nas notas, onde há valor nas notícias, mesmo que sem separação de grandes espaços.

TABELA 4 – LOCALIZAÇÃO DAS INSERÇÕES EM A GAZETA EM 2014

<b>Editorias</b>	<b>Total</b>	<b>Percentual</b>
Dia-a-dia (publica assuntos como Trânsito, Infraestrutura Urbana, Educação, Saúde e Variedades)	8	36,3%
Segurança/Polícia	3	13,6%
Economia	1	4,5%
Caderno de Cultura Prazer e Cia	1	4,5%
Revista AG	1	4,5%
Coluna Praça Oito (Política)	-	
Plantão	-	
Capa	-	
Últimas notícias	-	4,5%
Política	1	4,5%
Esportes	1	
Opinião	1	4,5%
Coluna Social Zig Zag	-	
Coluna Vitor Hugo (Variedades)	2	9,0%
Cadernos especiais	2	9,0%
Guia Imobiliário	-	4,5%
Caderno Pensar	1	

Se consideramos a localização das inserções das publicações, a editoria de Cidades concentrou a maioria as menções nos dois anos pesquisados. Apesar disso, a Ponte da Passagem, assim como em 2009, mas em uma proporção menor, continua a “transitar” nos mais variados assuntos e espaços do periódico.

Sobre a significação, das 49 menções presentes nas 33 publicações, 18 apresentam a ponte como referência de lugar, cinco citam a ponte como objeto na cidade e uma como ponto turístico.

No dia 28 de maio de 2014, na matéria do jornal “Dez ficam feridos após engavetamento”, página 18, o repórter relatou um acidente na Rua Dona Maria Rosa, no bairro Andorinhas. Para dar mais informações sobre essa rua, talvez até na tentativa de valorizar o espaço ao pontuar sobre a localização, o repórter escreveu a seguinte frase “Houve congestionamento na via, que liga a Ponte da Passagem à Avenida Vitória”. Se considerarmos que esse acidente aconteceu a mais de 500 metros da Ponte, no entanto, ela permanece no discurso como uma referência territorial.

Dois dias depois, foi publicada uma notícia sobre a Copa do Mundo no Brasil, mas especificamente sobre a seleção australiana que treinou em Vitória na preparação da competição. Com o título da sub retranca “Cidade ganha destaque no noticiário australiano”, o jornalista cita os pontos turísticos que são veiculados pela imprensa australiana em seu país de origem. Entre tantos locais mostrados no vídeo, como a Praia da Curva da Jurema, a Praça do Papa, a Ponte da Passagem é mencionada no discurso do jornal.

Em 15 das 33 publicações, a ponte apareceu no discurso dos jornalistas diretamente em seus textos. Os outros enunciadores foram os secretários municipais de Obra, Zacarias Carrareto, de Desenvolvimento da Cidade, Lenise Loureiro, o vereador Rogerinho, o diretor do Clube Rio Branco, Glauber Portela e um morador da cidade.

#### **a) Imagens**

Outra constatação é a redução expressiva de fotos e imagens relacionados à ponte. Ao todo, foram oito imagens - seis fotos, um infográfico e um desenho - em apenas ao longo de apenas um ano de publicações. Para se ter uma ideia, em 2009, foram 38 imagens, sendo 32 fotos e seis infográficos. Essa análise quantitativa mostra que, em 2014, as menções da Ponte aconteceram, em sua maioria, nos textos do jornal.

Uma das fotos foi publicada em um caderno especial sobre a Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), no dia 5 de maio de 2014, na matéria “Palco de lutas políticas” (Fotografia 31). Nela é exposto, no texto, o movimento estudantil da Ufes, seus protestos e conquistas, bem como a participação dos alunos, dos professores e de servidores da instituição em movimentos políticos no Estado.

Além do texto, a notícia tem seis fotos, sendo uma do ouvidor do Diretório Central dos Estudantes (DCE), Weslwy da Silva, e outras cinco de protestos ao longo dos 60 anos da Ufes. A maior dessas imagens de manifestações políticas é a da Ponte da Passagem, com pessoas segurando cartazes em toda a sua extensão. A foto é vertical. Se a dividirmos em três terços, um deles se refere aos estudantes e os outros dois as pilones e cabos que referenciam a Ponte da Passagem. O destaque maior é para o equipamento do que para os estudantes que aparecem no protesto, ocorrido em 2010.

### Fotografia 32 – Protesto na Ponte da Passagem



Fonte: A Gazeta (05/05/2014)

O fato é que os alunos da Universidade ao longo dos anos participaram de vários protestos emblemáticos no cenário capixaba, no entanto, a opção enunciativa dos editores na escolha da foto para “ilustrar as lutas políticas”, ou melhor, “fazer parecer” o discurso verdadeiro, optou-se por publicar a foto desse evento em específico.

A presença da ponte nas imagens é muito diversa. Para melhor entendimento, serão dados exemplos que facilitarão o entendimento. Na reportagem do dia 19 de janeiro de 2014, “Imagine um ônibus só para mulheres”, que fala sobre propostas de lei curiosas das Câmaras de Vereadores da Grande Vitória, um desenho chama a atenção.

Há uma ilustração de uma ponte, que mais lembra o layout da Terceira Ponte, mas está referenciado à Ponte da Passagem. Chama a atenção por parecer que falta algo na imagem, que seriam os pilones e cabos que tanto marcam a imagem da ponte (Fotografia 33). A proposta do vereador Rogerinho seria de “reforçar o nacionalismo” ao pintar todas as pontes, viadutos e passarelas de verde e amarelo, nas cores que predominam na bandeira brasileira, ou azul e rosa, cores da bandeira do Espírito Santo.

Fotografia 33 – Desenho apresenta a ponte sem os pilones

**30 POLÍTICA**  
REPORTAGEM ESPECIAL

**31 POLÍTICA 31**  
REPORTAGEM ESPECIAL

**DOBRAR O PISO PARA FAZER BOMBA COMUM**  
A vereadora Maria Moura (PSD) da Serra, que também preside o Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente, propõe que o piso mínimo para o aluguel de imóveis seja dobrado para R\$ 100 mil por mês. Ela diz que isso ajudaria a controlar o mercado imobiliário e a garantir que os imóveis sejam usados para fins residenciais.

**“Mulheres ficam vulneráveis. Querem voltar a trabalhar”. São mulheres, mas sendo assediadas. Não quero que isso aconteça”**  
NÉLIA MAIARA (ODC) vereadora de Serra

**É CURIOSO, MAS PODE VIRAR LEI**  
A vereadora Maria Moura (PSD) da Serra, que também preside o Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente, propõe que o piso mínimo para o aluguel de imóveis seja dobrado para R\$ 100 mil por mês. Ela diz que isso ajudaria a controlar o mercado imobiliário e a garantir que os imóveis sejam usados para fins residenciais.

**Região clara para assinar leis**  
O vereador Rogerinho (PPS) apresentou uma proposta de lei que prevê a criação de uma comissão para avaliar o impacto econômico das obras de infraestrutura em Vitória.

**Ponte da Passagem precisa de verba urgente**  
A vereadora Maria Moura (PSD) da Serra, que também preside o Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente, propõe que o piso mínimo para o aluguel de imóveis seja dobrado para R\$ 100 mil por mês. Ela diz que isso ajudaria a controlar o mercado imobiliário e a garantir que os imóveis sejam usados para fins residenciais.

**Distrito só para mulheres em Terço**  
A vereadora Maria Moura (PSD) da Serra, que também preside o Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente, propõe que o piso mínimo para o aluguel de imóveis seja dobrado para R\$ 100 mil por mês. Ela diz que isso ajudaria a controlar o mercado imobiliário e a garantir que os imóveis sejam usados para fins residenciais.

**Projeto de vereadora da Serra é uma das muitas propostas no mínimo “curiosas” que saem da Câmaras da Grande Vitória**

**IMAGINE UM ÔNIBUS SÓ PARA MULHERES**

**Vereador quer incentivar o patriotismo em Vitória**

**TUDO o que VOCÊ PRECISA para CURTIR a MELHOR estação do ANO.**

**Leve o verão com VOCÊ. Leve a caçetera.**

**ACAZETA**

Fonte: A Gazeta (19/01/2014)

Na publicação do dia 19 de novembro, a ponte iluminada vira símbolo de Natal e se presentifica como a própria cidade de Vitória, ao ilustrar na capa a manchete “Vitória recebe decoração especial”.

Em 2014, assim como em 2009, o jornal também errou na publicação de fotos. É importante ressaltar a importância dessa inserção em função da escolha dos enunciadorees do jornal, neste caso se enquadrariam o jornalista e editores. Um exemplo claro disso é a matéria “Vitória fecha o cerco contra a pichação”, publicada no dia 7 de maio de 2014, no caderno Cidades, no qual o texto fala das ações repressivas da Prefeitura de Vitória em relação a essa contravenção. Chama a atenção a escolha da foto para ilustrar a matéria: a da Passarela da Passagem pichada, conhecida como Maurício de Oliveira.

## Fotografia 34 – Passarela “confundida” com a Ponte da Passagem

**CIDADES 11**  
QUARTA-FEIRA, 7 DE MAIO DE 2014 A GAZETA

**VIDEOMONITORAMENTO**

## Vitória fecha cerco contra pichação

**Fiscalização será intensificada com câmeras para flagrar os pichadores da cidade**

Após identificar o aumento significativo do número de pichações nos muros de Vitória no último ano, a prefeitura promete intensificar a fiscalização, junto com a Polícia Militar. Uma estratégia está sendo montada para flagrar as ações dos pichadores, por meio das câmeras de videomonitoramento, e puni-las de forma administrativa e penal.

Em entrevista ontem à Rádio CBN Vitória, o secretário de Serviços de Vitória, Alex Mariano, revelou em quais locais da cidade têm acontecido o maior número de ocorrências. “Jardim da Penha, Jardim Camburi e Centro são os lugares onde está havendo mais incidência. Já estamos com esses locais mapeados e pontuados. Estamos montando a estratégia para fazer o monitoramento 24 horas para pegar os pichadores no flagrantem”, disse Mariano.

As 100 novas câmeras de videomonitoramento que o município recebeu do Estado no último mês de março serão utilizadas para flagrar os pichadores. Também vão ser utilizadas as seis novas câmeras itinerantes, que devem ser adquiridas nos próximos 40 dias, de acordo com o secretário.

**LIMPEZA**  
Segundo Mariano, a prefeitura quer realizar uma ação em conjunto com o Ministério Público Estadual para obrigar os pichadores a pagarem, com recursos próprios, a tinta utilizada para apagar o que picharam.

O prejuízo estimado pela prefeitura para recuperar a degradação do patrimônio público da cidade, entre pichações e colagem de cartazes, é de R\$ 15 mil por mês e de até R\$ 180 mil por ano.

Aqueles que forem flagrados pelas câmeras de vigilância cometendo o ato serão encaminhados para a delegacia para assinar um termo circunstanciado.

**gazeonline.com.br**  
Assista a uma sequência em vídeo com vários muros pichados no bairro de Jardim da Penha, Vitória.

CARLOS ALBERTO SILVA



**A Ponte da Passagem, em Jardim da Penha, é alvo dos pichadores; bairro registra mais ocorrências**

**NÚMEROS**

**180 mil**  
Reais  
É o prejuízo da prefeitura com a recuperação do patrimônio público

**106**  
Novas câmeras  
Serão utilizadas no reforço da fiscalização contra a pichação

**PROCESSO SIMPLIFICADO**

**ENTRE PARA SELEÇÃO DE CRAQUÊS DA UVV-ES. TORNE-SE UM CAMPEÃO NO MUNDO DOS NEGÓCIOS.**



*Marque um goloco para o seu futuro*

VEST UVV-ES 2014/2

FIES SEM FICADOR

**VAGAS REMANESCENTES:** Conheça os cursos disponíveis, escolha a data e agende a sua avaliação pelo site [www.uvv.br](http://www.uvv.br). As inscrições são gratuitas.

\*A oferta de cursos depende do número de vagas existentes no momento da inscrição.

VEST UVV-ES 2014/2

**GRADUAÇÃO TRADICIONAL**

- Administração
- Ciência da Computação
- Ciências Contábeis
- Comunicação Social / Publicidade e Propaganda
- Educação Física (licenciatura/bacharelado)
- Engenharia Elétrica
- Engenharia de Petróleo
- Engenharia de Produção
- Engenharia Química
- Fisioterapia
- Geologia
- Marketing
- Nutrição
- Pedagogia
- Relações Internacionais

**GRADUAÇÃO TECNOLÓGICA**  
(Superior de curta duração)

- Estética e Cosmética
- Gastronomia
- Pilotagem Profissional **NOVO** de AERONAVES (É o processo de homologação)

**VEJA TAMBÉM**  
**Vagas para transferência\***  
(Para universitários, oriundos de outra instituição) \*A partir de junho

**Aproveitamento de estudos**  
(Para quem já possui diploma e curso superior completo)



**UNIVERSIDADE VILA VELHA**  
ESPÍRITO SANTO

Fonte: A Gazeta (07/05/2014)

A legenda, escrita pelo editor, diz “A Ponte da Passagem, em Jardim da Penha, é alvo de pichadores; bairro registra mais ocorrências”. A passarela tem pilones e cabos dispostos que “lembram” a Ponte da Passagem (Fotografia 34). O editor, ao escolher a foto, fez uma leitura rápida da imagem e, sem reflexão, publicou a imagem da passarela, pensando ser a ponte, uma vez que os dois objetos foram alvos de pichações e possuem design em sintonia.

Bem, a intenção do editor, a partir da análise da legenda, é exemplificar um elemento urbano pichado que o bairro Jardim da Penha, que é um dos locais com mais atingidos. A escolha dele de publicar uma foto da Ponte da Passagem, entre tantas outras edificações e espaços públicos, mostra a relevância desse equipamento para o jornalista.

No entanto, a imagem da passarela, foi apenas tirada a partir da Ponte da Passagem, do lado do bairro Jardim da Penha, sem focar as edificações dessa localidade. Ela mostra a passarela e os prédios do bairro Santa Luiza e Praia do Canto, que é o cenário de cidade presente na imagem. Apesar do erro editorial, aqui o que imposta é analisar que a ponte se fez presente nesse discurso por inserção no campo narrativo por opção e intencionalidade do editor e, conseqüentemente, do jornal.

O “erro de confusão de imagens” da passarela e ponte aconteceu na matéria “Obras recentes são alvos de pichadores na Grande Vitória”, publicada em 6 de agosto, que pode ser conferida na Fotografia 35. Ela apresenta uma imagem da passarela da passagem pichada e com um ciclista e pedestres em trânsito como se fosse a Ponte da Passagem. No entanto, na legenda, o texto “Na Ponte da Passagem, em Vitória, é possível ver grafite, pichações e desenhos” revela o erro, que talvez tenha passado despercebido por alguns leitores. De fato, pedestres e ciclistas não trafegam na ponte, mas sim na passarela.

## Fotografia 35 – “Confusão” entre passarela e ponte

Viaduto da BR 101, em frente à Ceasa, em Cariacica, foi entregue no final do ano passado e já se tornou um dos mais novos alvos de pichadores da Grande Vitória

# Obras recentes são alvos de pichadores na Grande Vitória

RICARDO MEDEIROS

**ERA GRAFITE**

“QUEREMOS SER ALTERNATIVA À ARTE COMERCIAL”

X.  
Preso no domingo, em Cariacica

“Estávamos eu e mais dois garotos, um deles menor de idade. Denunciaram, e a polícia veio nos abordar. O que estávamos fazendo não era pichar. Era grafite. O problema é que não tínhamos autorização. Queremos ser uma alternativa a essa arte comercial que abarrotas nossas cidades. Já realizei grafites em outros lugares e com autorizações. Lá no viaduto também há pichações, mas não era o que estávamos fazendo. Sou contra pichar muro em branco e monumento público.”

Crimes além da pichação

◀ O delegado Tarcísio Ottoni, da Delegacia Patrimonial explica que pichar, grafitar ou macular monumento público ou privado é crime previsto na Lei de Crimes Ambientais, com pena de três meses a um ano. Como o crime é de menor potencial ofensivo, em geral a pessoa é liberada após termo circunstanciado.

Ele alerta, porém, que a pena pode ser agravada conforme a situação: se houver mais de uma pessoa pega em flagrante e provas de que o grupo estava fazendo pichações, pode configurar associação criminosa. Outro agravante é a presença de menores e ainda contendo com apologia ao crime. O grafite não é considerado crime se o proprietário do local autorizar.

**Viaduto da Ceasa, em Cariacica, tem diversas marcas. DNIT diz que vai apagar**

ELTON LYRIO  
emoretli@redgazeta.com.br

A imagem parece tão comum que talvez pouca gente se dê conta: nem bem terminaram de ser entregues, obras públicas já viram alvo de pichadores que incorporam seus traços ao visual da cidade. O ato, porém, é considerado crime com pena de três meses a um ano de prisão, além de multa.

Um dos mais novos alvos das pichações na Grande Vitória é o viaduto da BR 101, próximo à Ceasa, em Cariacica, inaugurado no final de 2013. No último domingo, três jovens foram detidos no local após denúncia de que estavam fazendo pichações. Eles, porém, alegaram que estavam grafitando. Como o crime é considerado de menor potencial ofensivo, assinaram um termo circunstanciado e foram liberados.

Quem passa pelo local já

Na Ponte da Passagem, em Vitória, é possível ver grafite, pichações e desenhos

pode ver diversas marcas com estilos diferentes. Segundo o Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit), o viaduto vai passar por uma limpeza para removê-las, mas ainda não há data para que isso aconteça.

Na Ponte da Passagem, a mais nova da Capital, a pichação divide espaço com o grafite e outros desenhos. O problema da pichação é tão preocupante

**PREJUÍZO**

**R\$15 mil**

É quanto gasta a Capital com limpeza de pichações

que o município já anunciou que pretende implantar seis câmeras para flagrar esses e outros tipos

vandalismo. “Hoje o município gasta cerca de 15 mil mensais com limpeza e recuperação de prédios públicos e abrigos de ônibus. Com essas câmeras o objetivo é flagrar e atuar essas pessoas”, afirma o secretário de serviços Fernando Rocha.

Ele explica que a prefeitura incentiva, em alguns casos, o grafite artístico em áreas públicas como forma de combater a pichação.

Fonte: A Gazeta (06/08/2014)

A questão que fica é: “esse erro” é proposital? Da forma como a narrativa foi construída nessas matérias, os enunciadores do jornal entendem que a passarela e a ponte integram um mesmo equipamento de mobilidade, no qual denominaram Ponte da Passagem.

## b) Estudo de caso

Para detectar as estratégias enunciativas de persuasão construídas pelo texto visual (imagem) no jornal e como nele se articulam o verbal, elegeu-se a capa de A Gazeta, publicada em setembro de 2014, e a manchete “Ponte sem Passagem. Protesto deixa

cidade parada. Manifestação contra a violência bloqueia a Reta da Penha por uma hora e meia”.

Fotografia 36 – Capa de A Gazeta sobre um protesto na Ponte da Passagem



Fonte: A Gazeta (24/10/2014)

O jornal reservou para essa notícia, que não era a manchete principal da página, um espaço privilegiado no principal eixo de visualização da página, que é no alto, no canto esquerdo. Essa notícia, disposta em texto-imagem, como forma de explorar mais o visual do que o verbal, é definido tecnicamente no Jornalismo como Texto-legenda (TL). Ele apresenta a imagem de um protesto com uma barra de cor preta com o título da matéria e texto sobre sua localização dentro do jornal para direcionar o leitor à página na qual está publicado aquele conteúdo.

Fotografia 37 – Manchete em detalhe da Capa de A Gazeta

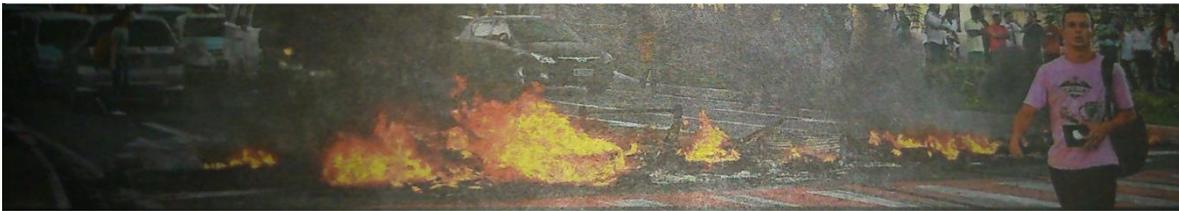
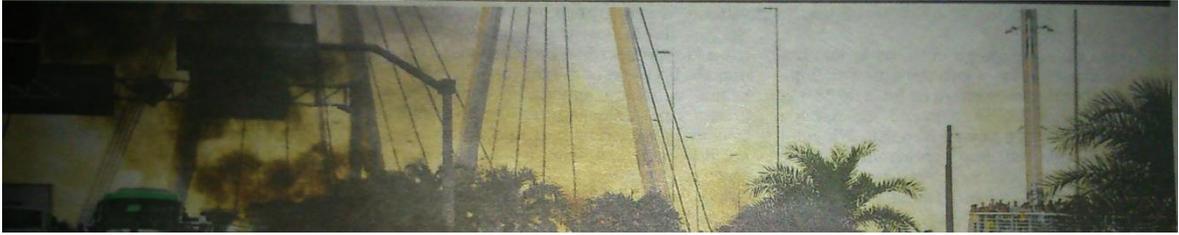


Fonte: A Gazeta (24/10/2014)

A Fotografia 36 está separada por fios pretos na parte de cima e debaixo para isolá-la fisicamente do cabeçalho, e da manchete principal, respectivamente. Sobre as chamadas de outras três matérias no canto direito, a separação acontece por meio do espaço em branco entre coluna. Cabe ressaltar a reinteração cromática dos elementos visuais da capa desse periódico ao utilizar uma cor escura na legenda e nos fios.

Ainda no plano de expressão, se dividirmos a imagem em três partes, observaremos que o fotografo, ao registrar a imagem, fez a angulação de tal modo que permite a divisão igualitária das informações dispostas da imagem.

Fotografia 38 – Foto em corte da manchete



Fonte: A Gazeta (24/10/2014)

Na Fotografia 38, no primeiro bloco de imagem, o foco está em parte dos pilões e cabos de aço, elementos figurativos marcantes, da Ponte da Passagem. Apesar da fumaça, que encobre parcialmente esses e outros objetos que compõem esse cenário urbano, como árvores, placas de trânsito, postes e veículos, é possível verificar o modo de presença da ponte. Ela é o objeto de maior destaque nesse terço de imagem. No canto direito da imagem, há pessoas paradas a observar a cena na passarela de pedestres, que fica ao lado da ponte.

No segundo bloco da Fotografia 38, o fogo é o elemento no centro da imagem, que separa os carros parados ao fundo do lado esquerdo e o pedestre, que caminha olhando pra frente, sem parecer se preocupar com o que acontece ao redor. No canto superior direito, é possível notar diversas pessoas em fila fazendo, na outra pista, o

mesmo papel do fogo: o de bloqueio. Com mãos cruzadas na altura do peito, sugerem descontentamento e revolta.

No terceiro bloco da Fotografia 38, parte da imagem é coberta por uma tarja gráfica escura, mas que nas bordas permite ver o fundo da foto. A utilização desse recurso gráfico aconteceu para valorizar o texto verbal para sobrepor o que está atrás. Uma tentativa, de certa forma impositiva, de apresentar a linguagem verbal. Além disso, a escolha da cor da fonte das letras, ora branco ora laranja, que pode ser associada à cor do fogo, proposital no sentido de promover maior contraste possível, chamando ainda mais a atenção do leitor para o texto.

Ao comparar os três blocos, observam-se elementos que tiveram mais espaço e, conseqüentemente, mais destaque, em cada uma delas: a ponte, o fogo e o texto “Protesto deixa a cidade parada.” Entre esses três elementos, o maior é a ponte.

Em relação às cores, é preciso destacar a presença do laranja (fogo), do vermelho (faixa de pedestre) e do marrom (fumaça). Na imagem, que foi angulada de forma a valorizar a horizontalidade em função da ação narrativa que ela desenrola, há vários elementos que marcam a oposição vertical vs horizontal, a ponte/postes/árvores e fogo/fileira de manifestantes e de carros.

Antes de iniciar a análise do TL pelo plano do conteúdo, é importante pontuar, a título de contextualização, que a notícia se refere a um protesto sobre a morte de um jovem do bairro Andorinhas, que fica ao lado da Ponte da Passagem. A vítima foi assassinada enquanto dirigia o táxi do pai. Os moradores, indignados com a violência, fecharam a passagem na ponte.

O jornal fez um título que provocou uma oposição semântica em relação ao nome do equipamento. De fato, a expressão “Ponte da Passagem” já apresenta uma reiteração, no nível semântico, uma vez que toda ponte é local de passagem. Ao publicar “Ponte sem Passagem”, pela negação fez referência à ponte, reiterando o que é possível apreender da imagem publicada acima.

Se considerarmos o regime de interação, proposto por Landowski (2014), a cena da manifestação foi registrada como imagem justificada pelos transtornos causados na

ruptura do movimento programado que a Ponte da Passagem propicia. O protesto foi o acidente. A fotografia registra esse momento.

Longe de ser uma representação do real, conforme propõe Greimas (2004) ao pensar a semiótica figurativa e plástica, a fotografia é um objeto de leitura designado pelo recorte de mundo que o fotógrafo faz. Ele capta, recorta uma cena.

O assunto violência no trânsito também se repete na primeira notícia sem imagem no canto direito, sob o título “Fraude em licenças. Polícia prende 16 acusados da ‘máfia do táxi’”. Além dela, há a segunda manchete importante da página que apresenta o tema “18 mil processos no Estado. Vítimas da violência no trânsito cobram Justiça.” É importante ressaltar que todas as matérias falam do assunto e se reinteram pela repetição.

É possível apreender que a pauta do dia do jornal foi a exploração do assunto violência do trânsito. Considerando a totalidade da capa, houve diversas reiteraões do assunto, seja com a repetição de palavras ou de ideias.

Isso revela as intencionalidades na escolha das matérias que serão valorizadas nesse espaço, a capa, que é uma espécie de menu das notícias de destaque da edição. Essa compilação de assuntos é um exemplo clássico de *agenda setting*, que diz que a mídia não possui o poder de dizer ao público como pensar, mas sobre o que pensar.

Em relação à narrativa e discurso do jornal, Landowski reforça:

No primeiro plano, o jornal dá ‘as notícias do dia’; produz então um tempo social objetivado relatando os ‘acontecimentos’ que o marcam. É essa parte referencial e ‘informativa’, no sentido usual do termo, sua maneira de construir, no modo verdadeiro ou do ‘atestado’, uma história do presente. Mas, simultaneamente, num outro plano, também constrói, pela simples recorrência da sua enunciação, identidades sociais. Ao tempo contado, ‘enunciado’, o da narrativa dos acontecimentos noticiados, se superpõe, assim, um tempo ‘vivido’, tempo da enunciação (e da recepção) do discurso que serve de suporte para constituição da imagem própria do jornal como sujeito coletivo enunciante, e, correlativamente à formação de um certo hábito próprio da clientela da qual se alimenta e, sem dúvida, satisfaz a expectativa diariamente. Formalmente, essas duas temporalidades parecem obedecer a dois regimes aspectuais distintos: episotividade da narrativa, periodicidade do discurso, determinando duas formas de expectativa e, talvez, dois tipos de

contratos possíveis entre o jornal e seu público (Landowski, 1992, p. 119).

A Ponte da Passagem, nessa reportagem, assume e cumpre papel de um sujeito que se faz presente na enunciação, tanto no plano da expressão, quanto do conteúdo. Ela, associada a pessoas e carros, se presentifica como a própria cidade. É o palco, o cenário, o pano de fundo de uma ação narrativa, que não a desvaloriza, pelo contrário, reintera sua presença.

## **2.2 JORNAL A TRIBUNA**

### **2.2.1 PERFIL DO ENUNCIADOR**

O jornal A Tribuna foi fundado em 22 de setembro de 1938, em Vitória, no Espírito Santo, pelo jornalista paulista Reis Vidal. Sua sede funcionava na Esplanada Capixaba, hoje Avenida Jerônimo Monteiro. Segundo Martinuzzo (2008), o jornal passou por vários fechamentos ao longo de sua história.

Vidal tinha ideias consideradas fascistas, o que gerou transtornos na época da Segunda Guerra Mundial, de acordo com Martinuzzo (2008). O primeiro fechamento aconteceu após uma invasão e depredação por parte da população, que suspeitava que a poderosa firma alemã de importação e exportação Arens & Langens financiasse o jornal.

Em 1941, assumiu em sua capa o slogan “O jornal do Espírito Santo”. Em 1945, o controle da empresa passa para o grupo dirigido pelo Partido de Representação Popular. Na década de 50, A Tribuna foi comprada por um grupo ligado ao Partido Social Progressista (PSP), cuja proposta era falar somente sobre o Estado e, mais tarde, concorrer com A Gazeta.

Posteriormente é vendido a políticos ligados a Ademar de Barros e, anos depois, em 1968, o jornal foi adquirido pelo Grupo João Santos em função de problemas financeiros. Até hoje esse grupo<sup>10</sup> é proprietário do jornal.

Desde sua fundação, o jornal se propõe a seguir a linha de jornalismo popular. Sua proposta gráfica já apresentava manchetes em corpo grande nas capas e nas páginas centrais, ilustrações, farta cobertura esportiva e linguagem singular em formato standart.

Em 1971, a sede é transferida para Ilha de Santa Maria. Fechado em 1972, a primeira edição na nova sede só aconteceria em 7 de outubro de 1973. Em fevereiro de 1987, A Tribuna circula pela primeira vez em formato tablóide. Martinuzzo (2008) aponta também que a mudança acarretou em novo modelo de linguagem, dessa vez mais simples para se aproximar do seu público leitor.

Outro marco na história do periódico aconteceu em 1995, ano em que, ao lançar o jornal em cores, A Tribuna se lançou na briga pela liderança com o Jornal A Gazeta. Um novo projeto gráfico foi especialmente encomendado à Universidade de Navarra, Espanha, para tornar o jornal moderno, arrojado, e, pela primeira vez, em cores.

Investimentos também foram feitos em recursos técnicos, adquirindo a mais moderna impressora do Estado na época, com capacidade para imprimir até 45.000 exemplares de até 48 páginas por hora. No ano seguinte, em 16 de setembro de 1996, A Tribuna vence mais uma etapa e começa a circular também às segundas-feiras, tornando-se definitivamente um veículo competitivo em todos os sentidos.

Paralelamente, o setor de Circulação é renovado com novas técnicas e sistemas de controle de distribuição. A redação é informatizada, novos servidores são disponibilizados e o jornal ganha em velocidade e qualidade gráfica.

Em 1997, A Tribuna obtém o maior índice de crescimento em percentual do País, com médias de 47,95% em dias úteis e 79,34% aos domingos, de acordo com o Instituto Verificador de Circulação (IVC).

---

<sup>10</sup> Consulta em <http://www.atribunaes.com.br/historico/>.

Em 1999, o jornal se consolidou como líder em circulação na Grande Vitória, em vendas e em número de leitores, de segunda a sábado, segundo o IVC – Instituto Verificador de Circulação – e pelo IBOPE. 2000 é o ano em que conquista a liderança em todo o Estado.

Atualmente A Tribuna é distribuída para todo o Estado, além de cidades do sul da Bahia, norte do Rio de Janeiro, leste de Minas Gerais, além de São Paulo e Brasília. Em suas páginas diárias, há notícias do Espírito Santo, do Brasil e do mundo em nove editoriais: Cidades, Economia, Polícia, Política, Regional, Internacional, Opinião, AT2 e Esportes, diariamente nos Noticiários, além dos cadernos de Classificados, Imóveis, TV Tudo, AT em Família, AT2 Fim de Semana e Sobre Rodas.

## **2.2.2 ANÁLISE DE MÍDIA EM 2009**

A Tribuna fez 404 menções à Ponte da Passagem em publicações. Foi uma por dia na página de Previsão do Tempo, na sessão “Condições das Praias” em “Canal de Camburi – Interditado – Ponte da Passagem (Jardim da Penha)”. Interessante pontuar que nessa publicação e em outras duas nesse período, o veículo situa a ponte no bairro Jardim da Penha. Na verdade, a sua localização seria entre os bairros Santa Luíza, Andorinhas e Pontal de Camburi.

Como já mencionado anteriormente, o foco dessa pesquisa se concentra apenas nas publicações relacionadas ao conteúdo noticioso. Nesse sentido, serão desconsideradas essas páginas. Registram-se, portanto, 117 menções à ponte em texto e/ou em imagem em 62 publicações, no ano de sua inauguração.

A maioria é de reportagens, contabilizando 23 delas, o que representa 58% do universo publicado. A reportagem, por suas características próprias, é o texto mais elaborado e de maior peso jornalístico em relação ao espaço, ao destaque na publicação e à quantidade de informações. O fato da Ponte da Passagem ter aparecido majoritariamente nesse tipo de publicação já dá mais destaque a sua presença no discurso ao longo de todo ano.

Em A Tribuna, houve pouca variação nos tipos de publicações relacionadas aos gêneros jornalísticos. Além das muitas reportagens, tiveram apenas 17 notas, tabelas, infográficos e textos-legendas.

TABELA 5 – TIPO DE PUBLICAÇÃO EM A TRIBUNA EM 2009

<b>Tipo de publicação</b>	<b>Total</b>	<b>Percentual</b>
Reportagens	23	37,0%
Notas	11	17,7%
Tabelas e/ou Ponto a Ponto	2	3,2%
Texto-legenda (TL) – Foto com legenda	2	3,2%
Artigo	-	-
Infográfico	2	3,2%
Fotografia	19	30,6%
Elemento gráfico – perspectiva e/ou desenho	3	4,8%

Das 117 menções feitas à ponte, 105 foram sobre o objeto diretamente, em relação à sua construção. Isso representa 89% das menções: A Tribuna, mesmo em poucas publicações, mencionou a Ponte da Passagem exaustivamente. Um exemplo está na reportagem “Festa na Ponte da Passagem”, publicada no dia 29 de agosto, que anuncia a inauguração do equipamento. No texto, que ocupa uma página inteira, a nova ponte é mencionada 16 vezes.

## Fotografia 39 - Publicação com 16 citações textuais de “Ponte da Passagem”

**Nova estrutura será inaugurada hoje com shows e muita comemoração. Pistas vão ser liberadas para tráfego só amanhã**

**Francine Spinassé  
Rodrigo Araujo**

A nova Ponte da Passagem, que vai ligar a Reta da Penha à avenida Fernando Ferrari, em Vitória, será inaugurada hoje, a partir das 9 horas. A cerimônia será realizada em um palco próximo à Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e contará com shows de congo, corais e de um grupo de dança de rua.

A nova ponte faz parte de um conjunto de obras que a Prefeitura de Vitória pretende entregar à população no próximo mês, quando o município comemora 458 anos.

“Será um grande presente para nossa cidade e representará uma maior integração entre as pessoas”, disse o prefeito João Coser.

#### A INAUGURAÇÃO

### Festa vai ter congo, coral e dança

- > **EVENTO:** Inauguração da nova Ponte da Passagem
- > **QUANDO:** hoje
- > **HORÁRIO:** às 9 horas
- > **APRESENTAÇÕES:** bandas de congo, Panela de Barro (foto) e Amores da Lua, corais da Prefeitura de Vitória e de artistas capixabas e grupo de dança Vitória Street Dance Kids



Atualmente, mais de 75 mil veículos trafegam por dia no local. Com a nova Ponte da Passagem, que terá três faixas em cada sentido, a expectativa é de que o fluxo de carros melhore em até 35%.

Apesar da inauguração ser hoje, os motoristas só poderão utilizar a nova via a partir de amanhã, quando, às 5 horas, será liberada a pista no sentido Jardim da Penha/Reta da Penha. Mais tarde, por volta das 14 horas, a ponte estará totalmente disponível para a circulação de veículos.

Mesmo com a ponte em funcionamento, ao longo da semana serão feitos os últimos reparos na sinalização em suas imediações.

Além disso, serão instalados, em até 60 dias, dois radares, um em cada extremidade da ponte, que controlarão a velocidade dos veículos no local.

#### PASSARELA

Após a inauguração da nova ponte, começam as obras da passarela, que será usada para travessia de pedestres e ciclistas. Enquanto ela não fica pronta, a antiga ponte será usada para esse fim.

## De pinguela de madeira a estrutura metálica

Quem olha a nova Ponte da Passagem, com uma torre metálica de 55 metros de altura, que sustenta 32 cabos de aço, não imagina que ela já foi uma simples pinguela de madeira, feita para a passagem de pedestres no período Colonial.

Segundo a Secretaria de Desenvolvimento da Cidade, só em 1927 é que foi iniciada a construção de uma nova ponte para a passagem de carros. Na época, Vitória já tinha 210 mil habitantes e a pinguela estava em péssimas condições.

A primeira ponte seguia os moldes da ponte de São Torquato, próxima às Cinco Pontes, e foi inaugurada no governo de Florentino Avidos, custando 200.000\$00 (réis), com apenas uma pista de cada lado.

Segundo o historiador Gabriel Bitencourt, durante o período Colonial, em que não dava para passar de carro pela ponte, as pessoas que iam de Vitória em direção à Serra pegavam um barco até a região do Lameirão, de lá seguiam pelo canal dos escravos e saíam na região de Queimado, onde prosseguiram para a Serra-Sede.

“A região da Ufes era um manguezal, e onde fica o Aeroporto de Vitória não existia nada. Existem até relatos de Dom Pedro II, quando veio ao Estado, em 1860, passando pela região de barco e seguindo para a Serra a cavalo.”

#### HISTÓRIA DA PONTE

## Pinguela existiu até o século 20

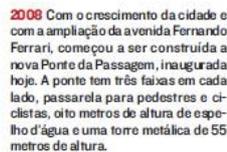


**NO PERÍODO** Colonial, a região onde hoje se encontra a Ponte da Passagem era uma pinguela. A intenção era construir uma ligação entre a ilha e o continente, toda feita de pedões de madeira e sustentada por cavaletes. A pinguela existiu até o início do século 20 e foi muito utilizada para chegar à Serra-Sede.

**1927** Com a pinguela já desgastada, uma firma foi contratada para construir a primeira Ponte da Passagem, com o nome de Armando Soares de Aguiar. Ela foi inaugurada em 1930 pelo governador Florentino Avidos. Era toda de cimento, com vão de 34 metros, armações curvas e uma faixa em cada sentido.



**1969** Um acidente com uma embarcação guindaste, que foi trazida para as obras no Porto de Tubarão, abalou a estrutura da ponte. A reforma, iniciada em 1972, só foi concluída no ano seguinte. A ponte perdeu os arcos laterais, mas ganhou mais uma faixa em cada sentido. A Ponte da Passagem se manteve até os dias atuais.



**2008** Com o crescimento da cidade e com a ampliação da avenida Fernando Ferrari, começou a ser construída a nova Ponte da Passagem, inaugurada hoje. A ponte tem três faixas em cada lado, passarela para pedestres e ciclistas, oito metros de altura de espelho d'água e uma torre metálica de 55 metros de altura.



Fonte: A Tribuna (29/08/2014)

Em 11 das 117 citações, observa-se que ela é apresentada como uma referência de lugar na cidade ao longo do ano, caracterizado, como o registrado em A Gazeta, uma isotopia na narrativa de A Tribuna.

Um exemplo está na matéria “Menor detido confessa ter assaltado dois taxistas”, publicada no dia 23 de dezembro (Fotografia 39). Ao ser entrevistado, o jovem contou que estava “próximo à Ponte da Passagem”. Em apenas uma reportagem, veiculada no dia 13 de novembro, trata a ponte como sentido de trânsito: “Dupla rende PM à paisana e rouba carro”.

As palavras mais utilizadas que foram os conectores dessa isotopia, ao longo do discurso foram “próximo”, “sentido Ponte da Passagem”, “perto” e “em frente”. Elas criaram relações intertextuais sobre o espaço e a localização, na cidade.

Fotografia 40 – Exemplo de uma isotopia de lugar

# Dupla rende PM à paisana e rouba carro

**O policial foi rendido pelos assaltantes, que levaram seu carro e sua arma, que estava dentro do veículo. Na fuga, saíram atirando**

**Sabrina Rodrigues**

**U**m policial militar à paisana foi vítima de assalto na manhã de ontem quando estava parado com o carro na Reta do Aeroporto, em Vitória. Na fuga, os criminosos deram dois tiros para o alto e levaram, além do carro do PM, R\$ 1,5 mil em dinheiro e a arma do policial.

Dois bandidos, um deles armado, renderam o policial às 8 horas de ontem. Com a arma encostada no tórax do PM, os assaltantes obrigaram o refém a entregar o carro, um Voyage preto.

O militar estava de folga e a arma dele ficou dentro do carro no momento do roubo. Assim que entrou no veículo, a dupla saiu em disparada pela Reta do Aeroporto, no sentido Ponte da Passagem, e na fuga ainda efetuou dois disparos para o alto.

Logo após os criminosos saírem do local, o policial pediu carona a um motorista que passava pela re-

gião e, então, saiu em perseguição aos acusados.

Ao chegar nas proximidades do bairro Goiabeiras, mesmo município, o PM encontrou o carro dele abandonado, mas os criminosos já haviam conseguido fugir com a arma e a quantia em dinheiro.

O policial registrou ocorrência na Delegacia de Goiabeiras e na Corregedoria da Polícia Militar, já que a arma dele também foi roubada. Os acusados não foram presos e nem mesmo identificados.

A assessoria de imprensa da Polícia Militar informou, através de nota, que o policial pode portar arma de fogo, mesmo fora do horário de serviço, desde que tenha a autorização do comandante do batalhão onde atua.

## OS NÚMEROS

**2 bandidos**  
RENDERAM O POLICIAL

**2 tiros**  
FORAM DISPARADOS

**R\$ 1,5 mil**  
FOI A QUANTIA ROUBADA

Fonte: A Tribuna (23/12/2014)

As publicações sobre a Ponte da Passagem nesse jornal foram espaçadas ao longo do tempo, tendo uma concentração maior no período de um mês antes da sua inauguração. Ao analisar os recortes, observa-se que se falou do objeto ao longo do ano, mas, na época da inauguração, houve uma ampla cobertura sobre os assuntos que estavam ligados à ponte e o seu funcionamento.

Foram 17 publicações sobre a ponte considerando os meses de julho e de agosto. Para se ter uma base de comparação, A Gazeta teve, no mesmo período, oito apenas. Está posto claramente a intenção de A Tribuna em se falar massivamente da nova ponte, sobretudo nesse período pré-inauguração.

No dia da inauguração da ponte, dia 29 de agosto, aconteceu inclusive algo inusitado do ponto de vista do jornalismo. Na editoria de Cidades, há duas páginas sobre o assunto: que são frente e verso (Fotografia 41), ou seja, uma seguida da outra, com conteúdos sobre o mesmo objeto. Provavelmente, o editor, por algum motivo, não pôde colocar o conteúdo em uma página casada, ou seja, ao serem folheadas pelo leitor, ficam juntas, como em um livro aberto.

Fotografia 41 – Matéria de conteúdo diferente entre páginas sobre a ponte

**Cidades**

# Calçada vai ligar pontes

Projetos de duas Pontes da Passagem, que vão inaugurar em 2009, vão ter um ponto em comum: a calçada ligando a nova estrutura à Ponte de Cambará.

**Projeto já está pronto**

**Quarta Região**

Dois projetos de duas Pontes da Passagem, que vão inaugurar em 2009, vão ter um ponto em comum: a calçada ligando a nova estrutura à Ponte de Cambará. O projeto já está pronto.

Equipes fazem das malhadas de concreto que vão ser erguidas, entre outras coisas, a base da calçada. O projeto prevê a construção de uma calçada de 10 metros de largura, com 150 metros de comprimento, que vai ligar as duas pontes à Ponte de Cambará.

**Primeira etapa será em trecho de 500m**

O trabalho será realizado em três etapas. A primeira etapa será em um trecho de 500 metros, entre a Ponte de Cambará e a Ponte da Passagem. A segunda etapa será em um trecho de 500 metros, entre a Ponte da Passagem e a Ponte de Cambará. A terceira etapa será em um trecho de 500 metros, entre a Ponte de Cambará e a Ponte da Passagem.

**Obras serão entregues em vários pontos da cidade**

O projeto prevê a construção de uma calçada de 10 metros de largura, com 150 metros de comprimento, que vai ligar as duas pontes à Ponte de Cambará. O projeto já está pronto.

**Casas em Jesus de Nazareth**

O projeto prevê a construção de uma calçada de 10 metros de largura, com 150 metros de comprimento, que vai ligar as duas pontes à Ponte de Cambará. O projeto já está pronto.

**REGIÃO DO GRANDE SÃO PAULO**

**Fonte: A Tribuna (29/08/2009)**

**10 | REGIÃO VITÓRIA, 23 DE AGOSTO DE 2009 | TRIBUNA 9**

**Cidades**

# Festa na Ponte da Passagem

Novo estrutura será inaugurada hoje com show e muita animação. Piquete de obras vai ser liberado para tráfego só amanhã

**De pinguela de madeira a estrutura metálica**

A ponte da Passagem, que vai ligar a Ponte de Cambará à Ponte da Passagem, será inaugurada hoje. A estrutura metálica da ponte já está pronta e o piquete de obras vai ser liberado para o tráfego só amanhã.

**NOVA PRATELA DA PASSAGEM**

As obras da nova estrutura da Ponte da Passagem estão avançando. A estrutura metálica da ponte já está pronta e o piquete de obras vai ser liberado para o tráfego só amanhã.

**NO PÓS-GRUPO**

Após a inauguração da ponte, será realizada uma festa de comemoração. A festa será realizada na Ponte da Passagem e contará com show e muita animação.

**A MANUTENÇÃO**

Após a inauguração da ponte, será realizada uma festa de comemoração. A festa será realizada na Ponte da Passagem e contará com show e muita animação.

**REGIÃO DO GRANDE SÃO PAULO**

**Fonte: A Tribuna (29/08/2009)**

Fonte: A Tribuna (29/08/2009)

Geralmente, quando acontece essa separação, para orientar o leitor na leitura que se trata de um mesmo assunto em páginas distintas, são usados recursos gráficos no topo das páginas que situam quem lê de que as elas falam do mesmo assunto. Neste caso, A Tribuna não usou qualquer ferramenta nesse sentido, ao contrário do esperado. Seria uma inferência de que o leitor conseguiria fazer a associação narrativa, mesmo em páginas separadas?

De fato a opção, foi, do ponto de vista do jornalismo, estratégica no sentido de explorar, na narrativa, o projeto de urbanização das cabeceiras da Ponte da Passagem, dissociado da ponte em si, como outras obras no aversário da cidade.

Dessa forma se falou duas vezes sobre a ponte em espaços e abordagens diferentes. Essa intencionalidade do jornal está posta no discurso.

Neste caso específico, a inauguração da ponte ficou nas páginas 9 e 10. A página 9 se divide em quatro partes com os títulos “Calçadão vai ligar pontes”, no ponto a ponto “Como vai ser o calçadão” – ambas falam da urbanização das cabeceiras da ponte -, “Obras serão entregues em vários pontos da cidade” e o “Pacote de obras”, que falam das entregas em setembro, mês de aniversário da Cidade. Dessa forma, valoriza-se, ao se dedicar maior espaço e o mais bem localizado na página, a urbanização.

No canto direito da página, em espaço de menor visibilidade, há a matéria “Trabalhador poderá aplicar FGTS ainda neste ano”, sobre a possibilidade de se reinvestir o benefício em ações. No entanto, essa matéria deveria estar, pela separação temática do jornal, na editoria de Economia. Mas foi publicado em Cidades, provavelmente por ter chegado da agência de Brasília depois das 21h, horário em que tradicionalmente, fecham-se os trabalhos de Economia. Cidades é o setor com o fechamento mais tarde do jornal à 0h.

Na primeira página se fala da Ponte da Passagem, desde o lead e pela perspectiva das suas cabeceiras urbanizadas, em seguida, após a matéria do FGTS, volta-se a falar novamente na página 10 sobre a Ponte nas matérias “Festa na Ponte da Passagem”, “A inauguração”, “De pinguela de madeira a estrutura metálica” e “história da ponte”.

O conteúdo relacionado ao FGTS, na sequência de leitura e apreensão da narrativa, é o acidente, é o inusitado, o inesperado dentro desse contexto, localizado exatamente entre as duas imagens que mostram a ponte. Há uma quebra narrativa temática.

Em relação ao comportamento dessa mídia, após a inauguração e com o funcionamento da ponte, ela se presentificou no noticiário do jornal novamente de maneira ainda mais espaçada, em relação ao tempo entre as publicações, e apareceu sobretudo nas matérias relacionadas ao aniversário de Vitória, à construção da passarela, em matérias policiais como referência de lugar e sobre mudanças no trânsito na região.

É importante ressaltar que, a análise da totalidade de publicações desse veículo de comunicação impressa, não permitiu, como em A Gazeta, grandes separações temáticas sobre a presença da ponte. Em apenas uma publicação na Reportagem Especial sobre grandes projetos de mobilidade, veiculada em 12 de fevereiro, A Tribuna apresenta a ponte como um objeto grandioso (Fotografia 41). Foi a única publicação com essa natureza. Isso não se repetiu ao longo da narrativa.

Fotografia 42 – Publicação sobre objeto grandioso



Cerca de 100 operários trabalham nas obras da Ponte da Passagem, em Vitória

## Peça gigante colocada em ponte

Dois peças gigantes de 86 toneladas, que corresponde ao peso de 95 carros populares, da nova Ponte da Passagem devem ser instaladas no alto dos pilões de sustentação hoje, às 8 horas. A obra deve ficar pronta no final de maio.

As peças, chamadas de caixas de ancoragem, são as que sustentam os cabos de aço. Elas sozinhas custaram mais de R\$ 1 milhão.

Quindastes especiais, que podem alcançar 110 metros de altura, vão fazer a operação. O equipamento pesa quase 300 toneladas e foi trazido por 22 carretas.

A obra, que está na reta final, teve um investimento total de R\$ 64 milhões.

"Eu diria que essas peças são o 'coração' da ponte. Hoje (ontem) estamos trabalhando a soldagem para não ter que retirar a peça do lugar. Ela vai ser instalada no topo dos pilões, cuja altura é de 54 metros", disse o diretor do Departamento de Estradas da Rodagem do Espírito Santo (DER-ES), Eduardo Manato.

Ele estimou que 80% dos trabalhos da construção da nova ponte estão prontos. Os cabos serão colocados em 15 dias.

Com profissionais trabalhando diretamente na obra. Após esta fase, só faltará instalar tabuleiros de 20 metros para concluir o peso da ponte. Em seguida, será pavimentada a via.

"Temos que fazer ainda a tubulação, um baixo da ponte, por onde vão passar cabos de telecomunicações, água, gás e energia".

### CURIOSIDADES

- A nova Ponte da Passagem, em Vitória, é a primeira ponte suspensa por cabos no Estado e a 10ª no Brasil.
- Os pilões de sustentação têm 54 metros de altura, a mesma de um prédio de 18 andares.
- As peças, todas feitas em aço em Minas Gerais, foram trazidas em esquema especial para não comprometer o trânsito.
- As caixas de ancoragem gigantes, que pesam 86 toneladas, foram trazidas para o Estado em uma operação especial, em carretas bitrem com 10 eixos e mais de 80 rodas.

Fonte: Diretor do DER, Eduardo Manato.

Fonte: A Tribuna (12/02/2009)

Quando se observam os lugares onde essa presença se concentra, a maioria está na editoria de Cidades, por afinidade de temas, já que é a que publica assuntos como Trânsito, Infraestrutura Urbana, Educação, Saúde e Variedades. Em segundo lugar surpreendentemente, ela aparece na Coluna Plenário, localizada na editoria de

Política. Nesse espaço, concentram-se tradicionalmente informações sobre os bastidores da política, sendo fielmente lida por grupos ligados aos partidos e à governância em geral.

Apesar do quantitativo de publicações na Coluna Plenário não ter sido bastante expressiva, sendo no total de cinco notas, é importante ressaltar a estratégia de comunicação do enunciador Governo do Estado e do próprio jornal em “capitalizar” a obra e a inauguração desse equipamento de mobilidade como um evento político. Nesse sentido, o jornalista Luiz Trevisan publicou textos que associam políticos à ponte (Fotografia 43).

Fotografia 43 – Nota na Coluna Plenário

**PONTE DA PASSAGEM**  
 O governador Paulo Hartung (PMDB) e o prefeito João Cozer (PT) visitam hoje a Ponte da Passagem, às 14h30, para ordem de serviço da ciclovia e passarela.

Fonte: A Tribuna (11/11/2009)

TABELA 6 – LOCALIZAÇÃO DAS INSERÇÕES EM A TRIBUNA EM 2009

<b>Editórias</b>	<b>Total</b>	<b>Percentual</b>
Cidades	19	48%
Coluna Plenário – Política	5	12,8%
Polícia	4	10,52%
Coluna Maurício Prates (AT2)	3	7,6%
Qual é a bronca?	2	5,1%
Política	2	5,1%

---

Caderno Especial – Aniversário de Vitória	2	5,1%
Coluna Paulo Octávio	1	2,5%

---

Em seguida, aparece a Editoria de Polícia com quatro publicações, nas quais acontecem as referências da Ponte como lugar na cidade, sobretudo em fatos relacionados a crimes.

Ela também se presentifica, em pequena proporção, nas colunas sociais – Maurício Prates e Paulo Octávio – e na de reclamações “Qual é a bronca?”, relacionada à retirada da antiga ponte.

Para exemplificar essa presença na editoria campeã em publicações, Cidades, no dia 22 de janeiro, foi publicada a reportagem “Governo assume obras de túnel”, que fala sobre projetos de mobilidade do Governo do Estado em Vitória (Fotografia 44). Entre os projetos de um novo viaduto com túnel na avenida Dante Michelini, o então governador Paulo Hartung e seu vice-governador, Ricardo Ferraço, citam a obra da Ponte da Passagem, apesar de não ser uma matéria sobre o assunto.



Fotografia 45 – Matéria que fala diretamente sobre a Ponte

## Data para inaugurar Ponte da Passagem

A Prefeitura de Vitória já tem data marcada para a inauguração da Ponte da Passagem. Segundo o prefeito João Coser, a solenidade vai acontecer no dia 29 de agosto.

Ele afirma que o evento marcará a abertura das festividades do aniversário da capital, comemorado no dia 8 de setembro.

Segundo o prefeito, a ponte está praticamente pronta, mas ainda são necessárias algumas intervenções no seu entorno.

"Já conversamos com o governo do Estado, que é o nosso parceiro nessa obra, e estamos nos organizando para fazer a entrega no dia 29", afirmou.

De acordo com Coser, a obra da avenida Fernando Ferrari é hoje uma das mais importantes dentre as que estão sendo realizadas na cidade de Vitória.

"Até o dia 29 de agosto, faremos o recapeamento asfáltico no trecho que vai do Carrefour até a Ponte da Passagem, nos dois sentidos da via", disse.

O prefeito afirmou que, nesse período, serão feitas as adaptações necessárias para não interferir de forma complexa no trânsito.

"Outra obra que vamos realizar nesse período é a instalação da superbaia, que será capaz de comportar 10 ônibus, e vai ficar no sentido Vitória- Serra, na altura do Teatro Galpão", disse.

Até 2010, segundo Coser, toda a extensão da Fernando Ferrari estará concluída.

"A entrega dessa nova avenida, juntamente com a nova Ponte da Passagem, dará mais tranquilidade para o trânsito da região norte da cidade", frisou.

Fonte: A Tribuna (07/07/2009)

Cabem algumas considerações pontuais sobre a cobertura do jornal durante o primeiro ano da ponte. De janeiro a julho, não houve citações sobre a passarela e qualquer reflexão sobre a segregação do espaço de pedestres e ciclistas. Apenas no dia 30 de agosto, no registro da inauguração, o jornal menciona a passarela e o protesto realizado durante o evento.

Fotografia 46 – Pouco destaque ao protesto de ciclistas na inauguração

**Cidades**

# Parque com vista para o canal na Ponte da Passagem

Durante a festa de inauguração da nova ponte, prefeito João Oscar anunciou parque no bairro Andaraíba. Comunidade vai opinar

**Buscas por pescadores desaparecidos são suspensas**

A Capitanía del Puerto de Espiritu Santo suspendeu as buscas por 17 pescadores que ainda estão desaparecidos desde o naufrágio da barca de pesca Estrella del Mar IV, na madrugada do dia 22 de agosto. Desde então, a Capitanía del Puerto de Espiritu Santo vem aplicando um protocolo de segurança para evitar acidentes semelhantes.

**Passarela fica pronta em 10 meses**

Durante a inauguração da nova Ponte da Passagem, o prefeito João Oscar anunciou a construção de um parque de 10 hectares no bairro Andaraíba. A obra será executada em 10 meses e terá um custo de R\$ 10 milhões. O prefeito afirmou que o parque será um espaço de lazer e recreação para a comunidade local.

**DEMAS DA FESTA**

**REPTORIO** e Queir assina de Orlypio, Rafael Reis

**COSEL** e Fátima com um filio fotografar

**CIDADES DE COSEL** durante tempo tabernáculo à hora

**MANIFESTANTES** com cartazes reivindicando direitos

**CANTO** Paulo Sousa parafita

Fonte: A Tribuna (30/08/2009)

Nessa matéria, curiosamente o texto e título não estão em sintonia (Fotografia 46). Geralmente o título apresenta um resumo da notícia. Obviamente ele é elaborado, segundo regras jornalísticas, com a finalidade de tornar o assunto interessante e atrair a leitura, em uma tentativa de manipular o leitor por sedução.

Nesse caso, o título do texto se apresenta como uma resposta pronta para a matéria, que fala do protesto. O esperado seria que o título falasse do protesto e não da passarela. Com essa opção narrativa, A Tribuna apresentou a notícia de maneira positiva, sem muitos holofotes ao protesto, que seria negativo para o governo.

Fotografia 47 – Título e matéria desconexos para valorizar a inauguração

## Passarela fica pronta em 10 meses

Durante a inauguração da nova Ponte da Passagem, uma manifestação de ciclistas, moradores e estudantes reivindicava a ciclovia e passarela de pedestres, que ainda não foram construídas, mas estão previstas no projeto.

O diretor do Departamento de Estradas de Rodagem (DER), Eduardo Manato, explicou que es-

sa etapa ainda não foi feita por questões de logística. “Vamos fazer a montagem do canteiro e organizar a entrada e saída de materiais para minimizar o impacto das obras na vida das pessoas.”

Segundo ele, os pedestres e ciclistas vão utilizar a ponte antiga como passarela até que essa estrutura seja demolida.

O secretário de Desenvolvimento da Cidade, Kléber Frizzera, informou que as obras começam em setembro e têm previsão para terminar em 10 meses.

“A passarela e a ciclovia vão ter seis metros de largura e 180 metros de extensão. O complicador é a fundação, que demora a ser feita devido ao fundo de pedras”, disse.

Fonte: A Tribuna (30/08/2009)

Das cinco fotos dessa reportagem, apenas uma é dos ciclistas em protesto (Fotografia 48). Assim como em A Gazeta, não foi publicada nenhuma entrevista com os manifestantes. Eles não foram sequer ouvidos ou citados. Não tiveram voz. Nesse caso, o jornal se passou como um intermediário reprodutor do discurso dos Governos Estadual e Municipal.

Fotografia 48 – Única imagem do protesto de ciclistas na inauguração



**MANIFESTANTES** com cartazes reivindicaram ciclovia

Fonte: A Tribuna (30/09/2009)

Para verificar como foi o primeiro dia de funcionamento da ponte, os repórteres do jornal foram verificar como estava o uso da ponte. O resultado está na reportagem “Ciclistas se arriscam na nova Ponte da Passagem”, veiculada no dia 31 de agosto, que mostra que um ciclista passou pela Ponte da Passagem, ignorando a proibição

de não trafegar na antiga Ponte da Passagem, lugar destinado para o deslocamento de pedestres e ciclistas enquanto a passarela não estava pronta.

Assim como A Gazeta, A Tribuna usou de estratégias narrativas para associar a Passarela à Ponte da Passagem como se fossem um mesmo objeto. Em “Passarela da ponte vai sair em junho”, publicada no dia 12 de novembro, tanto no título, quanto no lead, pela frase “A passarela para pedestres e ciclistas da nova Ponte da Passagem vai ficar pronta até junho de 2010”, a associação é feita pela preposição “da”, que sugere essa posse por parte da ponte.

### **a) Imagens**

Outro fato que comprova superexposição na mídia da nova Ponte nesse veículo de comunicação é a quantidade de imagens publicadas (fotos, infográficos e perspectivas): no total, são 26. Somam-se a elas, outras cinco imagens das “outras” Ponte da Passagem: fotos das antigas pontes renovadas ao longo do tempo em uma estratégia narrativa de resgate histórico.

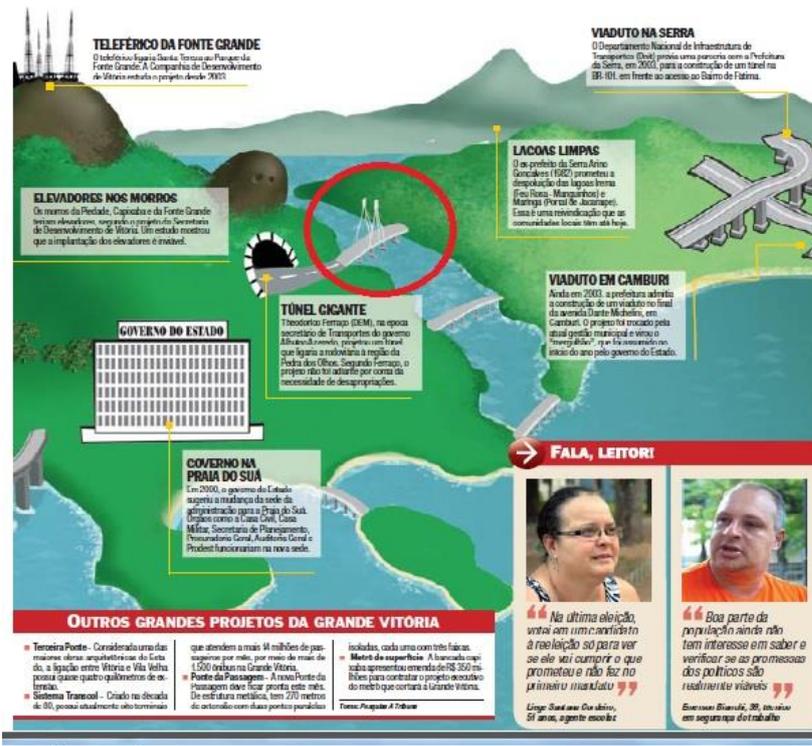
Se comparamos com A Gazeta nesse mesmo ano, que publicou 38 imagens (fotos e infográficos) em 104 publicações (36,53%), A Tribuna, apesar de ter feito menos imagens quantitativamente, teve uma proporcionalidade maior, pois das 62 publicações, a maioria de 61,53% estava ilustrada com imagem.

Ao contrário de A Gazeta, as fotos em A Tribuna não apresentam uma narrativa cronológica da construção do equipamento. De janeiro a junho, as imagens publicadas são duas perspectivas de projeto oficiais, elaboradas pelo Governo do Estado, uma fotografia de uma grandiosa peça, outra que mostra a instalação de cabos na ponte e dois infográficos, sendo um para a construção da ponte e outro sobre os grandes projetos de mobilidade anunciados na época, como elevadores em morros e o viaduto.

Os dois infográficos publicados ao longo do ano exploram a imagem dos pilones da ponte. Ao contrário de A Gazeta, em que esse desenho só aparece nesse tipo de

publicação jornalística após a inauguração do objeto. Em A Tribuna, a ponte está sempre bem posicionada, no centro da imagem (Infográfico 3).

Infográfico 3 - Ponte com destaque no centro da página



Fonte: A Tribuna

A exploração da parte superior da ponte e de seus pilões também é a opção mais usada em fotografias. As angulações valorizam os pilões. Na maioria das vezes, a ponte é enquadrada considerando o observador do lado do continente, ou seja, com do lado da Ufes ou de Pontal de Camburi. Também são tiradas durante o dia e com a ponte vazia. Nas fotos, o objeto está em primeiro plano.

Em julho e agosto, se mantém essa tendência, acrescentando apenas uma foto noturna, uma perspectiva da Prefeitura de Vitória da Ponte com suas cabeceiras urbanizadas. As imagens sobre a ponte, que de janeiro a junho ocupavam no máximo duas colunas, passam a ocupar mais espaço nos dias 29, 30 e 31 de agosto. Como o jornal, por sua temporalidade de apresentar notícias do dia anterior, no dia 29 ele fala

da inauguração, no dia 30 é apresentada a cobertura do dia 29, e no dia 31, enfoca como foi a utilização da ponte no dia 30.

Gradativamente, o tamanho das imagens volta a diminuir a partir do aniversário de Vitória. Além disso, ela passa a ser retratada, a partir da sua inauguração, com pessoas, ciclistas, veículos, com o manguezal, com a cidade de modo geral, sendo, nesses casos, em planos mais abertos. Como se a liberação da ponte para uso, criasse o efeito de sentido, a partir da apreensão das imagens do jornal, de uma abertura do equipamento para a cidade.

## **b) Atores no discurso**

Ao analisar quem fala da nova Ponte no Jornal A Tribuna, registram-se, como fontes oficiais presentes nas matérias, essencialmente agentes variados da Prefeitura de Vitória, Governo do Estado e moradores.

Por oito vezes, o então prefeito de Vitória João Coser é a autoridade que mais mencionou a Ponte da Passagem em seus discursos publicados no jornal, assim como em A Gazeta, em 2009. Em seguida, aparecem, por cinco vezes, o secretário de Desenvolvimento da Cidade, Kleber Frizzera, o secretário de Transportes, Trânsito e Infraestrutura Urbana, Fábio Damasceno, em quatro publicações. Ao todo, foram 17 entrevistas com agentes políticos da Prefeitura de Vitória.

Na esfera estadual, o governador Paulo Hartung falou menos ao jornal A Tribuna sobre a ponte do que em A Gazeta. Ele apareceu duas vezes citando a ponte. O vice-governador Ricardo Ferrari falou apenas uma vez. Duas fontes do Departamento de Estradas e Rodagens do Espírito Santo (DER-ES), o diretor Eduardo Manatto e o engenheiro Carlos Roberto Ribeiro apareceram, uma vez cada, nos discursos da ponte. O secretário de Estado dos Transportes e Obras Públicas, Neivaldo Bragato, se coloca na narrativa sobre o objeto apenas uma vez. Ao todo, são seis inserções de agentes do Governo do Estado associadas à Ponte.

Novamente, como em A Gazeta, a presença mais forte é de fontes da Prefeitura de Vitória, que “capitalizou” politicamente o equipamento. Afinal, quem fala se apropria do discurso.

A população é o ator com menos espaço: em apenas três publicações. A matéria policial “Pontos de ônibus mais perigosos”, publicada no dia 15 de março, os entrevistados, que são pessoas comuns encontradas nos abrigos, mencionam os pontos da avenida Nossa Senhora da Penha como locais de crimes. A referência da região citada é “perto da Ponte da Passagem”.

As outras duas manifestações acontecem na Coluna “Qual é a Bronca?”, sobre o impacto ambiental da retirada da antiga Ponte da Passagem e sobre um problema em um sinal de trânsito, localizado “nas imediações da Ponte da Passagem”, fazendo da nova ponte uma referência espacial.

### **2.2.3 ANÁLISE DE MÍDIA EM 2014**

Assim como encontrado em A Gazeta e A Tribuna em 2009, o Jornal fez, em 2014, 397 menções da Ponte da Passagem. Foi uma por dia na página de Previsão do Tempo, na sessão de balneabilidade para avaliação do ponto como próprio ou impróprio para banho. Ou seja, houve pelo menos em 365 dias uma citação sobre esse objeto no jornal.

Relacionadas ao conteúdo noticioso, que é o foco dessa pesquisa, registram-se 31 publicações com 62 menções da Ponte da Passagem em texto e/ou em foto. Se compararmos ao quantitativo de publicações feitas pelo mesmo jornal em 2009 e em 2014, tivemos uma redução pela metade: de 62 para 31 materiais jornalísticos, respectivamente.

Entre os períodos e jornais analisados, A Tribuna em 2014 foi a que, quantitativamente, menos expôs a ponte. A empresa A Gazeta mantém, nesse ano estudado, quase o mesmo número de publicações. Enquanto A Tribuna apresentou 31 materiais jornalísticos que citam a ponte, A Gazeta publicou 33.

Apesar dos números estarem muito próximos, é importante ressaltar que A Tribuna publicou muito mais imagens do que A Gazeta, dando mais visibilidade ao objeto em sua narrativa. Por isso, durante a análise, a percepção era de que, apesar da redução de publicações, a ponte se fazia mais presente em A Tribuna do que em A Gazeta.

Nesse ano, não há conflito no discurso sobre a denominação da ponte, que é citada como “Ponte da Passagem”, sem a presença da referência nova vs velha.

Em relação ao tipo, a maioria das publicações é de reportagens, contabilizando 21 matérias, o que representa do universo. Em seguida, vem as notas (7).

TABELA 7 – DETALHAMENTO DAS PUBLICAÇÕES DE A TRIBUNA EM 2014

<b>Tipo de publicação</b>	<b>Total</b>	<b>Percentual</b>
Reportagens	21	67,8%
Notas	7	22,6%
Tabelas e/ou Ponto a Ponto	1	3,2%
Enquete Tribuna nas Ruas	1	3,2%
Cartas	1	3,2%

A reportagem, por suas características próprias, é o texto mais elaborado e de maior peso jornalístico em relação ao espaço, ao destaque na publicação, e à quantidade de informações. O fato da Ponte da Passagem ter aparecido majoritariamente nesse tipo de publicação já dá mais destaque a sua presença no discurso ao longo de todo ano.

Das citações feitas sobre a ponte, 19 a apresentam como referência de lugar na cidade. Essa significação foi majoritária em 2014. Esse enfoque da ponte, que apareceu bem tímido em 2009 com 11 menções com esse sentido, ganhou força em 2014.

Neste ano, está claro que o periódico consolida a ponte como referência de lugar, criando uma isotopia (BARROS, 2005). Os principais conectores textuais dessa isotopia, ao longo do discurso sobre a ponte neste ano, foram “próximo”, “entorno da

Ponte da Passagem” e “na Ponte da Passagem”. Elas criaram relações intertextuais sobre o espaço, a localização, e a cidade.

Muitas dessas citações estão nas matérias publicadas sobre o tema do Projeto municipal de reurbanização Orla Noroeste. Na matéria “Mais áreas de lazer em Vitória”, publicada em 12 de junho de 2014, temos dois exemplos que ilustram bem essa presença.

A Ponte da Passagem, além se fazer presente na matéria por meio de fotografia, se apresenta mais duas vezes no texto: a primeira na legenda, que diz “Orla da região de Andorinhas, em Vitória, com Ponte da Passagem ao fundo. Local será revitalizado e ganhará equipamentos como playground e quadra esportiva” (Fotografia 49).

Fotografia 49 – Presença da ponte em matérias sobre reurbanização

tiz. Segundo a secretária municipal de Desenvolvimento da Cidade, Sandra Monarcha, a implantação do projeto é uma forma de desenvolver a área.

“Vamos criar um percurso que compreende a região noroeste e tem como espinha dorsal a construção de uma ciclovia para passeio, além de atracadouros para barcos e píeres para pescadores. Além disso, vão ser construídas áreas de lazer para aproveitar a região”, afirmou a secretária.

A prefeitura criou um concurso nacional de arquitetura e engenharia para selecionar, entre as propostas apresentadas, qual será executada. Ao todo, 46 inscrições foram feitas e o projeto vencedor vai ser conhecido no próximo dia 18, às 19 horas, no Tancredão.

Segundo a Secretaria Municipal de Desenvolvimento da Cidade (Sedec), nas áreas públicas a prefeitura vai executar o projeto selecionado pelos julgadores. Já em áreas privadas, os projetos entrarão como sugestões.

A prefeitura elegeu 10 pontos a serem desenhados pelos arquitetos e urbanistas. Dentre eles, está a área para a construção do polo gastronômico da Ilha das Caieiras – que vai receber uma rua semelhante à do Triângulo das Bermudas, na Praia do Canto, além de áreas para beneficiamento



**ORLA DA REGIÃO DE ANDORINHAS,** em Vitória, com Ponte da Passagem ao fundo. Local será revitalizado e ganhará equipamentos como playground e quadra esportiva

**Intervenção em Andorinhas**  
Praças serão construídas no entorno da Ponte da Passagem. Em Andorinhas, serão instalados equipamentos como playground, além de quadra esportiva.

**Ilha do Campinho e do Crisógono**  
Será construída uma passarela de acesso às ilhas, que serão usadas como ponto de partida de áreas de navegação turística e ambiental. Áreas de lazer para os moradores do entorno também

**Como vai ficar** Centro cultural com auditório na área das Panelleiras

**Orla**  
Com 15 km de extensão, a orla vai ser unificada visualmente da região do Cais do Hidroavião, em Santo Antônio, à Maria Ortiz. Essa pavimentação vai contar com espaços para caminhada de pedestres e ciclistas.

**Avenidas e ruas de acesso à orla vão passar por melhorias**

As ruas que fazem a ligação com a orla vão passar por melhorias, de acordo com a secretária de Desenvolvimento da Cidade de Vitória, Sandra Monarcha.

A secretária afirmou que ruas que não possuem pavimentação serão pavimentadas e também serão feitas melhorias em calçadas e eixo de ciclovias.

“Isso será feito para dar mais qualidade aos acessos para a população. Uma pessoa, por exemplo, vai poder sair da Praia do Canto de carro e levar sua bicicleta para a região, se não quiser fazer todo o caminho de bicicleta”, destacou.

Segundo a secretária, o projeto da orla vai ser realizado junto a melhorias em ruas e avenidas ao longo da Rodovia Serafim Deren-



Fonte: A Tribuna (12/06/2014)

Observa-se uma reinteração. Mesmo com a foto, que já insere a ponte no discurso, a legenda apresenta a orla de Andorinhas ao lado da Ponte da Passagem, ou seja, a ponte é a referência de lugar no território, que fica ao lado dessa orla.

No infográfico, também destacado em vermelho na Fotografia 49, o repórter explica sobre os projetos de se construírem praças em Andorinhas. O conector utilizado é “entorno da Ponte”, ou seja, a ponte recebe ao seu lado, praças, em Andorinhas.

O que de fato surpreendeu na análise desse jornal nesse ano foi a redução de menções relacionadas ao objeto em si. Em 2009, foram 105, o que representou 89% de citações, na ocasião. Em 2014, foram 12, ou seja, A Tribuna falou menos sobre a ponte cinco anos após a inauguração. É possível tirar conclusões sobre o assunto: a excessiva exposição da ponte durante a sua construção e o fato de, em 2014, aparecer menos no discurso exclusivo sobre ela em poucos assuntos factuais.

A Ponte também aparece como cartão postal e/ou monumento da cidade por cinco vezes. Apesar dessa inserção não ser quantitativamente expressiva, demonstra a estratégia do jornal em fazer essa construção narrativa de símbolo da cidade.

Fotografia 50 – Ponte como monumento na Coluna Paulo Octávio

## **Vitória colorida de verde e amarelo**

Alguns pontos de Vitória já estão iluminados nos tons da Seleção Brasileira e da Austrália.

A Ponte da Passagem, as torres de Jesus de Nazaré e o relógio da Praça Oito estão “vestidos” de verde e amarelo. O próximo local a receber a iluminação deve ser a Prefeitura de Vitória – técnicos avaliam esta semana a possibilidade.

Fonte: A Tribuna (06/06/2014)

Um exemplo é a publicação da nota “Vitória colorida de verde e amarelo”, publicada na Coluna social Paulo Octávio, no dia 6 de junho de 2014 (Fotografia 50). Nela, constam alguns símbolos da cidade que vão ser iluminados nas cores da bandeira brasileira, entre eles, a ponte e o centenário Relógio da Praça Oito. Pela construção discursiva, os símbolos representam a cidade de Vitória. Na verdade, a cidade inteira não recebeu essa iluminação especial. Mas nos seus símbolos, pela narrativa, Vitória é representada pelos seus monumentos.

TABELA 8 – LOCALIZAÇÃO DAS INSERÇÕES EM A TRIBUNA EM 2014

<b>Editorias</b>	<b>Total</b>	<b>Percentual</b>
Cidades (publica assuntos como Trânsito, Infraestrutura Urbana, Educação, Saúde e Variedades)	10	32,2%
Polícia	8	26,0%
Reportagem especial	6	19,3%
Coluna Maurício Prates (AT2)	3	9,3%
Coluna Paulo Octávio (AT2)	1	3,2%
Cartas	1	3,2%
AT2	1	3,2%
Tribuna nas ruas	1	3,2%

As três editorias que são os carros-chefe do jornal e que, inclusive, ocupam as primeiras páginas do periódico - Reportagem especial, Cidades e Polícia – são as que concentraram a maioria das matérias. O fato de estarem localizadas no início do jornal garante melhores chances de leitura de seu conteúdo. De certa forma, é feita, a partir da capa, uma hierarquização de assuntos que, por sua relevância jornalística, ocupam as primeiras páginas do jornal. Além disso, garante bastante visibilidade ao assunto.

A novidade nesse ano é o novo enfoque que a editoria de Polícia deu a Ponte. Em 2009, ela apareceu essencialmente no discurso como referência de lugar na cidade em apenas quatro publicações. No entanto, em 2014, há uma tentativa de fazer da ponte “um lugar perigoso”, com o dobro de publicações sobre o objeto.

Na matéria “Ruas onde ladrões mais atacam”, publicada no dia 22 de abril, é mencionado pelo presidente da Associação de Moradores de Jardim da Penha, Felipe Ribeiro, diz que há moradores de rua e usuários de drogas embaixo da ponte (Fotografia 51). Apesar desse lugar não ser uma rua, para justificar o tema da matéria, ele é colocado como um lugar de perigo.

Ele inclusive aparece na foto de abertura da matéria, aberta em cinco colunas e que ocupa metade da página, em uma foto ao lado da Passarela da Passagem, ao invés da Ponte da Passagem. Mesmo assim, de maneira equivocada, a legenda faz a referência à Ponte.

Fotografia 51 – Matéria sobre violência na Ponte da Passagem

2 ATRIBUNA VITÓRIA, ES, TERÇA-FEIRA, 22 DE ABRIL DE 2014

## Reportagem Especial

INSEGURANÇA NA GRANDE VITÓRIA

# Ruas onde ladrões mais atacam

**Policiais e moradores apontam 40 locais onde bandidos aproveitam falta de iluminação e de policiamento para render e roubar vítimas**

**Michelli Possmozer**

Iluminação pública inadequada, carência de policiamento e até falta de poda em árvores são alguns dos motivos que tornam perigoso circular em 40 ruas e avenidas da Grande Vitória.

O levantamento foi realizado pela reportagem de **A Tribuna**, junto a lideranças comunitárias e policiais civis e militares que apontaram os locais com maiores índices de assaltos atualmente.

Um policial militar – que pediu para não ser identificado e atua em Vila Velha – explicou que o crime migra de uma rua para outra a cada período, geralmente quando o policiamento é intensificado naquele local de maior ocorrência.

Um investigador da Polícia Civil – que prefere ficar no anonimato – informou que a região de atuação do criminoso varia dependendo do município.

“Em Vila Velha, a gente observa que os assaltos ocorrem mais na orla ou próximo dela. Acredito que pela extensão da praia e porque o policiamento é menor”, salientou.

Já em Vitória, o investigador afirmou que os assaltos ocorrem dentro dos bairros. É o caso de Jardim da Penha que, segundo o coordenador-geral da Associação de Moradores do bairro, Felipe Ribeiro, concentra o ponto mais crítico na rua Saturnino Rangel Mauro, a Rua do Canal.

“Há muitos usuários de drogas, tráfico, e debaixo da Ponte da Passagem virou esconderijo para criminosos. É a região mais perigosa de Jardim da Penha.”

Já em Campo Grande, Cariacica, ladrões se aproveitam do movimento para roubar, segundo o presidente da Associação de Moradores, José Augusto Cremasco.

“O assalto aqui é durante o dia mesmo e a pessoa perde celular, documentos, dinheiro e até o veículo. Principalmente na avenida Expedito Garcia, onde os bandidos aproveitam o movimento intenso de pessoas para assaltar.”

**FELIPE RIBEIRO**, da Associação de Moradores de Jardim da Penha, em Vitória: “Há muitos usuários de drogas, tráfico, e debaixo da Ponte da Passagem virou esconderijo para criminosos”

**AS RUAS COM MAIS ASSALTOS NA GRANDE VITÓRIA**

Fonte: A Tribuna (22/04/2014)

Na reportagem, não há imagem, mas é feita menção do lugar “embaixo da ponte”.

Outro exemplo dessa tentativa de “depreciar” o espaço da ponte ao focar o lugar como “violento e/ou de crimes” está na reportagem “Delegado vai pedir prisão de baderneiros”, publicada no dia 2 de abril (Fotografia 52). Ela fala sobre o protesto de 2014 na cidade, cuja pauta era variada, com o tema do Passe Livre, da realização da Copa do Mundo no Brasil, entre outros.

Apesar de não haver qualquer menção textual da ponte em toda a reportagem, a imagem utilizada na abertura da matéria também em meia página e em cinco colunas, é da ponte tomada por manifestantes com seus cartazes e faixas. O título, que vem dentro da foto, dá a entender de que quem protesta é um “baderneiro”. Nesse caso, eles estão na ponte, que passa a ser, por associação, o lugar da “baderna”. Parece uma sutil ligação, mas faz uma depreciação do espaço, onde os manifestantes aparecem.

Fotografia 52 – Foto e legenda sobre os protestos de 2014



Fonte: A Tribuna (02/04/2014)

Na Fotografia 52, observa-se o primeiro manifestante no canto direito da imagem que veste blusa de manga vermelha, está com um capuz preto, que encobre sua face, além de uma bandana vermelha no rosto. Em suas mãos, uma bandeira vermelha. O vermelho é a cor do fogo e sangue. Por isso, é associada à energia, guerra, perigo e paixão.

Ao lado dele, um outro jovem com uma bandeira vermelha esconde o rosto. Muitos outros manifestantes vestem preto, cor sempre associada a vestimenta de criminosos para não chamarem a atenção à noite, na prática de crimes.

Essa associação da ponte a lugar de crimes ou de baderna revela o regime de interação da manipulação da Rede. A Tribuna, o sujeito manipulador, age para que o leitor, o sujeito manipulado, acredite que o espaço é violento. Isso nos faz indagar sobre os motivos que levaram à ação. De fato, a ponte não foi um elemento muito explorado midiaticamente pelo jornal em 2009. Em 2014, se não houvesse publicações com temas ligados à exposição sobre os projetos futuros de reurbanização, a ponte não teria tanta visibilidade. A ideia de construir um espaço violento cria um novo papel discursivo para ponte, uma nova forma de enfoque dentro do perfil que vende notícia no jornal.

### **a) Imagens**

Mesmo assim, a estratégia de publicar em 2014, período em que não houve grandes fatos em relação ao objeto, muitas imagens fizeram com que a ponte tivesse sua presença no discurso reforçada. No total, incluindo fotos, infográficos e desenhos, foram 16. É a maior quantidade de imagens publicada entre os jornais, se compararmos com A Gazeta, no mesmo ano, que publicou apenas oito imagens.

A maioria das fotos foi publicada nas reportagens, o que potencializa o destaque ao assunto. Apesar da redução na quantidade de publicações cinco anos depois da inauguração, constata-se a presença constante da Ponte no discurso de A Tribuna nesse período.

A Ponte até apareceu, em imagens, de maneira sutil em narrativas, que não possuem ligação com o objeto. Outro exemplo está na publicação “Trânsito em Vitória”, feita na sessão Cartas, do dia 3 de setembro. Nela, o leitor João Luiz Tovar reclama do trânsito na Grande Vitória. Ele não cita a Ponte da Passagem. No entanto, para ilustrar a nota, é publicada uma foto do objeto com os veículos parados, como que em um engarrafamento (Fotografia 53). É uma foto de arquivo – tirada em fevereiro do mesmo ano pelo fotógrafo Leone Iglesias – que foi escolhida pelo editor para ilustrar o congestionamento.

## Fotografia 53 – Nota na Coluna do Leitor sobre engarrafamento

### Trânsito em Vitória

O trânsito em Vitória está cada dia mais caótico; a qualquer hora e não somente nos horários de pico. Os moradores dos municípios vizinhos que, junto com os de Vitória, formam a Grande Vitória, estão abarrotando o trânsito nos acessos existentes à Vitória, uma ilha que já esgotou a sua capacidade de construção de rodovias.



**TRÂNSITO** na Ponte da Passagem

Moradores de Vila Velha, Cariacica e Serra, municípios em crescimento e desenvolvimento imobiliário, tem a necessidade de se deslocarem com frequência para a ilha, congestionando os acessos existentes e consequentemente toda a cidade de Vitória.

Não foi onde vieram parar as medidas urgentes não foram tomadas com a realização de novas ligações da ilha com esses municípios, para desafogar o trânsito caótico, hoje concentrado na Terceira Ponte, Congruência Ponte, Avenida Norte Sul e BR-101-Aeroporto, únicas vias existentes de acesso à capital.

Além disso há necessidade de melhorias nas ligações atuais e em seus acessos. O governo vem anunciando uma série de novas obras e melhorias geradas na malha metropolitana da Grande Vitória; espera-se que essas obras e melhorias tenham efetivamente do papel e se tornem realidade.

João Luiz Tovar  
Praia do Canto – Vitória

Fonte: A Tribuna (03/10/2014)

Isso leva à indagação sobre o motivo da escolha: por quê publicar a imagem da Ponte da Passagem engarrafada entre tantas outras opções de cena da cidade, talvez até mais tradicionais, como a da Terceira Ponte e avenida Nossa Senhora da Penha?

Acredito que a publicação da imagem desse objeto de pesquisa visa, justamente, ao impressionamento do leitor, uma vez que não é um lugar onde se registrem congestionamentos habituais, causando assim, a partir das informações do texto, a impressão ao leitor de que todos os espaços da cidade em que antes tinham fluidez na passagem encontram-se esse comprometimento em mobilidade. É uma estratégia de manipulação do enunciador A Tribuna para criar essa “percepção”.

## **b) Atores no discurso**

Quem mais falou da Ponte da Passagem neste ano de pesquisa foi a população, representada por moradores, profissionais liberais, representante da Associação de Moradores de Jardim da Penha, Felipe Ribeiro, e algumas vítimas de violência com oito presenças em matérias de A Tribuna.

Entre as autoridades que mais apareceram no discurso estão as da Prefeitura de Vitória, mantendo a mesma tendência pesquisada nesse jornal em 2009 e em A Gazeta nos anos de 2009 e 2014. Entre eles, estão o prefeito Luciano Rezende, com três citações da ponte, a secretária de Desenvolvimento da Cidade, Sandra Monarcha – também com três menções -, o vice-prefeito Waguinho Ito ( uma menção) e o agente de trânsito da Guarda Municipal, Leonardo Rodrigues (uma menção). No total, há oito citações de representantes do poder público municipal.

Uma das novidades e supresas é que representantes da Polícia aparecem no discurso de A Tribuna como estratégia para referenciar o lugar de “crime”. Ao contrário, em 2009, o mesmo jornal não teve qualquer ator e/ou fonte desse segmento. Da mesma forma, A Gazeta em nenhum dos anos pesquisados apresentou matérias ou fontes que atestassem o espaço violento.

Houve sete menções por integrantes das Polícias Civil e Militar. Os atores foram “investigadores da Divisão de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP)”, a delegada Adriana Zottich & Zottich, a Polícia Militar (PM), o secretário de Estado de Segurança Pública, André Garcia e o tenente-coronel Laércio Oliveira, que, curiosamente, apareceu três vezes no discurso falando de ações da PM para inibir crimes. Nessas três matérias, além das menções textuais da ponte, foram publicadas a mesma foto do tenente-coronel à frente da Ponte da Passagem.

A primeira publicação rendeu a manchete do jornal, ou seja, a principal notícia que ganha letras garrafais na capa, "Guardas de Vila Velha vão às ruas com pistolas e armas de choque", no dia 27 de agosto (Fotografia 54). Nas duas páginas no qual o assunto é abordado, uma delas tem como foto de abertura no topo da página essa imagem, que ocupa quatro colunas e quase um terço do espaço da página. O tenente está de farda, sério, com os braços cruzados atrás do corpo, encarando o leitor, em primeiro plano.

Foto 54 – Matéria sobre utilização de armas pela Guarda de Vila Velha

**Reportagem Especial**  
COMBATE AO CRIME

# Guarda com pistola e arma de choque

Setenta e sete guardas de Vila Velha iram nos próximos dias patrulhamento armados para prender bandidos nos bairros



**De Onofre**  
Fotografia Especial

Setenta e sete guardas armados com pistolas vão patrulhar os bairros de Vila Velha nos próximos dias para prender bandidos nos bairros. O tenente está de farda, sério, com os braços cruzados atrás do corpo, encarando o leitor, em primeiro plano.

**COMBATE AO CRIME**

Setenta e sete guardas armados com pistolas vão patrulhar os bairros de Vila Velha nos próximos dias para prender bandidos nos bairros. O tenente está de farda, sério, com os braços cruzados atrás do corpo, encarando o leitor, em primeiro plano.

**COMBATE AO CRIME**

Setenta e sete guardas armados com pistolas vão patrulhar os bairros de Vila Velha nos próximos dias para prender bandidos nos bairros. O tenente está de farda, sério, com os braços cruzados atrás do corpo, encarando o leitor, em primeiro plano.

**Reportagem Especial**

## Agentes vão complementar a PM, avalia especialista

"A Guarda Municipal pode complementar a Polícia Militar em algumas situações, mas não substitui a PM", avalia o especialista em segurança pública, o tenente Carlos Roberto de Souza, chefe de gabinete da Prefeitura Municipal de Vila Velha.



**COMBATE AO CRIME**

# Cerco contra assaltos até 21h

Para combater assaltos e roubar criminosos, a Polícia Militar será fortalecida com agentes armados com pistolas e armas de choque. O cerco contra assaltos será realizado até as 21h.

**COMO FUNCIONA O CERCO URBANO**

Abordagens em até 14 locais

**COMBATE AO CRIME**

Setenta e sete guardas armados com pistolas vão patrulhar os bairros de Vila Velha nos próximos dias para prender bandidos nos bairros. O tenente está de farda, sério, com os braços cruzados atrás do corpo, encarando o leitor, em primeiro plano.

## Em Vitória, 342 bandidos presos neste ano

Com 200 agentes da Guarda Municipal de Vitória, a Prefeitura Municipal de Vitória anunciou que a cidade terá um cerco urbano para prender bandidos nos bairros.

**OS NÚMEROS**

235 guardas presos até em Vitória

342 bandidos presos até em Vitória

98 e 380 são os números de bandidos presos até em Vitória

## MORADORES PERGUNTAM À PM

Por que o cerco urbano não é realizado em todos os bairros? Os moradores de Vila Velha estão se perguntando por que o cerco urbano não é realizado em todos os bairros.

**COMBATE AO CRIME**

Setenta e sete guardas armados com pistolas vão patrulhar os bairros de Vila Velha nos próximos dias para prender bandidos nos bairros. O tenente está de farda, sério, com os braços cruzados atrás do corpo, encarando o leitor, em primeiro plano.

Fonte: A Tribuna (27/08/2014)

Fotografia 55 – Foto do tenente-coronel Laécio Oliveira



Fonte: A Tribuna (27/08/2014)

Como cenário, em segundo plano, está a bifurcação na descida da Ponte da Passagem, sentido Ufes-Centro de Vitória, com os carros em movimento. A Ponte da Passagem se faz presente com seus pilones e cabos que marcam seu layout, também centralizados na imagem. O tenente está localizado na faixa zebra pintada no asfalto que marca essa bifurcação.

O leitor, ao apreender a mensagem dessa imagem, primeiro segue o olhar para o tenente. À esquerda do seu rosto, está a Ponte da Passagem. Ela é o elemento vertical de destaque na foto, juntamente com o tenente em pé. Em seguida, é convidado pelo posicionamento da faixa zebra e sua sequência, que forma setas, a chegar novamente à base da Ponte da Passagem, que volta a chamar a atenção e redirecionar o olhar pelos pilones.

Fotografia 56 – Marcações dos elementos na imagem



Fonte: A Tribuna

Dessa forma, a Ponte da Passagem é valorizada nesse discurso. O enquadramento da imagem revela a intencionalidade do fotógrafo de A Tribuna no posicionamento do policial e na construção do cenário, que evidencia esse objeto.

Nessa publicação, além da foto, a ponte aparece no discurso do policial ao mencionar que há cercos contra assaltos até 21h na Grande Vitória. O tenente coronel cita, para exemplificar o funcionamento desse procedimento, uma prisão feita na Ponte da Passagem.

No dia 15 de setembro, a mesma foto é publicada na matéria especial “Erros que facilitam ataques de ladrões”, desta vez, ocupando pouco espaço – uma coluna e meia -, no “pé” da página, parte menos valorizada por estar no canto esquerdo, último a ser visualizado pelo leitor (Fotografia 56).

# Fotografia 57 – Reinteração da foto do tenente-coronel em setembro

**Reportagem Especial**  
CRIMES NAS RUAS

## Erros facilitam ataques de ladrões

**A Tribuna listou, junto a especialistas, os 12 vícios mais comuns que são cotidianos por pedestres e moradores em casa**

**DESLIZES NAS RUAS E EM CASA**

**1 Exibir o celular ao andar na rua**  
**DICA** Exibir o celular sempre elevando o braço ou cobrindo-o com a mão para não ser visto por terceiros.

**2 Conversar na frente de casa**  
**DICA** O celular não deve ser usado em locais onde haja circulação de pessoas, como em frente de casa, para não ser visto por terceiros.

**3 Parar o veículo e atender o celular**  
**DICA** Não parar o veículo em locais onde haja circulação de pessoas, como em frente de casa, para não ser visto por terceiros.

**4 Ficar ao celular na janela**  
**DICA** Não ficar ao celular na janela, pois pode ser visto por terceiros.

**5 Ficar ao celular no carro**  
**DICA** Não ficar ao celular no carro, pois pode ser visto por terceiros.

**6 Ficar ao celular no trabalho**  
**DICA** Não ficar ao celular no trabalho, pois pode ser visto por terceiros.

**7 Ficar ao celular no restaurante**  
**DICA** Não ficar ao celular no restaurante, pois pode ser visto por terceiros.

**8 Ficar ao celular no shopping**  
**DICA** Não ficar ao celular no shopping, pois pode ser visto por terceiros.

**9 Ficar ao celular no cinema**  
**DICA** Não ficar ao celular no cinema, pois pode ser visto por terceiros.

**10 Ficar ao celular no teatro**  
**DICA** Não ficar ao celular no teatro, pois pode ser visto por terceiros.

**11 Ficar ao celular no museu**  
**DICA** Não ficar ao celular no museu, pois pode ser visto por terceiros.

**12 Ficar ao celular no parque**  
**DICA** Não ficar ao celular no parque, pois pode ser visto por terceiros.

**Reportagem Especial**  
CRIMES NAS RUAS

## “Não dou esse vacilo mais”

**A reportagem e o conteúdo da foto são os mesmos, mas a legenda é diferente. O texto original diz: “Tenente-coronel em setembro”, enquanto a nova versão diz: “Tenente-coronel em setembro”.**

**CRIMES NAS RUAS**

**77** No último domingo, um jovem de 17 anos foi assaltado em uma rua movimentada de Curitiba. O jovem estava andando de bicicleta e foi abordado por dois indivíduos que lhe roubaram o celular e o dinheiro que estava no bolso. O jovem não se intimidou e conseguiu escapar sem maiores danos.

**78** Um jovem de 22 anos foi assaltado em uma rua movimentada de Curitiba. O jovem estava andando de bicicleta e foi abordado por dois indivíduos que lhe roubaram o celular e o dinheiro que estava no bolso. O jovem não se intimidou e conseguiu escapar sem maiores danos.

**79** Um jovem de 25 anos foi assaltado em uma rua movimentada de Curitiba. O jovem estava andando de bicicleta e foi abordado por dois indivíduos que lhe roubaram o celular e o dinheiro que estava no bolso. O jovem não se intimidou e conseguiu escapar sem maiores danos.

**80** Um jovem de 28 anos foi assaltado em uma rua movimentada de Curitiba. O jovem estava andando de bicicleta e foi abordado por dois indivíduos que lhe roubaram o celular e o dinheiro que estava no bolso. O jovem não se intimidou e conseguiu escapar sem maiores danos.

**81** Um jovem de 30 anos foi assaltado em uma rua movimentada de Curitiba. O jovem estava andando de bicicleta e foi abordado por dois indivíduos que lhe roubaram o celular e o dinheiro que estava no bolso. O jovem não se intimidou e conseguiu escapar sem maiores danos.

**82** Um jovem de 32 anos foi assaltado em uma rua movimentada de Curitiba. O jovem estava andando de bicicleta e foi abordado por dois indivíduos que lhe roubaram o celular e o dinheiro que estava no bolso. O jovem não se intimidou e conseguiu escapar sem maiores danos.

**83** Um jovem de 34 anos foi assaltado em uma rua movimentada de Curitiba. O jovem estava andando de bicicleta e foi abordado por dois indivíduos que lhe roubaram o celular e o dinheiro que estava no bolso. O jovem não se intimidou e conseguiu escapar sem maiores danos.

**84** Um jovem de 36 anos foi assaltado em uma rua movimentada de Curitiba. O jovem estava andando de bicicleta e foi abordado por dois indivíduos que lhe roubaram o celular e o dinheiro que estava no bolso. O jovem não se intimidou e conseguiu escapar sem maiores danos.

**85** Um jovem de 38 anos foi assaltado em uma rua movimentada de Curitiba. O jovem estava andando de bicicleta e foi abordado por dois indivíduos que lhe roubaram o celular e o dinheiro que estava no bolso. O jovem não se intimidou e conseguiu escapar sem maiores danos.

**86** Um jovem de 40 anos foi assaltado em uma rua movimentada de Curitiba. O jovem estava andando de bicicleta e foi abordado por dois indivíduos que lhe roubaram o celular e o dinheiro que estava no bolso. O jovem não se intimidou e conseguiu escapar sem maiores danos.

**87** Um jovem de 42 anos foi assaltado em uma rua movimentada de Curitiba. O jovem estava andando de bicicleta e foi abordado por dois indivíduos que lhe roubaram o celular e o dinheiro que estava no bolso. O jovem não se intimidou e conseguiu escapar sem maiores danos.

**88** Um jovem de 44 anos foi assaltado em uma rua movimentada de Curitiba. O jovem estava andando de bicicleta e foi abordado por dois indivíduos que lhe roubaram o celular e o dinheiro que estava no bolso. O jovem não se intimidou e conseguiu escapar sem maiores danos.

**89** Um jovem de 46 anos foi assaltado em uma rua movimentada de Curitiba. O jovem estava andando de bicicleta e foi abordado por dois indivíduos que lhe roubaram o celular e o dinheiro que estava no bolso. O jovem não se intimidou e conseguiu escapar sem maiores danos.

**90** Um jovem de 48 anos foi assaltado em uma rua movimentada de Curitiba. O jovem estava andando de bicicleta e foi abordado por dois indivíduos que lhe roubaram o celular e o dinheiro que estava no bolso. O jovem não se intimidou e conseguiu escapar sem maiores danos.

**91** Um jovem de 50 anos foi assaltado em uma rua movimentada de Curitiba. O jovem estava andando de bicicleta e foi abordado por dois indivíduos que lhe roubaram o celular e o dinheiro que estava no bolso. O jovem não se intimidou e conseguiu escapar sem maiores danos.

**92** Um jovem de 52 anos foi assaltado em uma rua movimentada de Curitiba. O jovem estava andando de bicicleta e foi abordado por dois indivíduos que lhe roubaram o celular e o dinheiro que estava no bolso. O jovem não se intimidou e conseguiu escapar sem maiores danos.

**93** Um jovem de 54 anos foi assaltado em uma rua movimentada de Curitiba. O jovem estava andando de bicicleta e foi abordado por dois indivíduos que lhe roubaram o celular e o dinheiro que estava no bolso. O jovem não se intimidou e conseguiu escapar sem maiores danos.

**94** Um jovem de 56 anos foi assaltado em uma rua movimentada de Curitiba. O jovem estava andando de bicicleta e foi abordado por dois indivíduos que lhe roubaram o celular e o dinheiro que estava no bolso. O jovem não se intimidou e conseguiu escapar sem maiores danos.

**95** Um jovem de 58 anos foi assaltado em uma rua movimentada de Curitiba. O jovem estava andando de bicicleta e foi abordado por dois indivíduos que lhe roubaram o celular e o dinheiro que estava no bolso. O jovem não se intimidou e conseguiu escapar sem maiores danos.

**96** Um jovem de 60 anos foi assaltado em uma rua movimentada de Curitiba. O jovem estava andando de bicicleta e foi abordado por dois indivíduos que lhe roubaram o celular e o dinheiro que estava no bolso. O jovem não se intimidou e conseguiu escapar sem maiores danos.

**97** Um jovem de 62 anos foi assaltado em uma rua movimentada de Curitiba. O jovem estava andando de bicicleta e foi abordado por dois indivíduos que lhe roubaram o celular e o dinheiro que estava no bolso. O jovem não se intimidou e conseguiu escapar sem maiores danos.

**98** Um jovem de 64 anos foi assaltado em uma rua movimentada de Curitiba. O jovem estava andando de bicicleta e foi abordado por dois indivíduos que lhe roubaram o celular e o dinheiro que estava no bolso. O jovem não se intimidou e conseguiu escapar sem maiores danos.

**99** Um jovem de 66 anos foi assaltado em uma rua movimentada de Curitiba. O jovem estava andando de bicicleta e foi abordado por dois indivíduos que lhe roubaram o celular e o dinheiro que estava no bolso. O jovem não se intimidou e conseguiu escapar sem maiores danos.

**100** Um jovem de 68 anos foi assaltado em uma rua movimentada de Curitiba. O jovem estava andando de bicicleta e foi abordado por dois indivíduos que lhe roubaram o celular e o dinheiro que estava no bolso. O jovem não se intimidou e conseguiu escapar sem maiores danos.

Fonte: A Tribuna (15/10/2014)

No texto, o tenente-coronel fala das abordagens policiais como estratégia para evitar assaltos. A legenda da foto reinter o discurso do tenente, repetindo o número de abordagens realizadas na Grande Vitória.

É possível inferir que essa foto, feita em 27 de agosto do mesmo ano, foi publicada para ilustrar a matéria em função da presença da autoridade policial no discurso sobre assunto diverso. No entanto, a ponte, por estar presente de maneira valorizada na imagem, é “inserida” nessa narrativa, sem qualquer ligação para o tema. A ponte acaba tendo a sua imagem associada como lugar de violência, inclusive pela presença da polícia. Afinal, ela está, ou deveria estar, aonde há registro de crimes.

No dia 7 de novembro, a mesma imagem volta a ser publicada com destaque, ocupando três colunas, no topo do lado direito da página. Desta vez na reportagem “Policial baleado em assalto na 101”, sobre um soldado que levou um tiro após ser



### 3 DISCURSIVIDADES DOS MORADORES

Greimas (1976) afirma que o espaço, enquanto forma, é uma construção que, para significar, escolhe algumas propriedades dos objetos “reais”, produto de várias gramáticas. A linguagem espacial aparece como uma linguagem pelo qual a sociedade significa-se a si mesmo.

Nesse sentido, esta pesquisa se propôs a identificar não só como é construído midiaticamente o lugar Ponte da Passagem no espaço da cidade, mas também em identificar se as narrativas urbanas midiáticas, abordadas no capítulo anterior, foram assimiladas pelos moradores da cidade, influenciando sua forma de apreensão em relação à ponte.

Para isso, foram entrevistados 52 moradores e usuários do espaço no qual a ponte está inserida, de 18 a 25 de março de 2016. A apuração foi feita nas cabeceiras da ponte, nos bairros de Andorinhas e Jardim da Penha, para abordagem de pedestres, e de motoristas nos postos de gasolina Presidente, em frente à Ufes, em Jardim da Penha, e Padre Eustáquio, na Avenida Nossa Senhora da Penha, em Andorinhas, próximo à descida da Ponte da Passagem. A abordagem aconteceu em horário comercial, em dias úteis.

O questionário foi construído com informações para identificação e perfil desse leitor, como nome, idade, profissão, bairro, frequência de leitura do jornal e de utilização da ponte. Ele continha oito perguntas pré-definidas a partir das “verdades” criadas nos discursos de A Gazeta e A Tribuna, para verificar o nível de concordância dos leitores em relação a elas (Apêndice A).

Ele foi elaborado tendo como metodologia a Escala Likert, muito usada em pesquisas de opinião. É uma escala psicométrica que pretende registrar o nível de concordância ou discordância com uma declaração dada. É importante ressaltar que não é possível mensurar o nível de influência da mídia diretamente na posição das pessoas em relação às abordagens da ponte. Por isso, esta pesquisa quantitativa se propôs a medir o nível de concordância e aceitação dos leitores com os discursos do jornal.

Essa modalidade de levantamento de dados pela Escala Likert é de fácil operacionalização e de sistematização de resultados obtidos. A pontuação final da escala pode ser a soma de todas as pontuações de cada resposta do questionário. O valor atribuído a cada posição é determinado pelo próprio investigador.

As questões avaliadas foram as afirmações “A Ponte da Passagem é um lugar de destaque”, “A Ponte da Passagem é um objeto grandioso”, “A Ponte da Passagem é uma referência de localização geográfica em Vitória”, “A Ponte da Passagem é um cartão postal”, “A Ponte da Passagem é um símbolo de Vitória”, “A Ponte da Passagem é um lugar de violência”, “A Ponte da Passagem já foi conhecida por outro nome” e “Os jornais publicam muitas notícias sobre a Ponte da Passagem”.

As duas últimas questões não estão relacionadas diretamente ao discurso dos jornais. O objetivo de avaliar a afirmação “A Ponte da Passagem já foi conhecida por outro nome” é verificar se o leitor assimilou a tentativa de mudança de nome da Ponte, proposta pelo jornal A Gazeta, que tentou destituir a nomenclatura tradicional do objeto.

Já a questão “Os jornais publicam muitas notícias sobre a Ponte da Passagem” foi feita para avaliar se os leitores perceberam a superexposição da ponte na mídia.

As respostas possíveis eram discordo totalmente (com 0 de pontuação), discordo (2 pontos), discordo parcialmente (4 pontos), concordo em partes (6 pontos), concordo (8 pontos) e totalmente de acordo (10 pontos).

As impressões dessa modalidade de captação de informações são muito positivas. Em linhas gerais, a maioria das pessoas abordadas colaborou com a pesquisa, sem apresentação de dificuldades. O clima foi muito amistoso. Elas se mostraram muito receptivas e curiosas sobre este estudo.

As poucas que se recusaram a participar desse questionário alegaram compromisso e, em virtude de estarem atrasadas ou com pressa, que não poderiam ajudar. Esse contato com público também foi muito importante para o esclarecimento de algumas questões diretamente com os leitores. O objetivo dessa abordagem, que tornou essa fase da pesquisa muito mais rica, foi identificar se as discursividades da mídia aparecem no discurso dos moradores e os modos de apreensão da ponte.

O perfil dos entrevistados foi bem variado, porque a escolha foi aleatória. A maioria deles são homens, sendo 35 do sexo masculino e 17 do sexo feminino. Das 52 pessoas, nove moram nos municípios da Serra, Vila Velha, Cariacica e Piúma. O restante reside na Capital, em vários bairros, como Santa Martha, Joana d'Arc, Santa Luiza, da Penha, Itararé, Andorinhas, Maria Ortiz, Santo Antônio, Goiabeiras, Jardim Camburi, Santa Helena e São Cristovão. Eles possuem idade variada, bem como escolaridade e profissão.

Os entrevistados com maior baixa escolaridade foram entrevistados, em sua maioria, na passarela. A percepção é de que muitos trabalhadores utilizam a passarela a pé ou por bicicleta para chegar ao trabalho, em Jardim da Penha. Os profissionais com nível superior deram entrevista nos postos de gasolina.

Exatamente 25 (48,0%) são leitores de A Tribuna, sete (13,4%) de A Gazeta, oito (15,3%) acompanham esses dois periódicos simultaneamente e doze (23,3%) se declararam não leitores de nenhum jornal. Eles também foram entrevistados com o mesmo questionário com a finalidade de comparação com o público-alvo desta pesquisa. A maioria – 37 – se intitula como usuário assíduo da ponte, contra 15 que a utilizam de vez em quando.

As respostas dos grupos de leitores foram analisadas isoladamente, até para manter a corência neste trabalho, uma vez que os discursos midiáticos também foram analisados da mesma forma.

O questionário também apresentou duas questões abertas: “O que acha da nova Ponte da Passagem?” e “Quais as diferenças entre a nova ponte e a antiga?” como objetivo de captar os discursos dos sujeitos sobre a ponte e crenças sobre o objeto de pesquisa. Inicialmente essas perguntas foram pensadas para captar as percepções pontuais e espontâneas sobre a ponte.

As respostas mais comuns em relação ao que os leitores achavam da nova ponte foram “boa”, “bonita”, “tem melhor estrutura”, “ótima” e “melhorou bastante”. Todas essas expressões revelam o olhar positivo dos entrevistados em relação ao equipamento, além de revelar os valores que atribuem a ele, como beleza, funcionalidade e mobilidade.

Quando questionados sobre a diferença entre a nova e a ponte antiga, a maioria das respostas sobre a nova ponte foram “melhorou bastante”, “tem mais espaço”, “é nova”, “melhorou o visual”, “bonita”, “segura”, “tem mais mobilidade” e “tem ciclovia”. Sobre a ponte antiga, as referências foram “velha”, “pequena”, “menor”, “ruim”, “pouca estrutura”, “pouco espaço”. Sete pessoas não souberam responder, pois alegaram não saber como era ou não se lembrar da ponte antiga.

Se refletirmos sobre as características mais lembradas dos dois equipamentos, observa-se algumas oposições utilizadas – melhorou vs piorou, nova vs velha, bonita vs feia, segura vs insegura, com espaço vs sem espaço – que valorizam a nova Ponte da Passagem, em detrimento da antiga ponte. Em linhas gerais, as pessoas se deram satisfeitas com o novo equipamento.

Apesar da ponte não ter uma passagem para bicicletas, a população entrevistada entendeu que foi um ganho ter um pouco mais de espaço que possibilitasse o trânsito de ciclistas, mesmo que compartilhado com os pedestres.

De maneira espontânea, cerca de 15 pedestres pontuaram reclamações sobre o contrapiso da Passarela, que não é regular. Apesar de não atrapalhar os ciclistas, eles disseram que parece que obra não foi bem acabada. O interessante é que, quando reclamavam, eles não citavam a passarela, mas a ponte com piso ruim. Na verdade, a ponte está finalizada com o piso asfáltico e não apresenta esse tipo de problema.

Eles tratavam a ponte como se a estivessem usando em seus deslocamentos. Na realidade usam a passarela. Essa confusão inicialmente gerou um incômodo no trabalho de campo. No entanto, depois percebi que, para os entrevistados, a passarela é como se fizesse parte da ponte, como se não fossem elementos isolados, separados, segregados. Eles carregam a imagem da ponte antiga, onde pedestres e ciclistas estavam unidos fisicamente na mesma passagem.

É importante lembrar que essa associação de ponte e passarela como um equipamento único apareceu também nos discursos de A Tribuna e de A Gazeta, quando apresentaram fotos da passarela e davam a informação de que se tratava da ponte.

### 3.1.1 A Gazeta

Dos sete leitores desse jornal, quatro não são assíduos em relação à frequência da leitura de A Gazeta. Um deles confirma que raramente lê o jornal. Dois apenas fazem a leitura diária ou quase diária. Apesar disso, observa-se um alto nível de concordância em relação às afirmações feitas ao longo do discurso do periódico, exceto para a que diz que “A Ponte da Passagem já foi conhecida por outro nome”.

Os leitores não apreenderam o nome da Ponte Governador Carlos Lindenberg. Ou seja, a tentativa de mudança de nome da Ponte da Passagem foi frustrada. Isso se repetiu aqui entre este e com os outros grupos. Todos os entrevistados, incluindo não leitores, discordaram que a ponte tivesse outra nomenclatura.

Eles também reconheceram que o periódico publica muitas notícias sobre a ponte. Seis deles concordaram com essa afirmação.

O nível de concordância foi altíssimo ao se avaliar a afirmação “A Ponte da Passagem é um lugar de destaque”. Seis leitores (85,7%), quase a maioria, concordou com a posição, contra apenas uma discordância (14,3%).

“A Ponte da Passagem é um objeto grandioso” também teve um bom nível de aceitação com a concordância por cinco deles. Um concordou parcialmente. Novamente foi registrada apenas uma discordância.

Em relação à ponte ser referência de lugar, a afirmativa é unânime entre todos os leitores. O reconhecimento da ponte como cartão postal aconteceu para 57,2%, ou seja, quatro leitores. Os outros três discordaram desse enquadramento. O mesmo índice foi mantido em relação ao enfoque da Ponte como símbolo da cidade.

O nível de aceitação dos leitores da Gazeta sobre a ponte como lugar de violência, abordado exclusivamente pelo Jornal A Tribuna em seu discurso, foi mediano. A maioria concordou em partes com a afirmação, considerando que a violência não acontece em cima, no lugar onde transitam, mas embaixo do equipamento. Houve um leitor que discordou totalmente dessa afirmação e outros dois que simplesmente discordaram.

### 3.1.2 A Tribuna

Como o número de leitores entrevistados desse jornal, no total 25, é mais expressivo de todos os grupos. Cerca de 56% deles afirmaram ler o jornal sempre e quase sempre. Além disso, 17, que corresponde ao universo de 68%, sempre usam a ponte. Na percepção de 60% dos entrevistados, o jornal publica muitas notícias sobre a Ponte da Passagem.

Em relação aos discursos apresentados por A Tribuna, o nível de concordância foi bem alto em relação às afirmações da ponte como lugar de destaque e como referência de localização geográfica, quase com pontuação máxima para a concordância. Em ambos os casos, apenas um leitor discordou desses posicionamentos criados pelo jornal.

Foi mediano o nível de concordância da ponte como objeto grandioso entre 88% dos entrevistados. Apenas oito leitores discordaram dessa afirmação. A tentativa do periódico em associar a Ponte como lugar de violência em 2014 foi frustrada. O nível de discordância foi alto em relação a esse tema com 16 leitores completamente contrários ao assunto.

O maior nível de discordância entre todas as questões é registrado na afirmação de que há outro nome para a Ponte. 21 leitores discordaram totalmente dessa questão e os outros quatro discordaram. Aqui é preciso pontuar que essa tentativa de mudança de nome da ponte foi feita pelo Jornal A Gazeta, sendo esperado esse resultado, pois não tiveram a exposição desse conteúdo.

A Ponte é mais bem aceita pelos leitores de A Tribuna como símbolo da cidade do que como cartão postal. O nível de concordância do primeiro foi bem maior do que o segundo. Ao todo, 17 pessoas acreditam que a ponte representa a cidade de Vitória como um ícone. Além delas, outras quatro estão totalmente de acordo com isso. O mesmo número de pessoas, 21, pensam que a ponte é um cartão postal, mas o nível de aceitação é menor do que o símbolo.

Isso se deve pelo fato de A Tribuna não ter enfatizado em seu discurso a abordagem de cartão postal. No entanto, a publicação maçante de fotos pode sim ter influenciado na ideia da associação do objeto como símbolo.

### 3.1.3 Dois jornais e não leitores

Os oito entrevistados que se identificaram como leitores simultâneos de A Gazeta e A Tribuna são usuários assíduos da ponte. Metade deles afirmou que lê todos os dias ou quase sempre esses jornais. Três se informam de vez em quando com a leitura dos mesmos. Apenas um disse que a frequência de leitura acontece raramente.

Não se confirmou a expectativa de que este grupo percebesse a expressiva exposição da ponte na mídia. Perguntados sobre a afirmação de que os jornais publicam muitas notícias sobre a ponte, o nível de discordância foi bem alto, tendo apenas um leitor que concordou com essa frase.

Como em todos os públicos analisados, 87,5% desses leitores discordaram totalmente que a Ponte tivesse outro nome ou denominação. Sobre as outras questões, eles tiveram bastante concordância com as afirmações dos jornais, seguindo, em linhas gerais, os mesmos resultados dos leitores dos outros grupos analisados.

Eles, por exemplo, reconheceram, sem qualquer discordância, de que a ponte é um lugar de destaque na cidade. Também é uma máxima que a Ponte da Passagem é uma referência de localização geográfica em Vitória. Todos também acreditam que o objeto é um cartão postal.

Houve um registro apenas de “discordância em partes” sobre a afirmação “A Ponte da Passagem é um símbolo de Vitória”. A maioria dos entrevistados concordou com essa “verdade”, com o nível de aceitação um pouco menor do que como “cartão postal”.

A polaridade mais equilibrada aconteceu entre as opiniões relativas ao fato da Ponte ser um objeto grandioso. Apesar de haver um empate – quatro concordaram e quatro discordaram -, o nível de aceitação, pela pontuação na escala, foi mediano. Somaram 34 pontos.

A ponte como lugar de violência, tema construído exclusivamente pelo Jornal A Tribuna, teve nível de aceitação baixo, com apenas uma concordância e quatro concordâncias parciais. 25% dos entrevistados discordaram dessa afirmação.

Quando analisamos os dados referentes ao público não leitor de nenhum dos jornais pesquisados, observamos alguns resultados óbvios, como a discordância total de que

a Ponte da Passagem tenha outro nome, pois, a princípio, não tiveram qualquer contato com esse tipo de informação.

Todos os entrevistados reconheceram que a ponte é uma referência de localização geográfica, apresentando um nível de aceitação alto sem qualquer opinião contrária. O mesmo aconteceu com a afirmação de objeto grandioso, ao contrário dos outros grupos, com apenas uma discordância em partes.

Para 75% deles, a ponte é um lugar de destaque na cidade. O nível de aceitação foi alto. Houve o registro de duas pessoas que discordaram totalmente dessa frase.

Ao contrário do resultado apresentado nos outros grupos, a afirmação de que a ponte é um cartão postal teve maior nível de concordância do que a ponte como símbolo da cidade para os não leitores. O número de pessoas que discordaram dessas afirmações girou na ordem de 33% dos entrevistados.

Uma surpresa aconteceu na análise dos dados sobre a ponte como lugar de violência, tema abordado pelo Jornal A Tribuna. A expectativa da pesquisa era de que o nível de discordância fosse maior neste caso, o que não ocorreu. A maioria – 7 - concordou com a afirmação, confirmando o alto índice de conformidade. Cinco apenas discordaram. Esse resultado foi similar aos dos leitores de A Gazeta, que também não tiveram acesso a esse conteúdo negativo de associação da ponte a lugar da prática de crimes. Provavelmente, essa posição dos não leitores acontece pela vivência diária na utilização do espaço.

Nesse sentido, é importante fazer algumas pontuações sobre a mensagem midiática e o resultado da pesquisa quantitativa. Os jornais, aqui considerados sujeitos da enunciação, dotados de competência da comunicação de massa com alcance estadual, usaram de uma argumentação persuasiva: poder-fazer, querer-fazer e saber-fazer para criar mensagens e imagens, a partir de suas intencionalidades postas nesta pesquisa, aos seus leitores.

Eles, por sua vez, em seu fazer interpretativo, recebem essa mensagem e as decifram, a partir das suas visões de mundo, da sua leitura e da vivência das práticas de vida nesse espaço. Greimas (1976) alerta que o destinatário da cidade não é um leitor ingênuo, uma tábua rasa sobre a qual se inscrevem o que se deseja. Ele

reage sobre a mensagem, no sentido de acolhimento total ou parcial, ou mesmo de rejeição. O processo de recepção é singular e dinâmico.

Nesse sentido, há de se respeitar que alguns discursos topológicos dos jornais sobre a Ponte da Passagem tenham tido mais entrância em determinados grupos do que em outros. Se um dos objetivos dessa pesquisa é chegar à produção de sentidos da ponte, não é possível ignorar que, além da mídia, os leitores também participam dessa construção de significados, interagindo nesse universo.

Oliveira (2009) aponta que o destinatário faz a captura da mensagem e (re)constrói o que lê, vê, fala, ouve, tateia, aspira, saboreia, sente corporalmente em movimentos, enfim, vive sua experiência sincrética que produz a significação.

A Ponte da Passagem é um novo sujeito “construído” para constituir a cidade de Vitória. Ela é um elo entre território e sociedade. A interação do usuário com a Ponte da Passagem é uma experiência vivida com a própria cidade de maneira direta. Nessa comunicação, os sujeitos – ponte e usuário - interagem na construção de discursos, sendo, de certa forma, participantes nesse processo.

Não cabe a este trabalho imergir nessa complexa relação de comunicação, mas apresentar como se configura a relação entre a ponte, a mídia e os moradores, a partir dos modos de presença da ponte e seus valores ideológicos nos discursos midiático e social.

#### 4 PONTE DA PASSAGEM: POR UMA LEITURA

Sobre o exercício de “ver a cidade”, que neste caso se presentifica como ver a ponte<sup>11</sup>, esta pesquisa se propõe também a fazer uma leitura semiótica desse objeto sincrético. A Ponte da Passagem apresenta uma linguagem visual, em função dos seus componentes impressivos e estéticos, que se fazem sentir pelos sujeitos. Para apreendê-la, são exploradas a sua forma, as cores, os materiais empregados, sua inserção no espaço, seus elementos plásticos, que provocam diferentes efeitos de sentido (REBOUÇAS, 2009).

Se, por outro lado, consideramos a ponte como um lugar dinâmico, por ser palco de relações sociais e movimentos presentes nas práticas de vida cidadina, faz-se necessário avançar na análise para além de um objeto planar e estático com suas dimensões cromáticas, edéticas, matéricas e topológicas. Isso só é possível a partir da reunião dessas partes com outros arranjos sistêmicos, propostos por Oliveira (2009), para chegar a uma totalidade significativa, tal como se apresenta o objeto sincrético.

A semiótica discursiva, em suas várias modalidades de aplicações, permite o acesso a significantes e significados presentes nos arranjos de linguagens e em manifestações/práticas sociais (COTRIM, 2013, p. 18). A partir da leitura dos elementos plásticos, como proposto por Luis Hjelmslev (1975), têm-se o plano de expressão, que manifesta outro plano, o do conteúdo. Neste, se comportam os elementos semânticos do objeto, que são articulados pelos elementos figurativos do plano de expressão.

A decupagem da Ponte acontecerá a partir de seus elementos mais simples para chegar aos mais complexos. Em relação aos formantes cromáticos, observa-se que a ponte apresenta cabos pintados de branco, pilones cinza, concreto em sua base em diversos tons de cinza, asfalto que também possui a mesma escala de cor.

---

<sup>11</sup> A proposta de leitura é exclusiva da Ponte, como apresentado na qualificação. Ela não foi incluída, considerando que este equipamento foi construído posteriormente.

O contraste dos cabos brancos e os pilones cinza sobressaem a visualidade dos cabos, sobretudo em dias de sol ou até mesmo nublados. O contraste se torna maior, quando acessas as luzes, que se apresentam em diversas cores temáticas, que os iluminam de baixo para cima, criando efeitos de linhas coloridas na água e no ar, marcando a visualidade do objeto e sua altura, por todos os ângulos de visualização do mesmo. Essa iluminação é essencialmente vertical. Em paralelo, as luzes dos faróis dos veículos marcam a horizontalidade dos tabuleiros à noite.

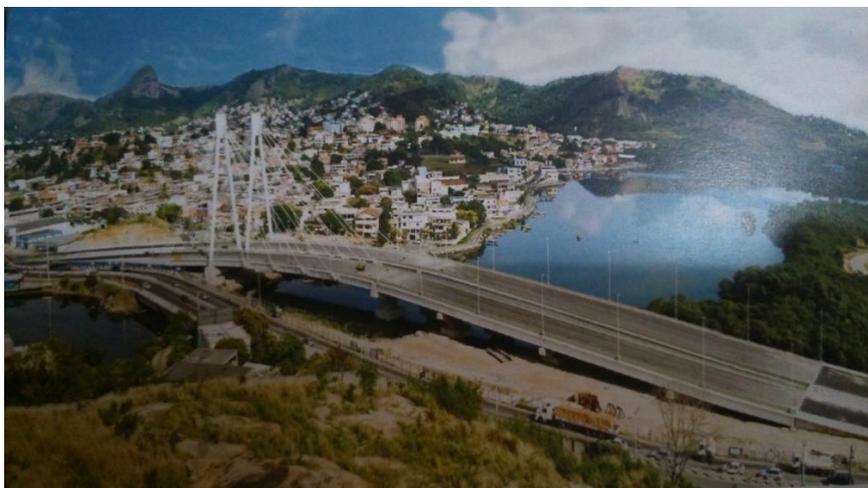
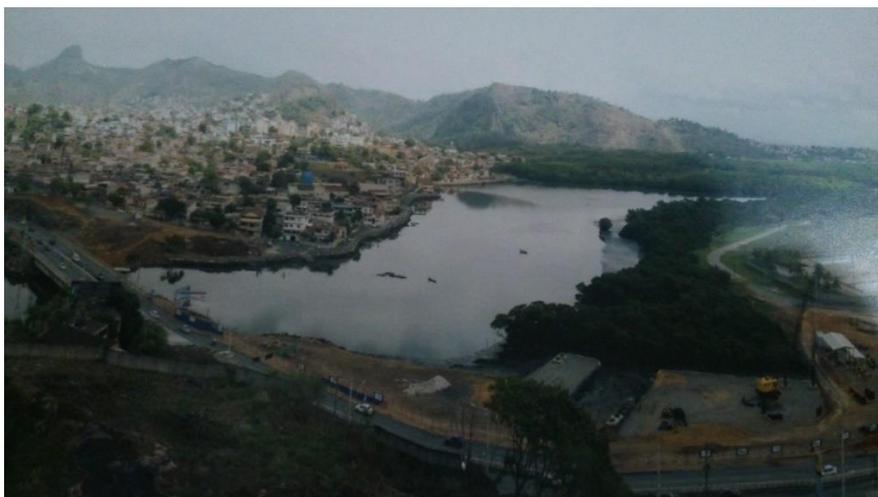
A iluminação na parte superior contrasta também com a escuridão da parte debaixo da ponte. Essa oposição por si só já nos remete ao que se quer ser visto e o que se deseja permanecer oculto, escondido, nesse jogo de percepções do que merece ser mostrado. Em um plano maior, a ponte é o maior objeto-luz do Canal da Passagem, junto com os objetos construídos da cidade, como as outras pontes, ruas, avenidas e edificações que constituem o sistema dos bairros, em uma apresentação de si de ostentação. Nesse contexto, as águas turvas e o mangue, como os espaços não iluminados, completam esse cenário do que se oferece para não ser visto, pertencente ao espaço do não querer ser visto, do querer se esconder.

Sobre essa paisagem construída na cidade, é importante pontuar que a Prefeitura de Vitória gastou R\$ 7,5 milhões em desapropriação de terrenos ao redor das cabeceiras para deixar o espaço livre para obra. Um posto de gasolina e outros imóveis, que incluíram residências e galpões comerciais, foram demolidos. Impossível também não ressaltar a valorização imobiliária que a ampliação da avenida Fernando Ferrari e implantação da Ponte da Passagem promoveu. A própria inauguração da nova ponte foi um estímulo à renovação urbana, o que tornou o local ainda mais atraente do ponto de vista do mercado. O equipamento também requalifica o bairro Andorinhas e Santa Luíza.

A desapropriação foi feita sobretudo com a retirada de imóveis de população de baixa renda, quase que “uma limpeza visual”. A impressão que se tem é de que os que ainda resistem, como as de uma quadra antes da ponte, do lado de Jardim da Penha, de que sua mudança é uma questão de tempo. Eles estão isolados e destoam em relação ao padrão das outras edificações do bairro. A tendência é de que sejam comprados por construtores para empreendimentos de “mesmo padrão” na região.

Para construir a nova Ponte da Passagem, parte do Morro da Passagem foi “cortado” para o encaixe dos dois tabuleiros e ligação da ponte com a avenida Nossa Senhora da Penha. Ao final dela, na cabeceira da ilha, há uma curva acentuada em declive.

Fotografia 59 e 60 – Traçado original da avenida Fernando Ferrari com a antiga Ponte e Implantação da nova ponte no Canal da Passagem



Fonte: Ribeiro (2009)

As Fotografias 59 e 60 mostram, a partir de um mesmo ponto, o morro na cabeceira de Jardim da Penha, a região em questão. É possível observar o traçado original da avenida Fernando Ferrari e a presença da antiga ponte. Na cabeceira do lado da ilha, do lado direito da ponte, próximo à Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), já é possível observar um espaço aberto e sem vegetação de mangue para a instalação

do canteiro de obras da nova ponte. Depois passou intereventos para a fundação e colocação dos tabuleiros.

Na primeira imagem, os elementos visuais que marcam a paisagem são os morros e a Pedra dos Dois Olhos. O bairro Andorinhas, que possui edificações baixas com imóveis que possuem até quatro pavimentos. A cena é marcada por uma certa horizontalidade na paisagem. A antiga ponte - com 50 metros de comprimento, 8,2 metros de largura e 3 metros de passeio - está no mesmo nível do território.

Na Fotografia 59, é nítido perceber a ocupação dessa nova Ponte, pelo seu tamanho e volume. A 1,7 tonelada de aço, os 8 mil metros cúbicos de concreto e suas pistas com 311 metros de comprimento por 24 metros de largura<sup>12</sup> saltam os olhos, se compararmos o porte das duas pontes. Um dos destaques da ponte é o gabarito náutico de 50 metros de largura por 8 metros de altura, que a projeta do chão.

Pela dimensão eidética, percebemos dois jogos de pilones de 55 metros de altura presos de cada lado dos tabuleiros, mas que não se cruzam, permanecendo paralelos até ao topo, aonde se encontram presos em uma caixa de ancoragem, com dois para-raios, que completam essa valorização verticalizada desses elementos. Também pela sua grande espessura se destacam pela oposição com os 32 cabos de aço, que parecem linhas tensionadas.

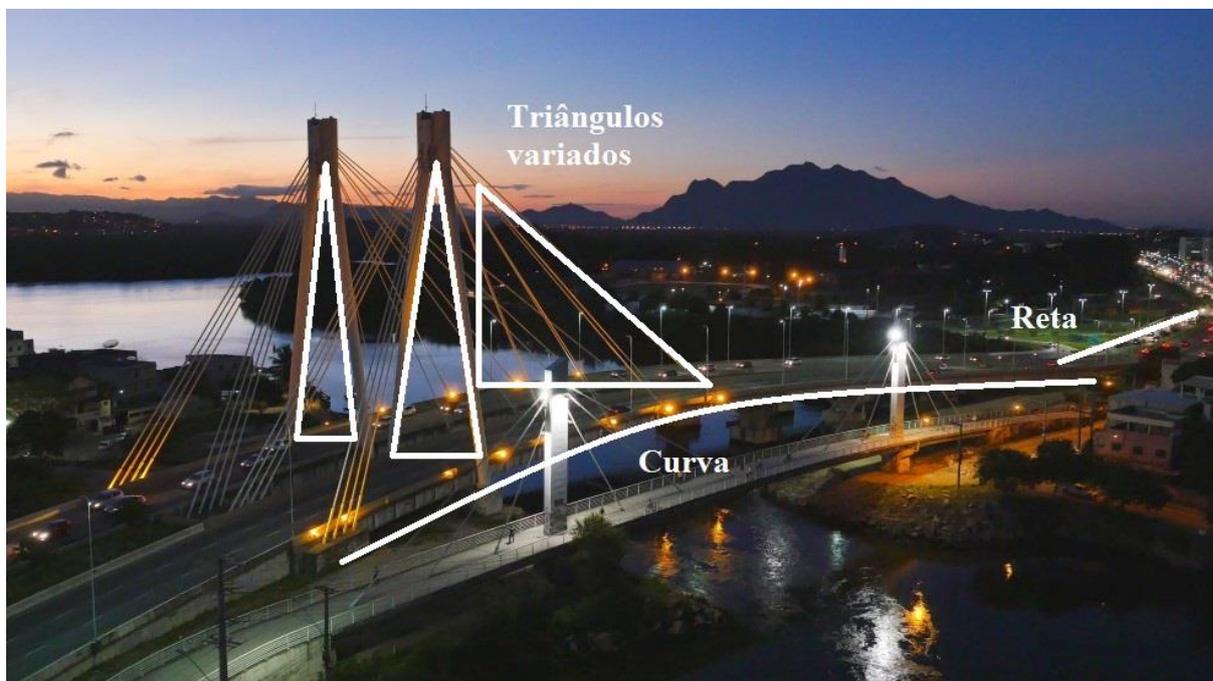
---

<sup>12</sup> Informações técnicas contidas em RIBEIRO, Valéria C.M., MERLO, Patrícia M.S., 2009.

Fotografia 61 – Verticalidade x horizontalidade



Fotografia 62– Formas e elementos elementares



Quando se analisam as formas, em um processo de decomposição de elementos básicos, observa-se que o sistema pilões e cabos compõem vários triângulos de

tamanhos e formas variadas. Eles marcam a visualidade da ponte com a sensação de simetria, ritmo e equilíbrio. Há a presença de retas e curvas.

Algo interessante acontece na disposição dos cabos, desenhada pelo engenheiro capixaba Karl Fritz Meyer. Do lado da ilha, do território considerado “velho”, tradicional da cidade, eles foram colocados em posição simétrica, saindo juntos do topo, mantendo a mesma distância ao longo do trajeto, e sendo presos na base, mantendo essa mesma distância. A impressão que se tem é de estão mais juntos e, por sua vez, mais tensionados. Dessa forma, é fácil identificar os dois grupos de oito cabos que prendem os lados esquerdo e direito dos dois tabuleiros de forma simétrica.

Os pilones estão presos na ilha. Essa proximidade dos cabos, disposição de linhas simétricas criam um efeito de sentido de tradição, previsibilidade e de tensão. Do outro lado dos pilones, do lado “novo” da cidade ocupada, os cabos foram colocados com espaçamentos variados entre eles, o que criou um cenário mais despojado, mais aberto, mais moderno, livre, dando mais leveza a essa sustentação.

Por outro lado, quando pensamos a disposição desses cabos, eles nos lembram um polvo e seus tentáculos sustentando uma base, na verdade, seus dois tabuleiros suspensos. No que tange ao equilíbrio de forças, os pilones se apóiam na cabeceira da ilha, o que confere um efeito de sentido de que a ilha sustenta o continente, o velho dá suporte ao novo, o que se desenvolveu posteriormente.

Os pilones são elementos visuais de grande projeção nesse cenário. A exploração da verticalidade tem a intenção de se fazer ver, de simbolizar. Ela é um equipamento que se tornou um ponto marcante na paisagem, como a Pedra dos Dois Olhos, por sua altura.

A passagem por esse equipamento oferece estesia. Afinal, condutor e passageiro precisam concentrar sua atenção dentro do campo visual do para-brisa e dos vidros laterais. Se estiver no sentido ilha-continente, a inclinação do tabuleiro da ponte eleva o olhar ao alto. Nesse momento, ele encontra os pilones, que por sua altura, também direcionam para o topo. Há o efeito dos cabos que parecem se movimentar lateralmente, em função de uma curva na ponte, quase que como em uma dança. Essa combinação pelo movimento são sempre diferentes, dependendo da

luminosidade do dia, da cor do céu, se há vento lateral, pelo barulho dos veículos e tantas outras variáveis possíveis nessa experiência estética.

Ainda pelo sentido ilha-continente, após a passagem dos cabos, o condutor extasiado por esse momento, inevitavelmente passa a perceber com maior clareza o que os cabos confundiam ou encobertavam momentaneamente. Neste momento, se redescobre a paisagem do entorno da ponte. A água passa a ser a linha de fuga do olhar, que se desvia para a via ou para as bordas, aonde é possível contemplar o mangue e o canal de Camburi, dependendo do sentido de direção.

Quem trafega no sentido continente-ilha experimenta outras sensações estéticas. Ao acessar a ponte, os condutores sobem uma grande inclinação, cujo ápice acontece em curva, momento em que se passa rapidamente pelos cabos espaçados. Essa subida sempre gera uma certa expectativa do que se alcançará ao final. O interessante que desse lado, a curva é bem acentuada, o que não permite ao motorista se concentrar em outras operações sensoriais. A curvatura também desvia o olhar do bairro Andorinhas direto para a Avenida Nossa Senhora da Penha. Coincidentemente, o foco da parte pobre e feia da cidade se perde. É a ponte em seu traçado e curvatura que direciona o que pode ser visto, e o que não se oferece ao olhar. A velocidade e a curvatura modalizam o olhar de quem passa por ali.

A dinâmica de subidas e de descidas na travessia do Canal da Passagem, que por sua configuração, facilitam a ventilação, o que causa a sensação de um espaço fresco. O cheiro da ponte é mistura o cheiro do mangue com a quase imperceptível fumaça dos carros. Já o som combina o barulho do vento que chega à janela com a aceleração dos automóveis e ônibus, monotonia quebrada eventualmente quando algum motorista passa com música alta e vidros abertos.

De fato, como se apresenta, a composição de formas superiores da ponte, tão marcante na estética do objeto, foi criada para de maneira significativa marcar esse espaço. A ponte é um equipamento criado para ser visto. Se pensamos que a parte mais importante em um objeto como esse se apresenta na horizontalidade, sentido em que permite o tráfego de pessoas, porque se investir tanto em uma ponte tão alta?

A grande estrutura superior da ponte, que marca o seu design, foi projetado e justificado por “elevantar” o status do equipamento, que foi a primeira ponte estaiada do

Estado. Implantada na Capital do Espírito Santo em ano eleitoral em um local estratégico, de passagem, para ser uma mídia da cidade. Discursivamente, a associação da ponte a um cartão postal da cidade, ou seja, de uma paisagem comercial urbana que referencia e simboliza Vitória, é uma estratégia para reforçar essa utilização.

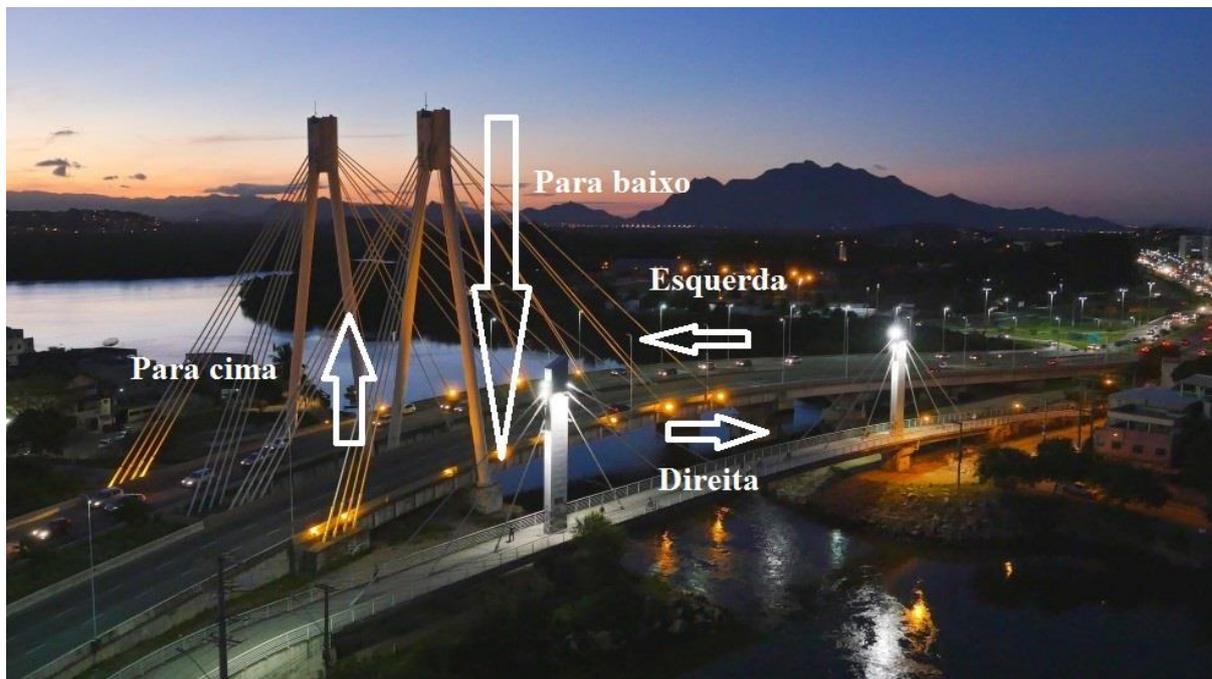
Outra característica que chama a atenção sobre o objeto é a utilização de dois tabuleiros, ao invés de um só. Na verdade, há duas pontes, uma para cada sentido de tráfego.

Quando se analisa o que está por baixo da ponte, observa-se cinco pilares, como descrito no livro *Uma nova Passagem* (2009). Ora, se ela foi projetada para se sustentar a partir da tensão de seus cabos, como se exige para um modelo estaiado, porque de fato o investimento nesse tipo de estrutura de contenção de peso? A Ponte, na verdade, como projetada não se sustenta, ou seja, o que se pode concluir é que sua grande estrutura superior é um pastiche arquitetônico, um elemento meramente estético, sem qualquer funcionalidade. A verdade, no que tange ao peso, está embaixo, quase oculta, escondida.

Isso revela a estratégia política dos destinadores públicos – Governo do Estado e Prefeitura de Vitória – de construir simbolicamente esse espaço de forma a criar uma singularidade para reverter em empoderamento com a midiaticização de suas ações.

Produtos símbolo de durabilidade, de resistência e de segurança integram os formantes matéricos da ponte, composta por cimento e aço. Na dimensão topológica, observa-se algumas oposições como alto vs baixo, centralidade (ponte) vs periférico (fronteiras) e, no caso das direções, esquerda vs direita.

Fotografia 63 – Dimensão topológica



Em relação à beleza e à feiura, a ponte é um elemento que somou à paisagem do lugar, integrando, como elemento de concreto, à estrutura da cidade em um ambiente de natureza, o canal. Da forma como está disposta, em curva, seus cabos e pilones encobrem a “parte feia” de Andorinhas, que hoje destoa da região cujo porte de “desenvolvimento” e de estrutura das edificações do entorno.

Em relação à funcionalidade, temos a mobilidade dos veículos e a imobilidade de pedestres e ciclistas na ponte. É um equipamento feito para promoção de deslocamentos, no entanto, apenas das pessoas que possuem condição de transitar com veículos automotores. Uma segregação por posse, que torna o equipamento inacessível a todos.

A ideia da mobilidade está intimamente ligada à ponte. Apesar de estática, ela preserva, além do passeio de pessoas e de veículos, o curso de água, de animais e de ventos. Em qualquer sentido, em cima ou embaixo. O movimento, que revela uma programação, é uma prática cotidiana que se manifesta como a repetição de ações em intervalos temporais que mostra um modo de presença, como define Oliveira (2014), caracterizado pela constância acional na cotidianidade.

A partir dele, há uma interação entre as pessoas e espaço em um regime de união. Isso quer dizer, segundo Oliveira (2014), que a ação dos sensibilizados ao significar o que é apreendido, em reciprocidade, também vai significá-los como parceiros de interação. Nesse sentido, a cidade, ou, no caso da Ponte da Passagem, é tratada como um sujeito com vários tipos de transitividade.

O movimento na ponte se constitui como uma atitude previsível, quase ensaiada. Todos na mesma direção, seguindo um fluxo, em espaços socialmente pré-determinados. Juntos, eles compõem um sistema de deslocamento local autônomo. Quando se observa de longe essa cena, percebe-se o regime de espaço do Tecido, proposto por Landowski (2015), diretamente ligado à continuidade. As pessoas nos carros, a ponte, a paisagem e a cidade estão conectados.

No entanto, quando se utiliza a ponte, transforma-se esse estado. Os sujeitos e o espaço se integram, em um regime de ajustamento, pelo movimento. Apesar da estacidade da ponte, ela permite os descolamentos, sendo o palco, o suporte dessa interação. A cidade passa a ser o pano de fundo de um micro-espaço vivo com sua territorialidade própria. Passa-se a viver a voluta, esse lugar experimentado do movimento dos corpos. Quem trafega pela ponte passa a fazer parte dela a partir do espaço do próprio corpo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Jornais A Gazeta e A Tribuna criaram novos papéis para a Ponte da Passagem em seus discursos. Com a análise dos recortes, foi possível chegar à presença e a não presença desse objeto na narrativa. Dessa forma, o processo de leitura semiótica da ponte resultou na apreensão dos efeitos de sentidos criados, que marcaram a transitoriedade do objeto também nesse campo da significação.

Entre esses efeitos de sentidos, destacam-se os temas de criação de um lugar de destaque, de uma referência geográfica, de um cartão postal e/ou um símbolo da cidade e de um espaço de violência. Por meio da manipulação e da programação, conforme pontuados nos regimes de espaço do tecido e da rede, a mídia impressa em questão, validando seu contrato fiduciário com o leitor, apresentou o discurso para fazer parecer verdade com o objetivo claro de persuasão.

A associação da ponte como um elemento de referência espacial na cidade, criado a partir de isotopias específicas, foi a mais marcante e constante no discurso dos jornais, que deram considerável destaque e visibilidade ao objeto para sua projeção, sobretudo no ano de sua inauguração. Apesar da quantidade de aparições não ter sido tão expressiva cinco anos depois, a ponte se fez presente nas narrativas dos periódicos com os mesmos efeitos de sentido postos anteriormente. Isso revela uma estratégia de manutenção e consolidação da imagem criada desse objeto pelos jornais. Pelo conteúdo, a ponte se apresenta, em 2014, como um equipamento que foi apropriado pelos moradores.

Essa construção simbólica midiática da ponte como elemento da cidade e, muitas vezes, como representação da urbe, quando abordada como símbolo, entre tantas paisagens e espaços importantes da cidade, revela as intencionalidades dos jornais e suas estratégias político-culturais para a criação narrativa desse novo lugar e de ampliação de sua visibilidade.

Os jornais impressos construíram com o leitor um regime de ajustamento com a parte de cima da ponte, a que é vista, a que é possível apreciar sua beleza, a paisagem da cidade, e onde acontece o movimento e interação estética dos sujeitos para a

mobilidade, que é a grande funcionalidade do equipamento. Essa é a parte em que se possui uma vivência programada que promove um bem-estar do destinatário com o espaço e promovendo um sentimento de pertencimento. O princípio desse regime é a sensibilidade, gerada a partir da cumplicidade entre os atores nessa ação.

Já com a parte de baixo da ponte, a mídia construiu a rejeição com a espetacularização do espaço como de violência. Isso influencia o desenvolvimento de uma nova relação com o lugar, pautado pelo preconceito e medo dos moradores na utilização do mesmo, sobretudo em determinados períodos do dia.

Os destinadores públicos, ou seja, autoridades do Governo do Estado e da Prefeitura de Vitória, “capitalizaram politicamente” a entrega da Ponte para a cidade, em 2009. É clara a presença constante e intencional de políticos na mídia em assuntos ligados à ponte. Em 2014, apesar da presença ter sido menor, registrou-se essa associação, no entanto, mais difusa. Nesse ano, moradores e leitores ficaram mais ativos como atores que falaram da ponte na mídia, o que também denota apropriação do objeto.

Outro ponto importante a ser destacado é a associação da Passarela à Ponte da Passagem como se integrassem um mesmo equipamento de mobilidade. Essa junção na narrativa midiática minimizou os efeitos negativos, junto à sociedade, dessa separação dos pedestres da Ponte da Passagem – uma quebra nessa passagem centenária pelo equipamento. Provavelmente ela foi construída no ano de inauguração da passarela, em 2010, e, por isso, não tenha sido identificada por esta pesquisa, cuja proposta de análise de publicações é de 2009 e 2014.

Apesar de não ser possível medir nesta pesquisa o nível da influência das mídias sobre a relação entre os moradores/leitores e a ponte, as “verdades criadas” tiveram, em linhas gerais, um bom nível de aceitação entre o público entrevistado na pesquisa de campo. A divulgação de notícias diária e já cotidiana da ponte, não percebida pela maioria dos entrevistados a longo prazo, interferiu no modo de ver ou de pensar dos cidadãos. Eles, por sua vez, somaram a vivência do objeto mediada pela mídia à experiência física vivenciada diretamente com a ponte, a partir de seus valores e visões de mundo.

No entanto, nem tudo que foi posto pelo jornal foi acolhido. Um exemplo foi a tentativa frustrada de A Gazeta de desconstruir o nome original da ponte para colar o nome

oficial da Ponte Governador Carlos Lindenberg, como estratégia de valorização política do grupo Lindenberg no cenário de Vitória. Todos os grupos de entrevistados, incluindo os não leitores, discordaram que a ponte tivesse outra nomenclatura. Isso comprova que a mensagem midiática não é imediatamente aceita pelos seus receptores após a veiculação.

Essas constatações nos permitem avançar sobre as espacialidades criadas pelos jornais que, sobrepostas às características da ponte e da percepção espacial dos moradores, criam um “habitar” singular, produto desse processo comunicativo entre mídia, sujeito e espaço.

A leitura semiótica, apesar de ser desenvolvida individualmente pelo pesquisador com metodologia dessa área de conhecimento, demonstrou que a ponte é na realidade, um objeto sincrético, pois reúne várias linguagens. Com a apreensão e descrição das mesmas, foi possível identificar as experiências vividas que constituem o seu significado.

Seria uma incoerência apresentar aqui qualquer fechamento de ideias sobre a Ponte da Passagem, que, pelas reflexões apresentadas nesta pesquisa, se constitui em um objeto aberto, transitivo e dinâmico. No contexto espacial em que está inserida e que está em processo de consolidação, o que se deve esperar do objeto é que apresente novas presenças e proporcione, como ocorreu ao longo de sua história, novas significações pessoais e midiáticas. A Ponte da Passagem, objeto que carrega em seu nome a relação com o lugar e ação de deslocamento, vai continuar a promover movimentos e renovações simbólicas dinâmicas no âmbito da cidade.

## REFERÊNCIAS

BUORO, A. **Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte**. São Paulo. EDUC/Fapesp/Cortez, 2002.

CAMPOS JÚNIOR, C. T. de. **O novo arrabalde**. Vitória: PMV, Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, 1996.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1997.

CERTAOU, M. de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petropolis: Vozes, 2007.

COTRIM, L. R. **A ponte estaiada Otávio Frias de Oliveira na construção de sentidos de São Paulo**. São Paulo: Estação das Cores e Letras, 2014.

DI FELICE, M. **Paisagens pós-urbanas: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar**. São Paulo: Annablume, 2009.

FERRARA, L. D'Á.. **Comunicação Espaço Cultura**. 1ª. ed. São Paulo: Annablume, 2008.

\_\_\_\_\_. **Cidade: meio, mídia e mediação**. In: *Matrizes*. Volume 2, p. 39-53, abril, 2008.

\_\_\_\_\_. **As mediações da paisagem**. Revista Líbero, v. 15, n. 29 (junho 2012). São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, junho, 2012.

FIORIN, J. L. **Semiótica e comunicação**. Galáxia (PUC-SP), São Paulo, v.8, p. 13-30, 2004.

\_\_\_\_\_. **Linguagem e ideologia**. 3. Ed. São Paulo: Ática, 2011, 88p.

FEATHERSTONE, M. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FECHINE, Y.; VALE NETO, J. P. **Regimes de interação em práticas comunicativas: experiência de intervenção em um espaço popular em Recife (PE)**. p. 1-15. Disponível em [http://compos.com.puc-rio.br/media/gt4\\_yvana\\_fechine\\_joao\\_netto.pdf](http://compos.com.puc-rio.br/media/gt4_yvana_fechine_joao_netto.pdf)

FLOCH, J.M. **Petites mythologies de l'œil et de l'esprit: pour une sémiotique plastique**. Paris/Amsterdam: Hadés/Benjamins, 1985.

FOUCAULT, M. **Outros espaços**. In: Ditos e escritos, IV. Rio de Janeiro, Forence Universitária, 2003.

GREIMAS, A. J. **Semiótica e Ciências Sociais**. Tradução Hakira Osacabe e Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix: Ediusp, 1976.

\_\_\_\_\_. **Semântica estrutural**. Tradução Hakira Osacabe e Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix: Ediusp, 1973.

\_\_\_\_\_. A. J. (1984). **Semiótica figurativa e semiótica plástica**. In: OLIVEIRA, Ana Cláudia de (Org.) *Semiótica Plástica*. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

\_\_\_\_\_. e COURTÉS, J., **Dicionário da Semiótica**. São Paulo: Ed. Contexto, 2008, p. 400.

HAESBAERT, R. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. In: I Seminário Nacional sobre Múltiplas Territorialidades, 2004, Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, ULBRA, AGB, 25f, 2004a (no prelo).

\_\_\_\_\_. Seminário de Comunicação e Territorialidades, 2, Vitória, 2015.

HAMMAD, M. **Expressão espacial da enunciação**. São Paulo: CPS, 2005.

HEIDEGGER, M. **"Construir, habitar, pensar"**. In: *Ensaio e conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2010.

HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

KELLNER, D. **A cultura da mídia**. Bauru: EDUSC, 2001.

LANDOWSKI, E. **A Sociedade Refletida: ensaios de sociosemiótica**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: EDUC Pontes, 1992.

\_\_\_\_\_. **Presenças do Outro: ensaios de sociosemiótica II**. Tradução Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2002.

\_\_\_\_\_. **Modos de presença do visível**. In Oliveira, A.C (Org). *Semiótica Plástica*. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

\_\_\_\_\_. **Flagrantes delitos**. *Galáxia* (São Paulo, Online), n. 8, p. 31-69, out. 2004.

\_\_\_\_\_. **Regimes do espaço**. *Galaxia* (São Paulo, Online), n. 29, p. 10-27, jun. 2015.  
<http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542015122804>

MARTINUZZO, J.A. (Org.). **Quase 200: a imprensa na história capixaba**. Vitória: DIO, 2008.

McCOMBS, M; SHAW, D. **The agenda-setting function of mass media**. Disponível em:[http://www.unc.edu/~fbaum/teaching/PLSC541\\_Fall06/McCombs%20and%20Shaw%20POQ%201972.pdf](http://www.unc.edu/~fbaum/teaching/PLSC541_Fall06/McCombs%20and%20Shaw%20POQ%201972.pdf)

MARZULO, Eber Pires. **Cotidiano & espaço**. Porto Alegre : UFRGS, Faculdade de Arquitetura, 1997, p.15.

OLIVEIRA, A. C. de T., L. (Orgs.). **Linguagens na comunicação. Desenvolvimentos de semiótica sincrética**. São Paulo: CPS e Estação das Letras e das Cores, 2009.

\_\_\_\_\_. A. C. de (2014). **Interação e sentido nas práticas de vida**. In *Revista Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, pp.179-198. Acessível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/783>.

\_\_\_\_\_. A. C. de (Org). **Semiótica Plástica**. São Paulo: Hackers, 2004.

PALLAMIN, V. M.. **Arte urbana e espaços públicos: aspectos da cultura urbana**. *Sinópses (USP)*, São Paulo, v. 30, p. 24-29, 2000.

SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

REBOUÇAS, M. e MAGRO, A. **Cidade que mora em mim**. Vitória: EDUFES, 2009.

RIBEIRO, V.C.M., MERLO, P.M.S. **Uma nova passagem**, 1ª ed. Vitória: Gráfica e Editora GSA, 2009.

SAINT-HILARE, A. **A viagem ao Espírito Santo e Rio Doce**. Belo Horizonte: Ed. Italaia/Ed.USP, 1974, p. 92.

SALLES, M. L. M. **Valores em circulação: A Gazeta na Sala de Aula**. 2012.160f. Tese (doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação,, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2012.

#### Meios digitais

PONTE DA PASSAGEM É PATRIMÔNIO CONTEMPORÂNEO, 2009. Disponível em [http://vitoria.es.gov.br/cidade/patrimonios-contemporaneos#a\\_pontedapassagem](http://vitoria.es.gov.br/cidade/patrimonios-contemporaneos#a_pontedapassagem). Acesso em: 21 de agosto de 2014.

HISTÓRIA DOS BAIROS DE VITÓRIA, 2007. Disponível em <http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/bairros/regiao6/jardimdapenha.asp>. Acesso em: 10 de março de 2016.

PRAÇA E CALÇADÃO NA NOVA PONTE DA PASSAGEM, 2009. Disponível em [http://gazetaonline.globo.com/\\_conteudo/2009/08/noticias/a\\_gazeta/dia\\_a\\_dia/526969-praca-e-calcadao-na-regiao-da-nova-ponte-da-passagem.html](http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2009/08/noticias/a_gazeta/dia_a_dia/526969-praca-e-calcadao-na-regiao-da-nova-ponte-da-passagem.html). Acesso em: 31 de maio de 2016.

EXPLORAÇÃO ECONÔMICA DA PONTE DA PASSAGEM, 2016. Disponível em: <http://www.vitoria.es.gov.br/noticia/empresas-poderao-explorar-area-na-cabeceira-da-ponte-da-passagem-19025>. Acesso em 23 de dezembro de 2015.

## APÊNDICE A

### Modelo de Formulário de Pesquisa Aplicada

#### Primeira etapa – Dados pessoais

Nome:

Idade:

Telefone:

Profissão:

Escolaridade:

Bairro:

Cidade:

É leitor de jornal impresso? Qual? \_\_\_\_\_

Com que frequência você lê o jornal?

Sempre    quase sempre    de vez em quando    raramente    nunca

Quanto usa a Ponte da Passagem?

Sempre    quase sempre    de vez em quando    raramente    nunca

Como era sua relação com a antiga Ponte da Passagem?

\_\_\_\_\_

Quais as diferenças da Antiga e a Nova Ponte?

\_\_\_\_\_

O que acha da nova ponte?

---

---

### **Segunda etapa: perguntas**

#### **A Ponte da Passagem é um lugar de destaque na cidade.**

(00) discordo totalmente, (2 ) discordo, (4) discordo parcialmente, (6) concordo em partes, (8) concordo, ( 10) totalmente de acordo

#### **A Ponte da Passagem é um objeto grandioso.**

(00) discordo totalmente, (2 ) discordo, (4) discordo parcialmente, (6) concordo em partes, (8) concordo, ( 10) totalmente de acordo

#### **A Ponte da Passagem é uma referência de localização geográfica em Vitória.**

(00) discordo totalmente, (2 ) discordo, (4) discordo parcialmente, (6) concordo em partes, (8) concordo, ( 10) totalmente de acordo

#### **A Ponte da Passagem é um cartão postal.**

(00) discordo totalmente, (2 ) discordo, (4) discordo parcialmente, (6) concordo em partes, (8) concordo, ( 10) totalmente de acordo

#### **A Ponte da Passagem é um símbolo de Vitória.**

(00) discordo totalmente, (2 ) discordo, (4) discordo parcialmente, (6) concordo em partes, (8) concordo, ( 10) totalmente de acordo

#### **A Ponte da Passagem é um lugar de violência.**

(00) discordo totalmente, (2 ) discordo, (4) discordo parcialmente, (6) concordo em partes, (8) concordo, ( 10) totalmente de acordo

**A Ponte da Passagem já foi conhecida por outro nome.**

(00) discordo totalmente, (2 ) discordo, (4) discordo parcialmente, (6) concordo em partes, (8) concordo, ( 10) totalmente de acordo

**Os jornais publicam muitas notícias sobre a Ponte da Passagem.**

(00) discordo totalmente, (2 ) discordo, (4) discordo parcialmente, (6) concordo em partes, (8) concordo, ( 10) totalmente de acordo